

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

RAFAEL MARACAJÁ ANTONINO

A ASCENSÃO DE JAIR BOLSONARO AO PLANALTO: a invisibilidade feminina e
as performances de uma masculinidade heteronormativa como elementos de
mobilização política

Campina Grande

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

A ASCENSÃO DE JAIR BOLSONARO AO PLANALTO: a invisibilidade feminina e
as performances de uma masculinidade heteronormativa como elementos de
mobilização política

Orientadora:

Elizabeth Christina de Andrade Lima

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para a obtenção do Grau de Doutor em Ciências Sociais.

Campina Grande

2023

A635a

Antonino, Rafael Maracajá.

A ascensão de Jair Bolsonaro ao Planalto: a invisibilidade feminina e as performances de uma masculinidade heteronormativa como elementos de mobilização política / Rafael Maracajá Antonino. – Campina Grande, 2023.

194 f. : il. color.

Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2023.

"Orientação: Profa. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima".

Referências.

1. Gênero – Invisibilidade Feminina. 2. Jair Bolsonaro – Neoconservadorismo. 3. Redes Sociais – Facebook. 4. Misogênia. I. Lima, Elizabeth Christina de Andrade. II. Título.

CDU 305-055.2(043)



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
POS-GRADUACAO EM CIENCIAS SOCIAIS
Rua Aprígio Veloso, 882, - Bairro Universitario, Campina Grande/PB, CEP 58429-900

FOLHA DE ASSINATURA PARA TESES E DISSERTAÇÕES

RAFAEL MARACAJÁ ANTONINO

A ASCENÇÃO DE JAIR BOLSONARO AO PLANALTO: A INVISIBILIDADE FEMININA NAS PERFORMANCES DE UMA MASCULINIDADE HETERONORMATIVA COMO ELEMENTOS DE MOBILIZAÇÃO POLÍTICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais como pré-requisito para obtenção do título de Doutor em Ciências Sociais.

Aprovada em: 28/08/2023

Profa. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima - PPGCS/UFCG
Orientadora

Prof. Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota - PPGCS/UFCG
Examinador Interno

Prof. Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior - PPGCS/UFCG
Examinador Interno

Profa. Dra. Esther Solano Galêgo - PPGHDL/UNIFESP
Examinadora Externa

Profa. Dra. Alomia Abrantes da Silva - UEPB

Examinadora Externa



Documento assinado eletronicamente por **ELIZABETH CHRISTINA DE ANDRADE LIMA, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/08/2023, às 18:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **RONALDO LAURENTINO DE SALES JUNIOR, PROFESSOR(A) DO MAGISTERIO SUPERIOR**, em 29/08/2023, às 18:25, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Esther Solano Gallego, Usuário Externo**, em 29/08/2023, às 18:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **JOSE MARIA DE JESUS IZQUIERDO VILLOTA, PROFESSOR**, em 25/09/2023, às 15:15, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **ALÔMIA ABRANTES DA SILVA, Usuário Externo**, em 25/09/2023, às 16:35, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **3740584** e o código CRC **7E57E3D3**.

DEDICATÓRIA

À minha mãe Rufina Maracajá (in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a existência do ensino público e universal no Brasil. Sou fruto disto, vivenciei esse ambiente desde a antiga primeira série até este curso de pós-graduação. Essa gratidão é extensiva às professoras e aos professores que me fizeram enquanto trajetória. Daí saiu um filho do Cariri da Paraíba que se tornou Doutor.

Uma menção especial ao Programa de pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande por me proporcionar o conhecimento com senso crítico e, de forma carinhosa, à minha orientadora e parceira de pesquisa Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima, pelo seu respeito às minhas ideias e à liberdade criacionista concedida.

Enfim, costumo dizer que o Programa provocou um reencontro com meu eu, obrigado por tudo. Aos colegas, aos professores, aos funcionários, meu carinho. À CAPES, obrigado por existir e fomentar o conhecimento, por proporcionar que filhos do povo possam produzir saberes científicos, tive o privilégio de passar pelo Mestrado e Doutorado com bolsa e espero retribuir isto para sociedade por muitos anos.

Aos que estarão na banca e que de alguma forma são parte deste texto pois participaram em algum momento dessa construção, meu carinho. Dra. Esther Solano Gallego, Dra. Alomia Abrantes da Silva, Dr. José Maria de Jesus Izquierdo Villota e Dr. Ronaldo Laurentino de Sales Júnior desde já meu agradecimento. Além disso, não poderia deixar de registrar as contribuições do professor Dr. Luiz Henrique Cunha, que de alguma forma esteve presente ao longo dessa caminhada.

Ao meu filho Anthony Rafael, obrigado por me ensinar como ser pai e desde já aceite meu pedido de desculpas pela ausência durante esses anos de travessia. Te amo muito meu “Lero Lero”.

À minha companheira de muitas vidas Adma Andrade, que sonhou comigo isto, juntos com diversos outros sonhos que estaremos sempre realizando, agora juntos. Te amo. À Maria Fernanda por toda sua presença cheia de “amosidade”.

Tenho que agradecer de uma forma muito amorosa à minha tia Jaci Maracajá, que fez o papel materno por toda minha vida, mas de forma peculiar nos últimos anos,

sempre incentivando, apoiando minhas escolhas e nesse ato representando minha mãe Rufina Sousa Maracajá, já que ela não se encontra entre nós fisicamente.

À minha irmã Vitória Maracajá, meu eterno bebê, com quem aprendi a cuidar do outro, meu cheiro. Ao meu pai José Antonino por sua dedicação para esta realização e ao meu irmão Gabriel pelo incentivo. Através de vocês deixo meu abraço a todas e todos os familiares indistintamente.

Aos irmãos que me foram apresentados ainda na infância e que hoje estão presentes no grupo “Amigos da Rua”, carregarei de vocês eternamente uma memória afetiva de nossas histórias, um carinho que nos vinculará por muitas vidas e minha gratidão.

Aos parceiros do “FIFA, Tretas e muito + obrigado” pelas risadas em momentos difíceis. Também não poderia esquecer amigos importantes que colaboraram de maneira decisiva com boas conversas, sugestões e leituras, entre estes, devo destacar Valmi Oliveira, Zizo Mamede e Paulo Diniz, através de vocês abraço todas as amigas e amigos.

Aos colegas e às colegas de trabalho, companheiras/companheiros de luta e sonhos de um mundo melhor, minha gratidão e meu agradecimento pela compreensão aos momentos em que estive ausente e pelas diversas vezes que falhei com vocês.

À Flávia e Romualdo Quirino, com quem venho compartilhando desafios intensos nos últimos anos e em meio às provocações da pesquisa, algo que me motiva para buscar, sempre, novos horizontes e possibilidades. Obrigado pelas diversas vezes que vocês foram obrigados a me acolher e compreender.

Enfim, a cada pessoa que de alguma forma faz parte deste texto, meu eterno abraço.

EPÍLOGO

“Seja qual for a liberdade pela qual lutamos, deve ser uma liberdade baseada na igualdade”, Judith Butler.

RESUMO

Esta Tese tem como objetivo estudar o processo de ascensão de Jair Messias Bolsonaro ao Palácio do Planalto, compreendendo o fenômeno através da sua página do *Facebook*. Tivemos como desafio analisar os aspectos que foram canalizadas politicamente por um Capitão do Exército enquanto ele caminhava até o cargo eletivo mais importante do país. Para tanto, primeiro fizemos um recorte mais geral através das questões neoliberais, observando dentro desse contexto a força do neoconservadorismo e, finalmente, dirigimos nossa reflexão para as questões de gênero. Nesse percurso, coletamos as postagens com imagens entre junho de 2013 e outubro de 2018 (período que compreende sua entrada na rede até a vitória para Presidente) do referido núcleo digital, transformando posteriormente em dados quantitativos. Em seguida avançamos em outras formas de abordagem trazendo como o militarismo foi a porta de entrada da família na política e que eles não cediam espaço para outros atores da direita enquanto protagonistas da rede. Ao final, destacamos a hipertextualização da sexualidade infantil enquanto instrumento de afloramento do ódio contra setores da esquerda, transmitindo a ideia de caos moral e apontando o campo religioso/militar como instrumento de salvação. E, por fim, destacamos como a invisibilidade feminina e as performances de uma masculinidade heteronormativa foram mobilizadas eleitoralmente nesse itinerário de disputas da sociedade brasileira.

Palavras Chaves: Jair Bolsonaro, Neoconservadorismo, Gênero, Redes Sociais

ABSTRACT

This thesis aims to study the rise process of Jair Messias Bolsonaro to the Planalto Palace, understanding the phenomenon through his Facebook page. We had the challenge of analyzing the aspects that were politically channeled by an Army Captain as he walked to the most important elected office in the country. To do so, we first made a more general cut through neoliberal issues, observing within this context the strength of neoconservatism and, finally, we directed our reflection to gender issues. Along the way, we collected posts with images between June 2013 and October 2018 (period that includes his entry into the network until his victory for President) from the said digital core, later transforming them into quantitative data. Then we moved on to other forms of approach, bringing how militarism was the family's gateway into politics and that they did not give way to other right-wing actors as protagonists of the network. In the end, we highlight the hyperexposure of childhood sexuality as an instrument for the emergence of hatred against sectors of the left, conveying the idea of moral chaos and pointing to the religious/military field as an instrument of salvation. And, finally, we highlight how female invisibility and the performances of a heteronormative masculinity were mobilized electorally in this itinerary of disputes in Brazilian society.

Keywords: Jair Bolsonaro, Neoconservatism, Gender, Social Networks,

RESUMEN

Esta Tesis tiene como objetivo estudiar el proceso de ascenso de Jair Messias Bolsonaro al Palacio del Planalto, entendiendo el fenómeno a través de su página de Facebook. Tuvimos el desafío de analizar los aspectos que canalizó políticamente un Capitán del Ejército en su camino hacia el cargo electivo más importante del país. Para ello, primero hicimos un recorrido más general por las cuestiones neoliberales, observando en este contexto la fuerza del neoconservadurismo y, finalmente, dirigimos nuestra reflexión a las cuestiones de género. En el camino, recolectamos publicaciones con imágenes entre junio de 2013 y octubre de 2018 (período que comprende su ingreso a la red hasta su victoria en la presidencia) de dicho núcleo digital, para luego transformarlas en datos cuantitativos. Luego pasamos a otras formas de acercamiento, trayendo cómo el militarismo fue la puerta de entrada de la familia a la política y que no cedieron el paso a otros actores de derecha como protagonistas de la red. Al final, destacamos la hipertextualización de la sexualidad infantil como instrumento para el surgimiento del odio contra sectores de izquierda, transmitiendo la idea de caos moral y apuntando al campo religioso/militar como instrumento de salvación. Y, finalmente, destacamos cómo la invisibilidad femenina y las actuaciones de una masculinidad heteronormativa fueron movilizadas electoralmente en este itinerario de disputas en la sociedad brasileña.

Palabras clave: Jair Bolsonaro, Neoconservadurismo, Género, Redes Sociales,

RÉSUMÉ

Cette thèse vise à étudier le processus d'ascension de Jair Messias Bolsonaro au Palais du Planalto, en comprenant le phénomène à travers sa page Facebook. Nous avons eu le défi d'analyser les aspects politiquement canalisés par un capitaine de l'armée alors qu'il se dirigeait vers le bureau élu le plus important du pays. Pour ce faire, nous avons d'abord fait une coupe plus générale des questions néolibérales, observant dans ce contexte la force du néoconservatisme et, enfin, nous avons orienté notre réflexion vers les questions de genre. En cours de route, nous avons collecté des messages avec des images entre juin 2013 et octobre 2018 (période qui comprend son entrée dans le réseau jusqu'à sa victoire à la présidence) à partir dudit noyau numérique, les transformant ensuite en données quantitatives. Ensuite, nous sommes passés à d'autres formes d'approche, en amenant comment le militarisme était la porte d'entrée de la famille en politique et qu'ils ne cédaient pas la place à d'autres acteurs de droite en tant que protagonistes du réseau. Au final, nous soulignons l'hyperexposition de la sexualité infantile comme instrument d'émergence de la haine contre des secteurs de gauche, véhiculant l'idée de chaos moral et désignant le champ religieux/militaire comme instrument de salut. Et, enfin, nous soulignons comment l'invisibilité féminine et les performances d'une masculinité hétéronormative ont été mobilisées électoralement dans cet itinéraire de conflits dans la société brésilienne.

Mots-clés : Jair Bolsonaro, néoconservatisme, genre, réseaux sociaux,

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1- O percurso como elemento de análise.....	22
1.1- A queda de Dilma Rousseff como o início.....	27
1.2- As visibilidades provocadas pelo governo Michel Temer (MDB).....	38
1.3- A ascensão da pauta conservadora com a vitória de Jair Bolsonaro.....	54
2- Os números, nem sempre, falam.....	68
2.1- As idas e vindas de uma trajetória.....	81
2.2- A página de Jair Messias Bolsonaro no <i>Facebook</i> como objeto de análise.....	96
3- Deus, Pátria, Família e Liberdade: o universo do Capitão.....	103
3.1- Os primeiros indícios numéricos e a construção de inimigos.....	122
3.2- A sexualidade como instrumento do ódio.....	132
3.3- O militarismo, uma porta de entrada no campo político.....	147
3.4- O visível e o invisível, ambos falam.....	158
3.5- A misoginia e o culto ao masculino como força política.....	169
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	180
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	189

INTRODUÇÃO

Estamos transcorrendo o ano de 2023, precisamente o final do mês de julho. Como companhia temos o cheiro do café e o frio que frequenta Campina Grande, cidade localizada no interior da Paraíba. Vamos para mais uma manhã de uma rotina exaustiva de leituras, escrita, ajustes, cortes, releituras, inseguranças e passos adiante.

Como de costume, paramos, quase sempre, para ler as notícias políticas nacionais e estaduais, ver os principais fatos do dia, o que ganha destaque e como se comporta a rede de acordo com os acontecimentos. Esse foi um hábito que ficou como herança do transcurso acadêmico, desde o mestrado.

Em meio as manchetes em evidência, parei o olhar na que trazia o seguinte texto: “Michelle Bolsonaro conduz encontro do PL (Partido Liberal) na Paraíba e Bolsonaro participa por vídeo”.¹ Na foto que acompanhava a reportagem era marcante a presença de diversas mulheres, com a ex-primeira-dama em primeiro plano.

Essa poderia ser uma reportagem isolada, mas não é. Vem sendo algo recorrente depois da derrota de Jair Messias Bolsonaro (PL) para Luiz Inácio Lula da Silva (PT) no processo eleitoral de 2018, a agenda de Michelle Bolsonaro em viagens pelo Brasil enquanto presidenta do PL mulher.

A visibilidade de uma mulher ganha terreno dentro da família Bolsonaro, sendo uma novidade que merece nosso registro. Ou seja, não podemos deixar isto no campo da invisibilidade.

Dito isto, não é nosso foco compreender os motivos desse processo de transformação, como ela passa a ser protagonista da agenda política do clã. Mas, apresentamos esse contexto como um indício de como o recorte de gênero pode ser algo explicativo dos fenômenos políticos que aconteceram nos últimos anos no Brasil.

A questão de gênero é algo central do nosso trabalho? Acredito que não, como vocês poderão ver adiante, mas nos foi apresentada ao longo do itinerário, enquanto percurso, na dinâmica de abordagem e que tentamos atribuir visibilidade com título,

¹ Disponível em: <https://f5online.com.br/michelle-bolsonaro-conduz-encontro-do-pl-na-paraiba-e-bolsonaro-partidos-por-video/> Acesso em: 06/08/2023

encarando como um ponto de chegada, depois jornada que vamos mergulhar, juntos, ao longo da leitura do texto.

Nesse sentido, é importante colocar alguns elementos, de maneira introdutória, entre os que vocês irão encontrar pela frente. Ficarão evidente os pilares fundamentais para construção desse processo, as abordagens, as perspectivas. Não só, como isso aconteceu dentro de uma dinâmica fluída, com intensidade, mas que tentamos preservar a capacidade de abstração e observação a cada nova curva.

Uma primeira questão que merece esse registro preliminar, é que, nas palavras que ganharam forma aqui, não está presente apenas a figura do pesquisador, do cientista social, alguém que só tem o DNA da academia.

Pelo contrário, foi determinante, e é algo perceptível, a vivência enquanto militante, a convivência com diversos segmentos sociais e a participação em processos eleitorais em lugares estratégicos, mesmo que isto tenha significado, algumas vezes, a distância da frieza científica. Isto estará presente em cada frase construída, em cada palavra escrita e nos dados analisados.

Ao mesmo tempo que isto acontecia, em nenhum momento deixamos de coletar o material empírico, dos mais variados formatos, fontes, perspectivas metodológicas, olhares e percepções. Este quadro era desenhado diante de fatos ou acontecimentos que viravam pauta nas redes e nas ruas, mas também levando em consideração uma base teórica já construída como chave explicativa.

Então, após o *impeachment* de Dilma Rousseff (PT), recorte que trabalhamos ao longo do nosso mestrado na perspectiva de gênero, vivenciamos o governo Michel Temer (MDB) e as visibilidades provocadas por sua agenda, que tinha como sustentáculo as reformas neoliberais do Estado brasileiro, justificadas pela suposta necessidade de modernização, algo denominado de “Ponte para o futuro”.

Foi nesse contexto que começamos a escrever o Projeto de Doutorado. De alguma forma, isto foi determinante para mergulharmos na perspectiva neoliberal como forma de encontrar chaves explicativas para o avanço do conservadorismo no Brasil, sem ainda personalizar na figura de Jair Messias Bolsonaro, mas já mirando como objeto as Redes Sociais Virtuais.

Então, ao ir descrevendo essa conjuntura, vocês constatarão um diálogo com Wendy Brown (2018) e a discussão feita no livro “Nas ruínas do neoliberalismo – a

ascensão da política antidemocrática no ocidente”. Não só, entra no debate, também, Dardot e Laval (2016), com as observações sobre uma racionalidade neoliberal, paradigma que pavimentou, desde o início, uma plataforma filosófica para nossa análise e que é algo marcante em todo o nosso trajeto.

Diante desse quadro, mergulhamos nos conceitos neoliberais, nas suas origens, tentando compreender sua ascensão desde o Colóquio de Walter Lippmann (1938) até o contexto atual, tentando desvendar como algo que vai muito além de uma política econômica, conquistando mentes e corações de parte significativa da população mundial atual.

No meio dessa conversa ainda colocamos na roda Foucault, resgatamos inúmeros conceitos que já haviam sido utilizados no processo de observação que tomou como base o olhar de gênero, mas também buscamos outros que tem influenciado nas abordagens do neoliberalismo atual. Assim, foram sendo oportunizados enquanto ferramentas de exame, na medida que a caminhada avançava. Como exemplo podemos mencionar seus ensinamentos sobre poder, formatação dos sujeitos, sociedades disciplinares, biopolítica e a própria sexualidade.

Passado esse panorama, vem a eleição presidencial de 2018, que teve a intensidade como marca, com diversos acontecimentos que entraram para a história do nosso país, entre eles a prisão do atual presidente Luiz Inácio Lula da Silva e a facada sofrida pelo então candidato, que na ocasião foi eleito presidente, Jair Messias Bolsonaro (naquele momento no PSL).

Como vocês poderão ler, vivenciei de maneira muito próxima essa campanha, o que acabou por influenciar algumas tomadas de decisões, e, nesse momento, me aproximei das questões neoconservadoras e da análise das redes virtuais como tentativa de compreensão dos momentos que passamos nas ruas.

Ficará perceptível, no momento oportuno, a quantidade significativa de matérias, notícias e abordagens sobre o impacto das ferramentas digitais naquele processo eleitoral, observações feitas levando em consideração as “*Fakes News*” (conceito que será trabalhado ao longo do texto), que, em sua maioria, envolviam o tema da sexualidade e tinham como protagonistas as crianças.

No processo de transição entre a eleição e os primeiros momentos do governo Bolsonaro, a pauta religiosa ganha certa visibilidade, principalmente pelo apoio

performático dos evangélicos a temas que forma os pilares centrais nas estruturas de poder institucionais estabelecidas.

Uma Direita Cristã ganha forma e cores. É uma constante sua mobilização por meio de uma retórica agressiva para construção dos inimigos que vão sendo construídos diante dos escombros deixados pelos governos petistas, especialmente através dos ataques que deslegitimaram a mulher que ocupava a presidência, Dilma Rousseff (PT).

No primeiro momento, navegamos, sem muitas definições, por esse horizonte. Tínhamos como foco compreender a ascensão neoconservadora no Brasil tomando como objeto as Redes Sociais Virtuais, e, apesar de já reconhecer o papel de Bolsonaro no processo, ainda não havia definido ele enquanto ator ou mesmo suas redes como objeto de nossa pesquisa.

Então seguimos, coletando utensílios analíticos e convivendo com os acontecimentos que, de alguma forma, estão presentes aqui, sendo parte do processo e influenciando, em diferentes medidas, os caminhos que escolhemos, inclusive erros e acertos que, por segurança crítica, evidenciamos ao longa dessa construção textual em curso.

Todos os dias, impreterivelmente, observávamos o mundo *online*, sentindo o impacto dos acontecimentos. Fizemos isto de forma rotineira e diária, acumulando um amplo material que contém desde matérias de jornais, passando por capas de revistas, até análises estruturais da própria rede social e suas conexões.

Esse emaranhado empírico foi refletido no rito de qualificação, que sofreu diversas críticas por não ter um foco, um objeto definido. Estamos aqui no período que antecede a eleição de 2022, algo que representa a derrocada de Bolsonaro, mas não do bolsonarismo.

Nesse intercurso ganhou protagonismo um olhar questionador sobre os dados fornecidos pelas empresas que dominam a *internet* e o capitalismo informacional. Não só, lembramos o escândalo da “*cambridge analytica*”², algo que impactou a ideia de verdade sobre os números e narrativas, ajudando a quebrar o romantismo, que ainda é presente, relacionado a uma sociedade em rede.

² Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-valor-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml>> Acesso em: 23/09/2023

Então, começamos ter contato com uma literatura que torna visível a discussão sobre um novo colonialismo, dessa vez de dados, em que o poder, construído através de saberes virtuais, é exercido por grandes empresas que tem capacidade de armazenamento e que, em sua maioria, estão situadas nos países ricos.

Diante desse quadro, começamos fazer um esforço em categorizar quase 8 (oito) gigabytes em arquivos acumulados ao longo dos últimos quatro anos. Primeiro atribuindo uma ordem cronológica, depois temática. Essa dinâmica foi decisiva para encontrarmos os caminhos empíricos que ainda serão apresentados. Estamos em maio de 2023, ou seja, o tempo não era um aliado e assim seguimos.

Como consequência disto, decidimos observar a página do *Facebook* de Jair Messias Bolsonaro, esse foi um outro passo, que no momento oportuno será contextualizado. Em seguida, pelo curto espaço de tempo, decidimos focar nas imagens. Para, por fim, tentar traduzir em números o conteúdo das postagens.

Nesse sentido, foram coletadas 844 (oitocentas e quarenta e quatro imagens), a primeira postada no dia 14 de junho de 2013, período que coincide com as jornadas de junho, momento que ele relembra e exalta seu passado de militar; e a última é justamente a comemoração de sua vitória em 28 de outubro de 2018.

Diante disso, começamos criar variáveis que pudessem nos ajudar na análise, fazendo vários passeios sobre o material arquivado. Entre as condicionantes construídas podemos destacar a data da publicação, passando pelo engajamento, até a presença de elementos como os atores envolvidos na narrativa, a origem do conteúdo e presença de mulheres na moldura, por exemplo.

Todavia, mesmo fazendo esse passeio quantitativo, o nosso maior aprendizado foi observar de maneira individual e qualitativa cada publicação, por diversas vezes. Daí inúmeros questões emergiram e ganharam a forma textual que, mais adiante, vocês poderão mergulhar.

É necessário observar, também, a intensidade da escrita. Terminamos a construção desses dados no final do dia 15 de junho, começamos escrever na manhã seguinte. Concluímos tudo em 14 de agosto de 2023. Ou seja, em menos de dois meses tudo isto ganhou vida.

Todo esse processo, com idas e vindas, encontros e desencontros, leituras e releituras, acertos e desacertos, foi, sobretudo, um processo de aprendizado constante.

Tentamos traduzir isto nos parágrafos que foram ganhando forma, seguindo um fluxo de reflexão.

Então, o leitor não vai encontrar uma escrita fria, distante, presa aos muros da universidade. Nos colocamos, algumas vezes, como um interlocutor, alguém que presenciou os fatos, viveu em diferentes posições os episódios e, muitas vezes, foi envolvido por eles.

Isto é uma justificativa para possíveis erros? Pode ser encarado dessa forma, mas, também, ao deixar isto bem evidente tenho convicção que conseguimos passar uma segurança analítica necessária para o momento atual. Vivemos um tempo de acontecimentos, cada vez mais efêmeros, que carregam como marca a fluidez, e a *internet* é um exemplo disto.

Todavia, ao mesmo tempo, o universo virtual também é um ambiente propício para deixar rastros, o que, de alguma forma, pode facilitar a vida do pesquisador, a exemplo do que fizemos: revisitar fatos que ocorreram entre 2013 e 2018 através das publicações de um ex-capitão do Exército em seu *Facebook*.

Como já colocado, e vocês poderão observar posteriormente, nosso percurso foi longo e intenso. Tanto pelo momento vivenciando, que impactou a vida política do Brasil e, em particular, a minha vida pessoal; como pelas dificuldades enfrentadas em relação ao próprio campo de pesquisa.

O texto acompanha esse processo, mostra um itinerário. Assim, ao mesmo tempo que traz fatos, vai apresentando como isto contribuiu para seu formato final, como foi influenciando nossas decisões, e, de que maneira ficou marcado no percurso através do texto.

Isto fica mais explícito nos dois primeiros capítulos, que demonstra, por exemplo, que o tema gênero não estava desenhado nos planos iniciais e que foi algo apresentado nos momentos finais desta construção. Não só, como nosso olhar foi sendo induzido pelas pautas visíveis, e isto apareceu no material coletado antes da tomada de decisão de ir classificar as imagens do “face” de Bolsonaro. Até então, não tínhamos conseguido observar o não-dito.

Diante e depois disso, partimos ao último capítulo, nele ganham forma as questões refletidas, de fato, a partir do objeto definido, as imagens postadas pela página oficial de Jair Messias Bolsonaro (PL) no *Facebook*.

O primeiro tópico funciona de forma introdutória ao eixo, partindo do hoje e fazendo um diálogo com a base teórica construída ao longo do doutorado. Nesse sentido, pegamos a foto de capa atual núcleo digital em análise destacando as palavras Deus, Pátria, Família e Liberdade, e abordamos através de elementos neoliberais e neoconservadores.

Em seguida, tratamos dos primeiros indícios coletados através de dados quantitativos, dos números. Nesse momento, ficou evidente que boa parte do capital político do ex-capitão do Exército foi constituído através da construção de inimigos, no Brasil representados por Lula, Dilma e o PT. Fica visível a influência de práticas neoconservadoras no seu trajeto.

Além disso, caminhamos na direção de perceber como as questões sexuais foram utensílios para disseminação do ódio, sendo uma gramática e a estética de um suposto caos, plantado com a narrativa da necessidade de retomada de uma ordem historicamente estabelecida.

Usando uma técnica estruturada de comunicação, as crianças foram protagonistas, funcionando como aparelhos, de um enredo que buscava criminalizar os que não se enquadravam dentro de um padrão heteronormativo, apresentando, desde já, algumas soluções, como a religiosidade.

A outra questão bem evidente, desde o primeiro momento, é a agenda militar. Consideramos que essa foi a porta de entrada da família Bolsonaro na política. Era constante a visita aos quartéis, formaturas e mobilizações que tinham como eixo principal compromissos envolvendo as Forças Armadas.

No penúltimo tópico, do último capítulo, tentaremos trazer as postagens como maior engajamento, buscando, a partir de elementos quantitativos, perceber as evidências do não-dito, daquilo que não aparece no primeiro plano, mas que é um instrumento performático de mobilização política e, sobretudo, eleitoral.

Diante disso, a última parte foi destinada a observação de como a invisibilidade feminina é algo presente no processo de ascensão de Jair Messias Bolsonaro (então no PSL) até o Palácio do Planalto. Não só, como isto faz parte de uma performance do masculino, carregada de violência simbólica, que tem como marco o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff (PT).

Vale observar que não foi planejado fazer um estudo, tomando como base chaves analíticas de gênero, sobre escalada de Bolsonaro. Todavia, foi algo que apareceu em nosso caminho, sendo apresentado no campo, e que não poderíamos deixar passar despercebido. Dessa forma, tentaremos destacar isto, o próprio título é um exemplo, como forma de colocar holofotes nessas questões, até então pouco trabalhadas, que podem ser um caminho explicativo para o bolsonarismo.

O protagonismo feminino, que hoje tentam construir no campo conservador, também é um elemento que pode ajudar a entender sua ausência no passado. Como coloquei no início, foi um indício com diversos desdobramentos ainda possíveis e que nos alertou sobre esse recorte de exame.

Essas questões, levantadas aqui de maneira introdutória, explicam o resultado de 2018 em sua integralidade? Acreditamos que não. Mas, depois do itinerário aqui descrito, e que poderá ser observado ao longo da tese, não há como negar a presença dessas questões nos quase 58 (cinquenta e oito) milhões de votos conquistados pelo 38º presidente da República: Jair Messias Bolsonaro.

1- O PERCUSRO COMO ELEMENTO DE ANÁLISE

É mais uma manhã fria em Campina Grande, sigo a rotina matinal: café, notícias do mundo esportivo (em especial do meu Flamengo), mensagens do *WhatsApp*, leitura dos principais portais. Em meio a isto, uma matéria nos chamou a atenção. Na primeira página do Uol, uma chamada: “Junho de 2013 e os fantasmas da esquerda brasileira”³. No dia seguinte, outro portal de grande circulação nacional destacou: “uma década depois, o que fazem hoje os personagens das jornadas de junho de 2013?”⁴

Ao ler as duas reportagens mencionadas acima, nossa memória nos remeteu, quase que de imediato, a toda uma trajetória acadêmica, que foi iniciada nas inquietações daquelas manifestações. Ali, em junho de 2013, morávamos em Brasília-DF e, de alguma forma, acompanhamos “*in loco*” parte dos acontecimentos. A perspectiva acadêmica que estava adormecida em nosso horizonte, despertou.

Mas, não só isto. Ao ver este tema bater novamente na minha porta, foi despertada a percepção que 2013 é algo que ainda merece certa atenção, olhares, análises. Este acontecimento, está de alguma forma entrelaçado com a queda de Dilma Rousseff (PT) e a ascensão de Jair Bolsonaro, algo que conseguimos verificar durante os primeiros passos da nossa pesquisa.

Durante o mestrado, no tópico da dissertação intitulado: “2013, o ano que não acabou para os brasileiros”, abordamos o *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (PT) e como aquele, não longínquo ano, estava relacionado à queda da primeira mulher eleita para o executivo supremo do nosso país.

2013 nasceu com uma narrativa antipolítica, dentro desse discurso estavam inúmeras pautas, como a PEC 37⁵, que tirava poderes de investigação do Ministério Público; Hospitais Padrão Fifa (estávamos em meio a Copa das Confederações); além dos ataques aos partidos, e à mídia.

³ Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/pais/junho-de-2013-e-os-fantasmas-da-esquerda-brasileira/> Acesso em: 16/06/2023

⁴ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/noticia/2023/06/uma-decada-depois-o-que-fazem-hoje-os-personagens-das-jornadas-de-junho-de-2013.ghtml>> Acesso em: 20/06/2023

⁵ Disponível em: <https://memoria.ebc.com.br/noticias/brasil/2013/06/entenda-o-que-e-a-pec-37> Acesso em: 06/08/2023

A reação violenta da Polícia Militar de São Paulo às manifestações do MPL (Movimento Passe Livre), funcionou como um estopim. Como um rastro de pólvora, os protestos eclodiram em diversas partes do Brasil. As ruas foram tomadas, cidades transformadas em praças de guerra e gritos de ordem ecoavam no silêncio da noite.

A primeira imagem postada na página de Jair Messias Bolsonaro no *Facebook* é durante este período, resgatando de maneira nostálgica o seu passado militar que também faz parte da memória do povo brasileiro enquanto espectro político.

Bolsonaro foi um dos poucos defensores do regime militar brasileiro de forma explícita na tribuna da Câmara durante o exercício do seu mandato. Não surpreende que em meio ao caos, ele postou algo que transmitia uma suposta ordem, uma nostalgia pessoal que poderia se tornar uma saudade dos brasileiros.



Figura 1. Imagem 1 de uma sequência de 844 (oitocentos e quarenta e quatro) postadas por Jair Messias Bolsonaro no seu *Facebook* entre a criação da sua página na rede social e sua eleição para presidente do país. Material coletado e armazenado pelo autor durante a pesquisa de doutorado.

Vale observar que o militarismo foi uma das principais plataformas políticas do ex-capitão. Seu braço de ascensão, algo que será analisado em momento oportuno. Aqui, fizemos essa pequena observação para demonstrar como 2013 teve impacto nas mais diversas dimensões e atores políticos e, como, de alguma forma, o Bolsonaro presidente tem conexões com esse processo.

Inúmeros movimentos eclodiram no país desde então, sendo que boa parte da energia dessas mobilizações foi canalizada contra a então presidenta, numa agenda constante de eventos, especialmente após sua reeleição.

Diante disso, entre 2013 e 2016 (ano do *impeachment*), apesar da distância temporal ser de três anos, a intensidade dos acontecimentos aproxima, conecta. Com essa relação constante entre o asfalto e as redes, essas atividades foram constantemente observadas, quantificadas e analisadas.

No dia 01 de abril de 2016, o jornal *El País* Brasil fez uma reportagem sobre a pesquisa realizada pelo laboratório de Mídias Sociais da USP⁶, destacando o perfil dos manifestantes com base em informações de suas páginas nas redes sociais. Ou seja, a atuação nas ruas relacionadas ao mundo virtual. É a produção de conteúdo na *internet* alimentando atividades *off-line*.

Dois momentos são marcantes nesta fotografia. Em 13 de março de 2016, manifestantes estiveram nas ruas de todo o país defendendo o impeachment da então presidenta Dilma Rousseff. Já no dia 18, foi a vez dos defensores da ex-mandatária hastearem bandeiras.

Os frequentadores desses dois eventos subsidiaram um diagnóstico em âmbito virtual, um desenho, e, naquele momento algo já era bastante visível: a força de Jair Messias Bolsonaro entre os defensores do *impeachment*. Como percebemos isto? O levantamento fez a investigação sobre quais lideranças estavam conectadas com as ruas através do *Facebook*, vejamos.

⁶ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/28/opinion/1459128271_535467.html Acesso em 20/06/2023

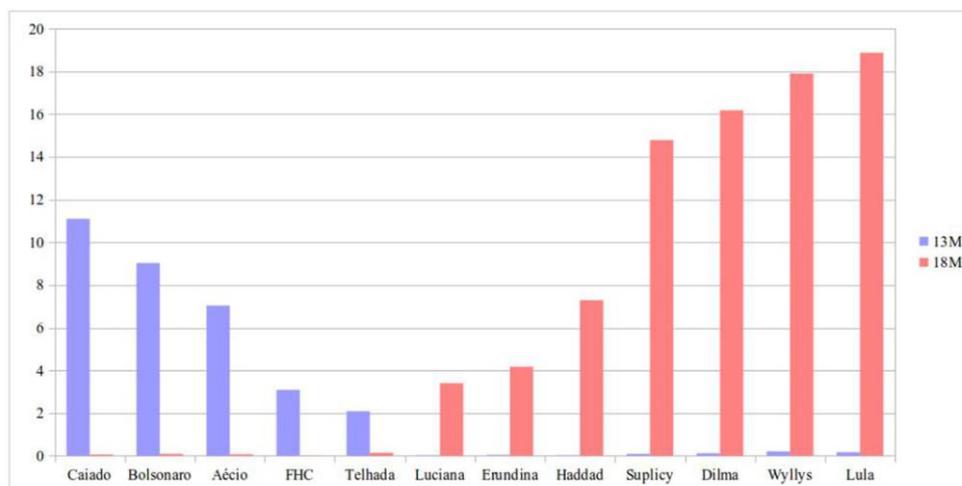


Figura 2. Porcentagem entre os manifestantes dos seguidores no *Facebook* de páginas das figuras relacionadas ao campo político. Lilás, defensores do *impeachment* que estavam nas ruas dia 13 março de 2016. Vermelho, contra o impedimento, que estavam na rua dia 18 de março de 2016.⁷

Percebe-se que, mesmo com mais seguidores no Facebook na época, Aécio Neves (tinha 4,3 milhões naquele momento)⁸, não aparece liderando em número de seguidores entre os manifestantes, posição ocupada por personagens da extrema direita, a exemplo de Caiado e Bolsonaro (4,1 milhões de seguidores na época). Vale observar que hoje Aécio Neves (PSDB)⁹ tem 3,4 milhões de seguidores e Jair Messias Bolsonaro 15 milhões¹⁰.

Esse recorte naquele momento não foi aprofundado, mas era algo palpável. O Deputado Federal do Rio de Janeiro que chegou à Presidência em 2018 já era um fenômeno político que merecia ser observado. Estamos tomando como base a força de uma comparação que envolve outro ator político, Aécio Neves, que saiu das urnas em 2014 com o voto de 51 milhões de brasileiros.

É importante pontuar a força do *Facebook*¹¹ naquele momento, dominando as redes sociais no Brasil e exercendo papel fundamental nas mobilizações de 2013 em

⁷ Disponível https://brasil.elpais.com/brasil/2016/03/28/opinion/1459128271_535467.html Acesso em 20/06/2023

⁸ Números coletados na época da pesquisa de mestrado e disponíveis na dissertação.

⁹ Disponível em: <https://www.facebook.com/AecioNevesOficial> Acesso em: 20/06/2023

¹⁰ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro> Acesso em: 20/06/2023

¹¹ O Facebook é uma rede social que teve seu início em 2003. Os estudantes de Harvard Mark Zuckerberg, Dustin Moskovitz e Chris Hughes criaram uma plataforma de comunicação destinada a outros alunos da universidade. Logo o serviço se expandiu para outras instituições de ensino. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/facebook/> Acesso em: 20/06/2023

diante. Todavia, apesar de, ainda, ser a maior rede¹², perdeu o protagonismo nos últimos anos e acontecimentos¹³. É importante guardarmos essas observações.

Outro ponto presente naquele momento era o aspecto misógino sofrido pela presidenta. Ficou evidente como a violência de gênero era um elemento importante de mobilização dentro do processo de impedimento, algo que trabalharemos de forma mais pontual em seguida.

Até bem pouco tempo atrás, achávamos que os primeiros passos da nossa trajetória acadêmica tinham ficado lá, quietos, respondido o que era para responder, no momento adequado. Todavia, não foi fácil perceber que não existem questões estanques, presas no tempo e, talvez, este tenha sido nosso maior aprendizado ao longo de tudo isto.

Ainda em 2017, quando começamos a escrever o projeto para o ingresso no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande, acontecia um fenômeno já bastante visível e ainda pouco estudado, o bolsonarismo.

Nesse percurso, os acontecimentos se intensificaram, Jair Messias Bolsonaro (pelo PSL) foi eleito presidente do Brasil, vivemos uma Pandemia¹⁴, constantes crises no governo, o chefe do executivo foi derrotado na sua reeleição numa disputa acirrada contra Luiz Inácio Lula da Silva, entre outras questões.

Parando para pensarmos, escrever sobre o Bolsonarismo, pós derrota eleitoral de 2023, pode transparecer que a questão ficou obsoleta, velha, assim como (até então) questões envolvendo nossa dissertação.

Nesse sentido, aparentemente, e apenas no campo da semântica, não haveria nada de novo a ser aprofundado sobre a ascensão de Bolsonaro ao Planalto, algo que o material empírico negou e isto permitiu abrir inúmeras reflexões, exigindo uma retomada

¹² O Facebook é o grande rei das redes sociais, com mais de 2 bilhões de utilizadores ativos. Isso significa que cerca de 1 em cada 4 pessoas no mundo tem conta ativa na rede social! O Facebook apela a pessoas de todas as idades e mantém pessoas no mundo inteiro conectadas (exceto na China, onde é proibido). Disponível em: <https://www.maioresemelhores.com/maiores-redes-sociais-do-mundo/> Acesso em: 20/06/2023

¹³ As 10 redes sociais mais usadas no Brasil em 2023 são: 1. WhatsApp (169 mi) 2. YouTube (142 mi) 3. Instagram (113 mi) 4. Facebook (109 mi) 5. TikTok (82 mi) 6. LinkedIn (63 mi) 7. Messenger (62 mi) 8. Kwai (48 mi) 9. Pinterest (28 mi) 10. Twitter (24 mi). Dados disponíveis em: <https://resultadosdigitais.com.br/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/> Acesso em: 20/06/2023

¹⁴ Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia> Acesso em: 20/06/2023

sobre o caminho, o percurso, a caminhada, desde os primeiros passos da pesquisa, até o momento atual: a escrita desta tese.

1.1- A QUEDA DE DILMA ROUSSEFF COMO O INÍCIO

Em nosso percurso, precisamos voltar ao dia 26 de outubro de 2014, data da reeleição de Dilma Rousseff (PT). Aqui, o objeto de análise não é o processo eleitoral de fato, em seu resultado, mas as consequências daquela data que ressignificaram as mobilizações do ano anterior.

Depois das “Jornadas de Junho”, o governo Dilma Rousseff (PT), que até então surfava em alto índices de aprovação, viu sua popularidade despencar, enfrentou a agenda política do país na defensiva e teve que reconstruir sua base até a conquista do segundo mandato.

Depois de uma disputa acirrada, em que a primeira mulher Presidenta do Brasil foi reconduzida ao cargo com mais de 54 milhões de votos (precisamente 51,64%), derrotando Aécio Neves (PSDB) que chegou a 51 milhões de sufrágios (48,36%), Dilma enfrentou uma campanha violenta contra sua figura enquanto mulher.

As manifestações que até então tinha como narrativa principal o conteúdo antipolítico, antissistema, foram transformadas em algo anti-PT. O outro componente narrativo mobilizador, o discurso de algo pacífico, continuava presente, mas a violência era direcionada por outros caminhos e, em algumas situações justificadas: vale tudo para tirar o Partido dos Trabalhadores do poder.

A violência vai ganhando, como poderemos observar ao longo desta caminhada, contornos simbólicos, com performances nas redes e nas ruas. Nesse sentido, é importante trazer os ensinamentos de Bourdieu (1989).

É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica) dando o reforço da sua própria força às relações

de força que as fundamentam e contribuindo assim, segundo a expressão de Weber, para a ‘domesticação dos dominados (BOURDIEU, 1989, p. 11).

Esse tipo de ataque, desferidos contra uma mulher que ocupava o espaço de poder que era o alvo principal do masculino, trazia elementos de reafirmação e performáticos de uma masculinidade frágil, com conteúdo sexistas e misóginos.

Assim, já podemos colocar de forma preliminar e introdutória, como a dominação sobre o feminino entra no âmbito da violência simbólica.

O corpo biológico socialmente modelado é um corpo politizado, ou se preferimos, uma política incorporada. Os princípios fundamentais da visão androcêntrica do mundo são naturalizados sob a forma de posições e disposições elementares do corpo que são percebidas como expressões naturais de tendências naturais (BOURDIEU, 1998, p. 30).

Do exato dia da reeleição de Dilma Rousseff (PT), até a concretização do *impeachment*, em 31 de agosto de 2016, transcorreram exatos 675 dias, vividos de forma intensa, com constantes mobilizações.

Nesse período a violência simbólica foi intensificada, sobressaindo, de forma especial, a de gênero. Aqui, o masculino encontrou uma conjuntura que favoreceu sua reafirmação e demarcação de espaços, com atos performáticos que deixaram visível posturas que são normalmente naturalizados, mas que foram potencializados pelo fato de uma mulher ocupar a Presidência.

O cansaço deste tensionamento saiu em tom de desabafo. Uma senhora, no auge dos seus 68 anos, colocada na vitrine do sexismo, fazia sua despedida do Palácio do Planalto. Estavam nas palavras expressadas, naquela ocasião, as marcas da violência, que naquele momento incomum, não era silenciada. No desabafo a transmissão das dores acumuladas.

Eu fui a primeira mulher eleita presidenta da República. Honrei os votos que as mulheres me deram. Depois do primeiro operário presidente da República. Como qualquer pessoa humana, posso ter cometido erros, mas jamais cometi crimes. Honrei as mulheres deste país. As mulheres que são determinadas, esforçadas, trabalhadoras, que vivem em seu cotidiano desafiando todas as dificuldades. As mulheres mães, que hoje querem sua independência, sua autonomia, o controle de si mesmas. Essas mulheres, tenho a consciência que as honrei. Porque nós mulheres

temos algo em comum. Nós mulheres somos dignas. Assim como todas as mulheres eu enfrentei desafios.¹⁵

Na ocasião, há uma tentativa da ex-presidenta de fazer uma conexão com as mulheres, algo que não foi recorrente no seu processo de chegada à Presidência. Eleita, entre outros motivos, pela força popular do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT), a figura feminina foi ganhando espaço à medida que sofria ataques de gênero como forma de questionar sua capacidade política de conduzir o país.

Não só. Dilma não é uma simples mulher, comum, enquadrada dentro dos padrões de normalidade. É alguém que o próprio corpo quebra os padrões heteronormativos do feminino, que deve estar relacionado à figura do masculino: seu tom firme, seu andar, não ter um marido, e, além de tudo, ocupar aquele espaço tradicionalmente masculino, potencializaram a força de uma violência silenciada no cotidiano.

Aqui, precisamos inserir Butler no debate. Para a autora, a relação entre abjeto e a corporeidade acontece enquanto superfícies do corpo são regularizados por performances que ganham significados. Ou seja, o normal, o padrão, surge diante de repetições, enquadramentos, um *status* oficial.

A partir disso, surgem dois caminhos. O silenciamento, a ocultação, daquelas que não estão dentro dos padrões normativos constituídos socialmente. Ou ser colocada dentro da esfera dos indesejáveis, algo abjeto.

O abjeto para mim não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas ‘vidas’ e cuja materialidade é entendida como ‘não importante’. Para dar uma ideia: a imprensa dos Estados Unidos regularmente apresenta as vidas dos não-ocidentais nesses termos. O empobrecimento é outro candidato frequente, como o é o território daqueles identificados como ‘casos’ psiquiátricos. Poderia enumerar muitos exemplos do que considero ser a abjeção dos corpos. Podemos notá-la, por exemplo, na matança de refugiados libaneses: o modo pelo qual aqueles corpos, aquelas vidas, não são entendidos como vidas. Podem ser contados, geralmente causam revolta, mas não há especificidade. Posso verificar isso na imprensa alemã quando refugiados turcos são mortos ou mutilados. Seguidamente podemos obter os nomes dos alemães que cometem o crime e suas complexas

¹⁵ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/05/12/politica/1463066147_922654.html Acesso em 17/06/2023

histórias familiares e psicológicas, mas nenhum turco tem uma história familiar ou psicológica complexa que o Die Zeit alguma vez mencione, ou pelo menos nenhuma que eu tenha encontrado em minhas leituras desse material. Assim, recebemos uma produção diferenciada, ou uma materialização diferenciada, do humano. E também recebemos, acho eu, uma produção do abjeto. Então, não é que o impensável, que aquilo que não pode ser vivido ou compreendido não tenha uma vida discursiva; ele certamente a tem. Mas ele vive dentro do discurso como a figura absolutamente não questionada, a figura indistinta e sem conteúdo de algo que ainda não se tornou real. Mas seria um grave erro pensar que a definição do abjeto se esgota nos exemplos que dou. Gostaria de protelar qualquer solução fácil até encontrar um aparato conceitual que proporcionasse à operação da abjeção uma espécie de autonomia relativa, de até mesmo um vazio, uma falta de conteúdo $\frac{3}{4}$ exatamente para não poder ser captada através de seus exemplos, de modo que seus exemplos não pudessem se tornar normativos do que queremos significar por abjeto. O que seguidamente acontece é que as pessoas apresentam teorias abstratas sobre coisas do tipo da abjeção, depois dão os exemplos, e então os exemplos se tornam normativos de todo o resto. O processo se torna paradigmático e acaba por produzir suas próprias exclusões. Torna-se fixo e normativo no sentido de rigidez. (BUTLER apud PRINS & MEIJER, 2002, p. 4)

É uma pergunta bem comum no meio masculino saber se seu parceiro comeria determinada mulher ou não. Coloca-se o feminino na condição de objeto, a serviço de algo (sexo), de alguém, do homem. A relação não acontecendo, outras conotações são observadas: saber cozinhar, ter dinheiro, boa de cama, e assim segue. Por fim, caso não tenha nenhum tipo de utilidade, não será servida, será algo abjeto.

Era comum, no período que antecede a destituição da Presidente, a circulação de memes¹⁶ com a imagem de Dilma com os seguintes termos: “um meteoro caiu na terra e só restaram você e isso. A perpetuação da espécie depende de você, o que você faria?”;

¹⁶ “A explicação de Dawkins elucida o fenômeno que se configurou na web por conceber o meme como algo (uma ideia ou uma informação) que se replica no tempo e no espaço. Ao pormenorizar seu conceito, no entanto, verificamos que essa compreensão não se sustentava por completo para o entendimento da dimensão semiótica do fenômeno, contudo as articulações feitas pelo etólogo e seus seguidores, bem como as críticas suscitadas por suas concatenações nos provocaram certas inquietações que ensejaram a problematização do tema, articulando assim nossa apreensão dessas manifestações culturais na web, objeto desta pesquisa.” Disponível em: <https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/18420/1/2015_NataliaBotelhoHorta.pdf> Acesso em: 21/06/2023

outro destaca uma fala da ex-mandatária “dia dos namorados chegando e eu aqui solteira...” o um personagem responde: “sai daqui demônio, morra!”¹⁷.

A mulher, que ocupava o mais alto posto do poder institucional do país, não poderia sofrer com a invisibilidade que normalmente o feminino é condenado. O caminho teve que ser outro, a sua colocação como algo abominável, repugnante. Assim, a violência como instrumento de mobilização ganhou contornos simbólicos, com desenhos reais.

Esse tipo de conteúdo não era só tomando como base Dilma Rousseff em si, ele transcendia a figura dela, fazendo uma exaltação dos padrões como uma forma de lembrar, constantemente, “seu lugar não é aí”. Isto tipo de narrativa circulava nas Redes Sociais Virtuais, mas não só.

Foi emblemático durante este transcurso um texto publicado pela revista Veja, retratando Marcela Temer, que viria a ser primeira-dama do Brasil com o *impeachment*, como “Bela, recatada e do lar”.

Marcela Temer é uma mulher de sorte. Michel Temer, seu marido há treze anos, continua a lhe dar provas de que a paixão não arrefeceu com o tempo nem com a convulsão política que vive o país – e em cujo epicentro ele mesmo se encontra. Há cerca de oito meses, por exemplo, o vice-presidente, de 75 anos, levou Marcela, de 32, para jantar na sala especial do sofisticado, caro e badalado restaurante Antiquarius, em São Paulo. Blindada nas paredes, no teto e no chão para ser à prova de som e garantir os segredos dos muitos políticos que costumam reunir-se no local, a sala tem capacidade para acomodar trinta pessoas, mas foi esvaziada para receber apenas “Mar” e “Mi”, como são chamados em família. Lá, protegido por quatro seguranças (um na cozinha, um no toalete, um na entrada da sala e outro no salão principal do restaurante), o casal desfrutou algumas horas de jantar romântico sob um céu estrelado, graças ao teto retrátil do ambiente. Marcela se casou com Temer quando tinha 20 anos. O vice, então com 62, estava no quinto mandato como deputado federal e foi seu primeiro namorado.¹⁸

Percebam a sorte de Marcela, com sobrenome Temer, ter um marido (e carregar seu nome), melhor: ainda apaixonado, algo que Dilma Rousseff não tinha, não tem, só teve. Não só, exerce o papel de mulher enquanto algo relacionado ao masculino: é bela,

¹⁷ Material coletado da página MCC (Movimento Contra Corrupção) durante a pesquisa de mestrado e disponível no livro *Impeachment e Misoginia nas Redes Sociais*.

¹⁸ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/marcela-temer-bela-recatada-e-do-lar> Acesso em: 17/06/2023

ou seja, se constitui enquanto troféu que pode ser exibido; é recatada: não ofusca o seu marido, dono da relação; e do lar: não ocupa espaços de poder destinados aos homens.

A força desta narrativa está justamente na mobilização do masculino como centro de análise do feminino. Marcela é analisada, mas tomando como base Temer, sua relação com ele. Dilma não tinha esse referencial, ela tinha que ser analisada por si, sem o parâmetro de masculinidade, a figura familiar mais próxima que aparecia em pública era sua filha, outra mulher sem um homem, “o pai”.

Um outro aspecto utilizado de forma constante para desqualificar o papel da presidente enquanto mulher, que ocupa um espaço de poder importante, foi seu temperamento, algo que não é incomum como elemento de abordagem de interdição do lugar de fala delas.

Na edição 2417 da revista “Isto É”, a matéria de capa foi denominada “Uma presidente fora de si”, algo que, supostamente, exibiria os “Bastidores do Planalto nos últimos dias” de Dilma no cargo, o que desencadeou a perda do “equilíbrio e as condições emocionais para conduzir o país”.¹⁹

¹⁹ Disponível em: https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/ Acesso em: 17/06/2023



Figura 3. Capa da Revista “Isto É”, edição 2417 de 01/04/2011. Material coletado pelo autor ao longo da pesquisa de mestrado e doutorado.²⁰

A imagem colocada na capa sintetiza este aspecto do temperamento desequilibrado atribuído ao feminino, algo utilizado como um tipo de violência simbólica de gênero contra as mulheres. Vale observar que este tipo de narrativa é visualizada, de

²⁰ Disponível em: https://istoe.com.br/edicao/894_AS+EXPLOSOES+NERVOSAS+DA+PRESIDENTE/ Acesso em 17/06/2023

forma mais recorrente, quando os alvos, que quebrando os padrões de poder, estão em espaços tradicionalmente ocupados pelo masculino.

As expressões utilizadas pela “Isto É” através da fotografia de Dilma Rousseff falam, não só, personalizam na presidenta um desequilíbrio emocional que é, constantemente, atribuído ao feminino.

Ao fazer esse tipo de ataque, existe uma conexão clara com os padrões discursivos estabelecidos pela força do masculino. Ou seja, ao atacar mulheres, a masculinidade vai ganhando legitimidade, sendo potencializada, validando os instrumentos de poder heteronormativos que interditam o anormal, o diferente.

O texto reafirma a percepção da imagem, as explosões nervosas da presidente. Não só, afirma, de maneira categórica que a ex-presidenta sofre com surtos (com a força de verdade), chegando a quebrar móveis dentro do palácio. Como já observado, o impacto discurso no seio da sociedade descende da conexão com uma cultura patriarcal estabelecida em nosso território. Nesse contexto, não é Dilma que vai sendo representada, são as mulheres, em especial aquelas que afrontam espaços do masculino, a exemplo do Palácio do Planalto.

Vale observar o contexto do Brasil quando a revista foi publicada. Uma constante instabilidade política tomava conta dos diversos campos desde 2013. As manifestações pelo *impeachment* era algo frequente. Nesse sentido, é estabelecida uma relação entre a ideia de descontrole emocional da comandante e o momento atravessado dentro da conjuntura política. A país precisava da volta de um homem no seu comando.

Este tipo de discurso nos remete a visualização dos interditados, dos seres abjetos, usando o termo de Butler. Assim, é desenhada uma oposição, loucura e razão, mulher e homem, aquilo que deve circular ou é permitido, em contraposição ao processo de interdição, ou até mesmo de rejeição. “Era através de suas palavras que se reconhecia a loucura do louco” (FOUCAULT, 2004, p. 11).

Percebemos que essa linha discursiva é constantemente destacada na política. Evidenciar aspectos emocionais de um candidato ou candidata é algo rotineiramente usado como instrumento para cativar determinada parcela da sociedade. Porém, quando centramos um olhar sobre figuras femininas que ocupam esse campo, estes aspectos sentimentais são vinculados a um desequilíbrio.

Como já observado a questão de gênero perpassa o processo de discussão que deságua na deslegitimação da presidenta, chegando à sua queda. Este é mais um elemento, entre tantos outros, que funciona em meios aos diversos métodos utilizados, uma ferramenta de transmissão do ódio.

Quando fizemos o recorte de gênero foi no sentido de compreendermos um processo que tinha uma mulher no centro, conforme pode ser verificado acima. Naquele momento, não conseguimos perceber como isto referendava um padrão de masculinidade heteronormativa e poderia ser canalizado no seio da arena política numa perspectiva eleitoral na disputa da presidência.

Vamos além, ao mesmo tempo que derrubavam Dilma Rousseff, alavancavam atores políticos masculinos com performances e discursos que dialogavam com esse padrão, a exemplo de Jair Messias Bolsonaro, que trabalha a temática de forma recorrente em discursos, performances, seja de modo *online* ou *off-line*.

A educação é que tira a pessoa da miséria e não a doutrinação. O que tira a juventude da miséria, ou o homem ou a mulher, é o conhecimento. Não são programas sociais, que em alguns casos são necessários, mas não podemos crescer nisso (...) Se fosse há três ou quatro anos talvez tivéssemos dois homens se beijando aqui na frente. Estimulando, desacreditando e desconstruindo a heteronormatividade, como estava no Plano Nacional de Promoção da Cidadania e Direitos Humanos de LGBT. Nada contra, mas não podemos impor isso daí (BOLSONARO, 2019)²¹.

Chamamos a atenção como o termo é usado e em qual contexto: juventude, família e heteronormatividade, que estão dentro de uma chave analítica maior, o neoconservadorismo. Todavia, nem sempre isto foi utilizado de forma sistematizada por Bolsonaro, mas estava lá, presente. Foi isto que o material empírico nos apresentou.

Além de mencionar a performance e postagens do ex-presidente em suas redes sociais (algo que será analisado) referendam este tipo de discurso e canalizaram eleitoralmente essa reafirmação do masculino para sua figura política. Ou seja, ao atacar o feminino como forma de desestabilizar figuras que ocupam espaços visíveis de poder, existe um processo de absorção ao capital do ator que agride, estabelecendo uma conexão, literalmente, aos padrões estabelecidos.

²¹ Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-brasil/para-bolsonaro-escolas-estimulam-desconstrucao-da-heteronormatividade> Acesso em 22/06/2023,

Dentro da análise dos discursos sexistas e misóginos que aconteceram ao longo da nossa pesquisa de mestrado, algo foi ainda mais impactante, a imagem que circulou pelo país, atrelando o aumento dos combustíveis a uma violência sexual contra a então presidenta Dilma Rousseff (PT).



Figura 4. Adesivos que ganharam repercussão na internet ao simularem a penetração sexual na então presidente Dilma Rousseff. Material coletado pelo autor durante a pesquisa de mestrado.

O grau de violência que a imagem reproduz dimensiona como a misoginia foi um elemento presente, de forma constante, no processo de deslegitimação de uma mulher que ocupava o lugar do masculino.

Aqui, sou obrigada a dizer que Dilma Rousseff viveu um estupro político. Ora, todo estupro é político porque o crime contra uma mulher sempre é político já que desde Simone de Beauvoir podemos dizer que a sexualidade é política. Uma mulher está para um homem na sociedade da cultura do estupro como é a nossa, como Dilma está para os políticos que mancomunados a tiraram de seu cargo. Como um estuprador que considera o corpo de uma mulher um objeto para seu uso perverso, os golpistas olham para o corpo de quem ocupa o cargo, mas só quando

esse corpo a presidir um cargo, é mulher. Por isso, como dizia Adorno, olham para esse corpo com o olhar do fabricante do caixão. Medem seu tamanho, seu corte de cabelo, impõem-lhe as medidas que o Homem Branco Europeu e capitalista, que se entende como o dono do poder, inventou. Mas não se trata apenas disso, eles olham para essa mulher de muitos modos o que nos obriga a pensar na condição desse olhar. De um lado podemos falar do olhar estuprador típico do desejo patriarcal que não se deve confundir com o todo do desejo masculino. Refiro-me ao olhar daquele que objetifica o outro e que se serve dele para seus fins. Sobre isso, no jogo imaginário misógino, podemos lembrar da imagem de Dilma Rousseff na forma de um adesivo que circulou em carros durante algum tempo, no exato instante em que, de pernas abertas, era invadida por uma peniana bomba de gasolina. Mas podemos também lembrar do personagem símbolo do estupro político que é o deputado Jair Bolsonaro, que posicionou-se como o grande estuprador em potencial contra Maria do Rosário e que, no dia 17 de abril no momento da votação do impeachment, elogiou o conhecido torturador coronel Ustra como o “terror de Dilma Rousseff”. Nesse caso, não podemos falar de um olhar de desejo sexual, mas de um olhar de culpabilização – típico do estuprador que precisa culpar a mulher de saias para tornar-se apto a violentá-la. Esse olhar responde por um desejo obtuso que se expressa como violência sexual. (TIBURI, 2016, p. 5)

Apesar do repúdio imediato aos adesivos, a imagem circulou na época de forma significativa nas redes. Um primeiro olhar relacionado ao retrato delimita como o corpo da mulher é tratado como elemento sexual à serviço do homem. A força e a violência podem ser utilizadas de acordo com a situação justificadora, no caso, o aumento dos combustíveis que é um elemento importante do ser masculino (carros).

Foi nessa mesma perspectiva que Bolsonaro tratou Maria do Rosário: "Jamais ia estuprar você, você não merece"²². Ou seja, há a possibilidade de violentar alguém, mas apenas quando a pessoa merecer. Este elemento discursivo, apesar de causar repúdio em algumas e alguns, dialoga com os valores machistas e misóginos que ficaram mais visíveis com Dilma Rousseff (PT) na presidência e, conseqüentemente, seu processo de *impeachment*.

²² Disponível em: <https://www.brasilefato.com.br/2022/03/08/veja-nove-vezes-em-que-bolsonaro-atacou-os-direitos-das-mulheres#:~:text=Em%202017%2C%20durante%20uma%20palestra,fraquejada%20e%20veio%20uma%20mulher%E2%80%9D>. Acesso em: 22/06/2023

Como já colocado, ao focar nosso estudo tomando como tema o *impeachment* de Dilma Rousseff (PT), naquele momento não conseguimos perceber como as chaves analíticas ali aplicadas poderiam ser utilizadas para compreender o universo masculino na sociedade.

Não só, em algumas situações fomos atacados, tomando como base questões identitárias, por não ter lugar de fala para fazer esse tipo de abordagem, em nossa defesa destacava que existe uma dinâmica social que envolve o masculino.

Ao nos deparar com a tentativa de encontrarmos caminhos para explicar a ascensão de Jair Messias Bolsonaro (eleito pelo PSL, hoje no PL) à Presidência, fizemos um passeio por inúmeras questões, entre elas, as redes sociais, o neoconservadorismo, o neoliberalismo e a religiosidade.

Ao final, voltamos às questões de gênero por elementos que já mencionamos de forma introdutória, mas que foi um percurso por estes temas que grande parte dos autores utilizavam para explicar o fenômeno Bolsonaro. Esta trajetória foi decisiva para ter uma fundamentação e iniciarmos a análise das postagens em sua página e encontrarmos elementos até então pouco observados.

Entre estes componentes o principal deles foi a masculinidade como instrumento de mobilização política e eleitoral. Mas, até chegar aqui, o trajeto foi longo e merece nossa atenção.

1.2- AS VISIBILIDADE PROVOCADAS PELO GOVERNO MICHEL TEMER (MDB)

Após defender nossa dissertação, acreditávamos, como já destacado, que tínhamos esgotado, enquanto pesquisador, nossa contribuição na perspectiva de gênero. Não só, entendíamos, até bem pouco tempo atrás, que os elementos machistas e misóginas poderiam explicar apenas fenômenos sociais que envolvessem mulheres, a exemplo do *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff (PT).

Existiam outros motivos para não querer voltar à temática. Era algo muito forte e dolorido para o pesquisador e, sobretudo, enquanto militante, a violência de gênero que a primeira mulher eleita pelo sufrágio das brasileiras e brasileiros para Presidência foi vítima. Estar em contato constante com aquele material nos fez tentarmos superar, virar uma página, seguir adiante.

Atrelado a isto, com a devolução do “Panteão” institucional brasileiro ao masculino, outros temas ficaram mais visíveis, palpáveis. Então, nosso projeto de pesquisa doutoral começou ser desenhado no sentido de entender os acontecimentos estabelecendo uma articulação entre o neoliberalismo, o neoconservadorismo e as redes sociais.

Aqui, as pautas sobrepunham os atores e apesar de Jair Messias Bolsonaro figurar dentro do contexto das temáticas apresentadas, não havia, explicitamente, uma canalização ou concentração nele enquanto personagem político, apesar do seu protagonismo que começou ser visualizado nas manifestações pelo *impeachment*, algo mencionado no tópico anterior.

Naquele momento, após a queda da ex-presidenta, a possibilidade do parlamentar carioca, enquadrado como um Deputado do baixo clero, era colocada pelos analistas políticos como algo difícil, mas não improvável. Existia o fenômeno, mas ainda não envolvia o cargo de presidente.

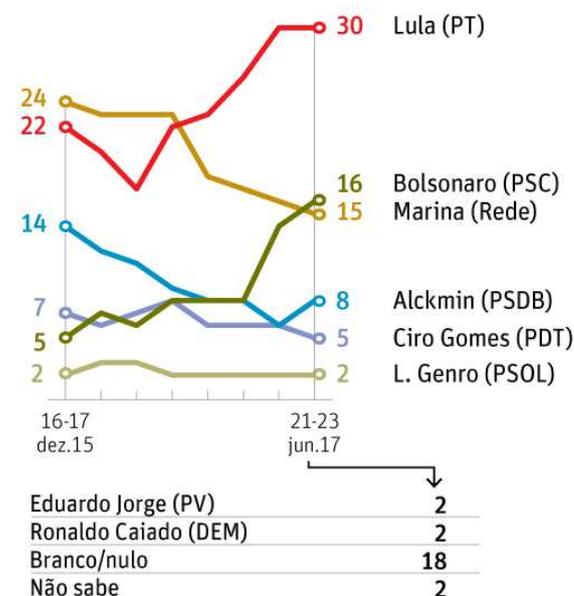
O que observamos acima pode ser verificado tomando como base as pesquisas eleitorais dentro do contexto apresentado.

DISPUTA EM 2018

Cenários de intenção de voto para a Presidência mostram liderança de Lula

SIMULAÇÕES DE 1º TURNO, EM %

CENÁRIO 1* - Com Alckmin (PSDB)



*O nome de Michel Temer (PMDB) não foi incluído no levantamento de jun.2017. Fonte: Pesquisa Datafolha realizada entre os dias 21 e 23 de junho de 2017, com 2.771 entrevistados em 194 cidades. A margem de erro é de 2 pontos percentuais para mais ou para menos, com um nível de confiança de 95%.

Figura 5. Gráfico da pesquisa realizada pelo Instituto Datafolha. Material coletado pelo autor ao longo da pesquisa.²³

Um primeiro ponto que deve ser observado é como Marina Silva (REDE) vai perdendo musculatura nesse processo após eleição de 2014. Ela, junto com Geraldo Alckmin (PSDB), foi a única, entre os principais atores da política nacional, que passou por uma constante perda do capital político.

É pelo fato de ser mulher? Não podemos afirmar categoricamente, mas diversos indícios nos fazem levar em consideração este aspecto. O processo de deterioração da imagem pública de uma mulher (Dilma), não impacta só nela, mas em todas que estão inseridas numa dinâmica de ocupação dos espaços de poder e visibilidade.

Como já estamos ilustrando e será analisado de forma mais detalhada adiante, a violência contra o feminino impacta também no universo masculino, reforçando as

²³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2017/06/1895987-lula-lidera-e-2-lugar-tem-empate-de-bolsonaro-e-marina-diz-datafolha.shtml> Acesso em: 18/06/2023

performances que estão enquadradas dentro um padrão de masculinidade heteronormativa, algo que pôde ser canalizado no campo político dentro de uma perspectiva eleitoral.

Outra questão presente no retrato apresentado pelas pesquisas é uma retomada do capital político de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Isto merece uma observação, pois estamos falando de um contexto que o atual presidente sofreu inúmeros tipos de violência, junto com seu partido, através da Operação Lava-Jato,²⁴ algo que desencadeou na retirada do Partido dos Trabalhadores (PT) da Presidência da República depois de 14 (quatorze) anos.²⁵

Por outro lado, Jair Bolsonaro (até então filiado ao PSC) figurava entre os “nanicos” na corrida ao Palácio do Planalto, com pouca visibilidade dentro do cenário nacional, era considerado alguém sem musculatura na disputa. Em determinado momento, o parlamentar carioca começa avançar nas pesquisas, mas ainda longe de liderar na corrida rumo à Capital Federal.

Já em outros terrenos de atuação Bolsonaro despontava. Aqui, podemos citar como exemplo a quantidade de seguidores no *Facebook* entre aqueles que estavam nas

²⁴ Explicação do Ministério Público Federal do que é a Lava-Jato:

A Operação Lava Jato, uma das maiores iniciativas de combate à corrupção e lavagem de dinheiro da história recente do Brasil, teve início em março de 2014. Na época, quatro organizações criminosas que teriam a participação de agentes públicos, empresários e doleiros passaram a ser investigadas perante a Justiça Federal em Curitiba. A operação apontou irregularidades na Petrobras, maior estatal do país, e contratos vultosos, como o da construção da usina nuclear Angra 3.

Por causa da complexidade do esquema, políticos e econômicos, novas frentes de investigação foram abertas em vários estados como Rio de Janeiro, São Paulo e no Distrito Federal. Também resultou na instauração de inquéritos criminais junto ao Supremo Tribunal Federal (STF) e Superior Tribunal de Justiça (STJ) para apurar fatos atribuídos a pessoas com prerrogativa de função.

No MPF, a condução das investigações ficou a cargo de procuradores da República, que estruturaram o trabalho investigativo em forças-tarefas. A primeira delas surgiu em Curitiba. Em seguida, portarias regulamentaram o funcionamento das forças-tarefas no Rio de Janeiro e em São Paulo. Equipes da operação atuaram ainda nos Tribunais Regionais Federais da 2ª região (RJ/ES) e 4ª região (RS/SC/PR).

Entre as características de uma força-tarefa estão a provisoriedade e a transitoriedade. Nesse modelo, o procurador natural escolhe colegas do MPF para auxiliá-lo. O ato que autoriza a atuação conjunta cabe ao procurador-geral da República e está condicionado à manifestação favorável das unidades nas quais estão lotados os indicados.

A designação de um procurador para atuar em uma FT pode se dar nos modelos de acumulação – quando o indicado mantém o trabalho integral no próprio escritório – ou de desoneração, quando se afasta do trabalho ordinário de forma parcial ou total.

Disponível em: <https://www.mpf.mp.br/grandes-casos/lava-jato/entenda-o-caso> Acesso em: 22/06/2023

²⁵

Disponível

em:

https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2016/05/12/interna_politica,531510/apos-14-anos-no-poder-governo-do-pt-e-interrompido-pelo-impeachment.shtml Acesso em: 22/06/2023

ruas pedindo a derrubada de Dilma Rousseff (PT), além do número de adeptos nas Redes Sociais Virtuais de forma geral.

Diversos indícios tentavam expor o que de fato acontecia, mas um olhar direcionado pela agenda econômica, seguindo uma tradição que ela é determinante nas eleições presidenciais, não permitia já ver Bolsonaro como forte concorrente à cadeira de Presidente.

Depois de sua vitória o tema entrou nas rotas analíticas, usando um termo do senso comum: na moda. Isto transmitiu, de forma equivocada, que a matéria, o objeto, a busca por explicações e entendimentos daquele “longínquo” 2018 tenham envelhecidos.

Todavia, mesmo escrevendo, nesse momento, em pleno São João de 2023 (exatamente na noite de 24 de junho), seguimos com a convicção de que podemos lançar novos olhares sobre o período. Sinto que, de alguma forma, falhamos enquanto pesquisador de gênero durante este trajeto, no nosso percurso até aqui. Conclusão que não foi fácil de ser encontrada.

Mas, como nos deparamos com este desfecho? Simples, quando o material empírico coletado falou, quando ele foi analisado fora das caixinhas, quebrando as narrativas prontas e acabadas. A demora em ouvir o que estava sendo dito nos custou um alto preço (inclusive meu São João), a necessidade de releituras para perceber a masculinidade heteronormativa, incluindo o seu componente de violência (física e simbólica), como um fator importante na chegada de Bolsonaro à Presidência.

Como já colocado de maneira incipiente, até captar esses indícios, passamos por um longo itinerário, algo que iremos retomar como forma de apontar veredas e mostrarmos, como de alguma forma, estes elementos contribuíram dentro de um recorte geral.

O neoliberalismo foi apresentado, de forma visceral, durante o curto governo de Michel Temer (MDB) e de forma pontual nas redes de Bolsonaro, em especial no período eleitoral de 2018. Por ficar bastante visível acreditamos que seria o principal percurso e assim mergulhamos nas observações e leituras sobre o tema.

Vale observar que nesse período duas temáticas prevaleciam na mídia: a agenda da “operação lava-jato” e as reformas propostas pela gestão Temer. A pauta moral anticorrupção já vinha ocupando o protagonismo desde o governo Dilma Rousseff e continuou viva. A perspectiva de diminuição do papel do Estado na economia e na

sociedade, dentro de uma retórica neoliberal, ganhou força com a derrubada da presidenta e continua prevalecendo em setores importantes da imprensa.

Durante o processo eleitoral de 2022, o jornal paulista Estadão publicou um editorial denominado “O grande salto para trás”, criticando a possibilidade de Lula, enquanto candidato à Presidência, ameaçar a revogação da reforma trabalhista.

Na semana passada, o diretório nacional do PT aprovou que, no programa de governo a ser apresentado aos partidos aliados, não se fale de “revisão” da reforma trabalhista de 2017. O termo não expressaria fidedignamente o que os petistas almejam. Eles querem nada mais nada menos que a “revogação” de todo o marco trabalhista aprovado pelo Congresso durante o governo de Michel Temer.

O Brasil tem hoje 12 milhões de desempregados, o que corresponde a 11,2% da força de trabalho. E qual é a proposta do PT para esse cenário extremamente desafiador? Jogar fora todo o trabalho de modernização das regras trabalhistas feito pelo Congresso em 2017. É um completo disparate. Ninguém em sã consciência acha que a revogação da reforma trabalhista possa incentivar a criação de novos postos de trabalho. Mesmo assim, o PT anuncia que, em 2023, dedicará suas energias a restaurar o atraso.²⁶

A narrativa é a mesma, modernização das relações trabalhistas, do Estado, algo que seria necessário para tornar o país competitivo no cenário internacional. Qualquer ator político, veículo de imprensa, acontecimento ou fenômeno que caminhe em sentido contrário é interdito ou silenciado por uma racionalidade estabelecida.

Isto foi muito notório ao final 2016 e durante ano 2017. Nesse contexto, enquanto as reformas avançavam, inclusive com apoio de Bolsonaro²⁷, ele conseguia agregar seguidoras e seguidores pelo Brasil, se capitalizando enquanto personagem que seria protagonista no cenário de 2018.

Entre as principais reformas do período Michel Temer²⁸ (MDB, antigo PMDB) podemos destacar o “Teto de gastos”²⁹ (que deve ser revisto agora no governo Lula III, sendo substituído pelo novo arcabouço fiscal), promulgado em dezembro de 2016; a

²⁶ Disponível em: <https://www.estadao.com.br/opiniao/o-grande-salto-para-tras/> Acesso em: 22/06/2023

²⁷ Jair Messias Bolsonaro votou favorável a Reforma Trabalhista. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/projeto-bula/reportagem/reforma-trabalhista-como-os-deputados-votaram/> Acesso em: 24/06/2023

²⁸ Michel Temer assumiu a presidência em 31/08/2016 e seu mandato transcorreu até 31/12/2018.

²⁹ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2016/12/13/pec-que-congela-gastos-do-governo-por-20-anos-e-aprovada-em-votacao-final.htm> Acesso em: 17/06/2023

reforma trabalhista³⁰ aprovada em 13 de julho de 2017; a mudança na matriz de exploração do pré-sal³¹; a autorização da terceirização em todas as atividades da empresa, além da agenda de privatizações.³²

Naquele momento, muito além do conteúdo das alterações constitucionais e legais, com mudanças significativas que impactaram em vários aspectos as relações sociais, algo nos inquietava: como tudo isto era aprovado com amplo apoio da imprensa, do Congresso Nacional e de significativos setores da sociedade?

Não só, nos surpreendia a força dos discursos justificadores de que a “modernização do Estado brasileiro” era necessária para salvar todas e todos de algo pior, na perspectiva econômica e social, e como estes elementos retóricos circulavam nas redes e nas ruas.

Vejamos o discurso do então Ministro da Fazenda Henrique Meirelles,

A grande mudança é dar mais poderes aos trabalhadores para negociar suas próprias condições de trabalho. A Alemanha fez uma reforma trabalhista muito grande. Em um primeiro momento, as pessoas se preocupavam que ia gerar uma queda do emprego em período integral. Mas houve um aumento grande do emprego. Com patrões, empregados, sindicatos, e confederações negociando, isso melhorou o emprego, declarou Meirelles (G1, 2017)³³.

Essa narrativa é reproduzida nos diversos espaços, sejam eles públicos ou privados, algo que vai ganhando força através da imprensa, sendo disseminado por páginas nas redes sociais virtuais, ou, ainda, patrocinado com dinheiro público (sem nenhum tipo de questionamento), na propaganda oficial do governo. Desde então, compreender a força discursiva do neoliberalismo no mundo atual passou a ganhar um sentido peculiar em nossa trajetória acadêmica.

Em paralelo, sendo algo que já vínhamos abordando desde o mestrado, mas que foi ganhando novos capítulos. Caminhamos no sentido de desenvolver a pauta

³⁰ Disponível em: <https://www.uol/economia/especiais/a-reforma-trabalhista.htm#mudam-as-leis-do-trabalho> Acesso em: 17/06/2023

³¹ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/11/1830999-fim-da-obrigatoriedade-da-petrobras-no-pre-sal-vai-a-sancao-de-temer.shtml> Acesso em: 17/06/2023

³² Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2018/12/30/temer-o-impopular-o-que-mudou-no-pais-em-dois-anos-de-governo.htm> Acesso em: 17/06/2023

³³ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/nova-lei-trabalhista-vai-gerar-mais-de-6-milhoes-de-empregos-diz-meirelles.ghtml> Acesso em: 02/06/2022

(neo)conservadora como elemento de mobilização política e, de forma específica, eleitoral. Isto vem sendo tratado estabelecendo conexões com a agenda de reformas do Estado.

Nesse momento, resgataremos de forma mais aprofundada a questão neoliberal, tratando dentro de um processo contextualização mais geral das relações sociais no mundo atual.

A autora norte-americana Wendy Brown (2019), no seu livro “Nas ruínas do neoliberalismo – a ascensão da política antidemocrática no ocidente” discute o neoliberalismo dentro de uma perspectiva foucaultiana traçando uma relação com a ascensão da extrema direita.

Brown (2019) caracterizou o neoliberalismo pela emergência da extrema direita nativista, racista, homofóbica, sexista, antisemita, islamofóbica, cristã conservadora e favorável ao capital financeiro. Sentimentos que vêm da ignorância e desprezo por valores progressistas da nossa tradição ocidental, o Iluminismo, a democracia liberal e a ciência. Esse moralismo autoritário e nacionalista recusa o Estado, exalta a precarização do trabalho e combate o Estado Social e o político como coletividade (MARINHO, 2020, p. 238).

Percebe-se, na leitura da sua obra, como o neoliberalismo avança, ainda mais, nas crises. Tomando como base o colapso financeiro de 2008 nos EUA, ela aborda que houve um reforço de valores neoconservadores como o patriotismo militarista e a exaltação da família tradicional heteronormativa, algo que desagua na culpabilização de inimigos pelas situações críticas que o próprio motivou.

Os danos das políticas neoliberais foram assim manipulados na imagem de suas próprias perdas, espelhada no descaminho da nação. Era a imagem de um passado mítico de família felizes, íntegras e heterossexuais, quando mulheres e minorias raciais sabiam seus lugares, quando as vizinhanças ordeiras, seguras e homogêneas, a heroína era problema dos negros, o terrorismo não em solo pátrio e quando cristandade e branquitude hegemônicas constituíram a identidade, o poder e o orgulho manifestos da nação e do Ocidente (BROWN, 2019, p. 13).

Diante da crise, o sangramento acontece, para Brown (2019), pelas veias das redes sociais, que potencializam um novo populismo de extrema direita que foi inflamado

pela ferida de privilégios destronados e em decorrência da insegurança de uma masculinidade que perdeu suas garantias.

Ainda dentro de sua abordagem, a autora critica a análise limitada por parte da esquerda quando tenta problematizar o avanço conservador. Segundo ela, normalmente, estes atores reduzem os exames a uma perspectiva que envolve, por exemplo, ressentimentos, crescimento de novas formas de comunicação e a perda do acesso público a serviços privatizados (MARINHO, 2020).

Não há nenhum equívoco, mas seria algo incompleto. É necessário incluir inúmeros outros elementos para dimensionar, de fato, essa relação entre o neoliberalismo e o avanço conservador.

Nesse sentido, seria necessário tratar da demonização da política, do social e do político, por parte da governamentalidade neoliberal; a valorização da moralidade tradicional e dos mercados como seus substitutos; a desintegração da sociedade e o descrédito do bem público pela razão neoliberal; o surgimento dos “tribalismos” como identidades e forças políticas; o ataque à igualdade, combinado com a mobilização dos valores tradicionais; a legitimação dos racismos dos legados coloniais e escravagistas; o fortalecimento da ordenação masculina; o niilismo crescente que desafia a verdade e transforma a moralidade tradicional em arma de batalha política; os ataques, em nome da liberdade e da moralidade, à democracia constitucional, à igualdade racial, de gênero e sexual, à educação pública e à esfera pública civil não violenta (MARINHO, 2020).

Uma novidade trazida na leitura de Wendy Brown (2019) é justamente a percebida no material coletado das redes de Jair Messias Bolsonaro, em especial as imagens postadas no seu *Facebook*: o crescente culto de uma masculinidade heteronormativa diante da insegurança e crises estabelecidas dentro do contexto neoliberal. O desafio, aqui, é compreender como isto foi canalizado como mobilização eleitoral e formatação de um capital político.

Para tanto, precisamos assimilar como o neoliberalismo não responde, somente, a uma crise de acumulação de capital. Atende, de fato, a uma perturbação de governamentalidade muito mais ampla e diversificada, potencializando uma tensão que passa, sobretudo, pelo questionamento de todas as formas relacionadas ao poder, inclusive o exercido através de uma masculinidade heteronormativa, que reage. Essa reação passa

por falsas soluções dentro de uma dinâmica disfarçada pela simplificação retórica: vida x autoridade, sexo x repressão, sociedade x estado (MARINHO, 2020).

Para estabelecer essa compreensão é necessário fazer uma genealogia do próprio pensamento neoliberal percebendo o contexto que estes elementos de mobilização política, tratando de forma especial o neoconservadorismo e o culto à masculinidade heteronormativa, afluíram.

Iniciando este diálogo, um primeiro desafio é dimensionar a complexidade conceitual para pavimentar um caminho de construção e interpretação dos seus pilares. Nesse sentido, Daniel Pereira Andrade destaca que

O neoliberalismo é um conceito polêmico. Desde o Colóquio Walter Lippmann (1938) e da primeira reunião da Sociedade de Mont Pèlerin (1947), a formulação designou, entre seus partidários, mais um campo de debate do que propriamente um consenso. Ordoliberais de Freiburg, Escola Austríaca, Escola de Chicago e representantes da London School of Economics e da Manchester School compartilhavam a mesma utopia de livre mercado e a mesma posição contrária ao intervencionismo econômico ao planejamento estatal centralizado (keynesiano, socialista ou desenvolvimentista), mas não tinham opinião comum sobre o papel legítimo do Estado, sobre as diretrizes de política econômica ou sobre a experiência fracassada do *laissez-faire* do século XIX (ANDRADE, 2019, p. 211-212).

Ou seja, o Colóquio Walter Lippmann³⁴ é marcado pela crença de que a livre-iniciativa, o empreendedorismo e a competitividade, seriam características que brotariam espontaneamente nos indivíduos, claro que para isso era necessária a intervenção econômica e social do Estado (SAFATLE, 2021).

³⁴ O Colóquio Walter Lippmann, em francês *Colloque Walter Lippmann*, foi uma conferência de intelectuais organizada em Paris em agosto de 1938 pelo filósofo francês Louis Rougier. Depois que o interesse no liberalismo clássico diminuiu nas décadas de 1920 e 1930, o objetivo era construir um novo liberalismo como uma rejeição do coletivismo, do socialismo e do liberalismo *laissez-faire*. Na reunião o termo neoliberalismo foi cunhado por Alexander Rustow referindo-se à rejeição do (antigo) *laissez-faire*.

O nome foi escolhido para homenagear o jornalista americano Walter Lippmann. O livro de Lippmann *An Enquiry into the Principles of the Good Society* tinha sido traduzido para o francês como *La Cité libre* e foi discutido em detalhe na reunião. Vinte e seis intelectuais, incluindo alguns dos mais proeminentes pensadores liberais, participaram do encontro entre eles Walter Lippmann, os alemães Ordoliberais como Wilhelm Röpke e Alexander Rustow, os teóricos da Escola Austríaca Friedrich Hayek e Ludwig von Mises. Walter Eucken foi convidado para o colóquio, mas não recebeu permissão pelo governo Nazista para deixar a Alemanha. Outros participantes franceses incluíram Raymond Aron, Robert Marjolin, Louis Rougier, e Jacques Rueff.

Disponível em: <https://www.wikifox.org/pt/wiki/Col%C3%B3quio_Walter_Lippman> Acesso em: 23/03/22

Dentro desse campo amplo de nomeação ou conceituação com múltiplos significados, podemos encontrar desde o uso com conotação pejorativa (culpa de inúmeros males), especialmente qualificado nesses padrões por um discurso político, majoritariamente, da esquerda; como a ideia utópica do papel (ou não papel) do Estado na economia empreendida pela Direita; ou, ainda, uma forma de olhar a sociedade, tratamento recentemente construído dentro das Ciências Sociais.

O processo de popularização do termo ganhou uma nova dimensão com o governo de Margareth Thatcher³⁵, que foi Ministra da Inglaterra entre 1979 e 1990; e de Ronald Reagan³⁶, que governou os Estados Unidos da América entre os anos de 1981 e 1989.

Nesse contexto histórico, encontramos os primeiros indícios de como o neoliberalismo não pode ser reduzido a uma simples política econômica ou desenhado como mera ideologia. A celebre frase de *Thatcher* aponta os indícios de algo que vai além das questões mencionadas, ganhando o patamar de uma racionalidade: “Economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma”³⁷.

Introduzindo Foucault (2004) na conversa, vale observar que o pensador francês aborda o neoliberalismo no âmbito de sua história das artes de governar, se referindo, de forma mais específica, ao exercício de uma soberania política.

se tentou conceitualizar esta prática que consiste em governar [estabelecendo] o domínio da prática de governo, seus diferentes objetos, suas regras gerais, seus objetivos de conjunto a fim de governar da melhor maneira possível (FOUCAULT, 2004, p. 3-4).

Essa gestão atua de maneira concreta e invisível na condução dos indivíduos, devendo ser compreendida como a articulação de um sistema de poder, algo que carrega elementos de interdependência, de interação, além dos processos de subjetivação.

³⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2013/04/veja-o-legado-de-margaret-thatcher-para-economia-britanica.html> Acesso em: 23/06/2023

³⁶ Disponível em: <https://www.ie.ufrj.br/images/IE/PPGE/disserta%C3%A7%C3%B5es/2010/MARCELO%20SOARES%20BANDEIRA%20DE%20MELLO%20FILHO.pdf> Acesso em: 23/06/2023

³⁷ Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/culpa-do-esejo/> Acesso em 17/03/2022

Na análise no neoliberalismo, dentro desta base foucaultiana, é necessário passear pelas questões que envolvem os conceitos de governamentalidade e poder, como estes perpassam os sujeitos, para, então, deslindar suas tecnologias.

Começando pelo que podemos nomear enquanto governo, devemos o compreender enquanto uma atividade que tem por meta conduzir os indivíduos ao longo da vida, algo inspirado no poder pastoral. Para Foucault, governo significa três coisas:

A nova ideia de um poder baseado na transferência, na alienação ou na representação da vontade dos indivíduos; o aparelho de estado instaurado no século XVIII; e, enfim, ‘uma técnica geral de governo dos homens’, que constituía o ‘reverso das estruturas jurídicas e políticas da representação, e a condição de funcionamento e de eficácia desses aparelhos’. Técnica cujo ‘dispositivo tipo’ consistia na organização disciplinar descrita no ano anterior (SENELLART, 2008, p. 528-9).

Governar, aqui, ganha o sentido de “curar os homens, de dirigir suas condutas, de constranger as suas ações e reação” (FOUCAULT, 2004, p. 03). Não só, o neoliberalismo promoveria um autogoverno dos indivíduos de modo que eles se conformem a certas normas (DARDOT e LAVAL, 2016). Diante desse quadro, localizamos na disciplina dos corpos e no governo das almas, duas faces complementares de um mesmo processo de normalização.

Dentro dessa regência neoliberal, vivenciamos uma racionalidade política que busca reconfigurar normativamente práticas e instituições. Uma norma de via liberal, governada pela lógica de mercado, caracterizada pelas dimensões da concorrência e com seu funcionamento formatado pela coerência da empresa privada (ANDRADE, 2019).

O neoliberalismo pressupõe um sujeito, na gestão de si, que age em conformidade a uma lógica capitalista, movido pelo interesse, pela utilidade, pela satisfação, que se traduzem nas formulações teóricas em termos matemáticos. Já na relação com os outros, essa racionalidade pressupõe um modelo de interação social baseado na dinâmica de mercado (FOUCAULT, 2004).

Dentro desse parâmetro, deve haver um processo de subordinação à logicidade de exaltação do valor mercadológico. Assim, tudo que não esteja em consonância com os ditames do mercado deve ser interdito, ocorrendo um processo de esvaziamento da vontade humana, algo também abordado por Bourdieu (1998).

A tão louvada autonomia dos indivíduos se revela logo como absoluta heteronomia (SAFATLE, 2021). Ou seja, acreditamos ser indivíduos autogovernáveis e a força disto está justamente nessa crença, que foi internalizado no processo de constituição do sujeito através de estruturas colocadas à serviço de uma razão específica.

A liberdade no neoliberalismo, para Foucault, é uma mentira ideológica, sendo constituída como uma técnica de governo dos homens. O “Panóptico é a própria fórmula de um governo liberal”. Assim, as disciplinas, coerções e os controles constituem a contrapartida das liberdades, ocultado pelos mecanismos disciplinares em funcionamento, ou seja, relações de poder.

A legitimidade e força da racionalidade neoliberal vem de sua coerência, algo que Butler também coloca como elemento fundamental para sustentação da sexualidade heteronormativa.

A coerência a unidades internas de qualquer dos gêneros, homem ou mulher, exigem assim uma heterossexualidade estável e oposicional, [...] sugere que a categoria de sexo, anterior a qualquer caracterização da diferença sexual, é ela própria construída por via de um modo de sexualidade historicamente específico (BUTLER, 2016, p. 52-3).

A substância, o natural, o normal são coerências criadas pela regulação de atributos. Esses elementos, que na verdade são instáveis, tanto em relação à sexualidade, quanto ao neoliberalismo, são superficialmente naturalizados e ratificados através de suas uniformidades. São também vulneráveis aos questionamentos narrativos e performáticos, algo que alimenta reações violentas.

Nesse sentido, para compreender sua força é preciso fazer uma genealogia e uma análise das maneiras de governar, localizando as singularidades históricas e fazendo seus enredos nos discursos e práticas que tiveram um papel em sua constituição e contingência.

Isto significa que podemos considerar o neoliberalismo (FOUCAULT, 2004) como uma matriz que produz discursos, atravessando diferentes dimensões da cultura, inclusive questões de gênero e o culto à masculinidade, com forte raiz moral.

Estamos dentro da rede que o pensador francês constituiu enquanto *episteme*, conceito elaborado para entender o processo de desenvolvimento e o modo de operação da teia que marca determinada sociedade, além da racionalidade que embasa e a mantém.

O termo “episteme” está no centro das análises de *As Palavras e as Coisas* (1966) e deu lugar a numerosos debates na medida em que a noção é, ao mesmo tempo, diferente da de “sistema” – que Foucault praticamente nunca utiliza antes que sua cadeira no Collège de France fosse, a seu pedido, rebatizada, em 1971, como “cadeira de história dos sistemas de pensamento” – e da de “estrutura”. Por episteme, Foucault designa, na realidade, um conjunto de relações que liga tipos de discursos e que corresponde a uma dada época histórica: “são todos esses fenômenos de relações entre as ciências ou entre os diferentes discursos científicos que constituem aquilo que eu denomino a episteme de uma época” (REVEL, 2005, p. 40).

Ao aprofundarmos a moldura colocada acima, podemos revelar operações dos esquemas interpretativos de uma época e os processos de subjetivação que nos fazem sujeitos. Ou seja,

[...] algo como uma visão do mundo, uma fatia de história comum a todos os conhecimentos e que imporia a cada um as mesmas normas e os mesmos postulados [...] uma certa estrutura de pensamento a que não saberiam escapar os homens de uma época (FOUCAULT, 2011, p. 89).

Por isso, qualquer análise passa pela observação dos mecanismos de saber-poder determinantes na subjetivação. “A forma da nossa existência, isto é, a forma pela qual somos pressionados a nos comportar e a de nos reportar aos outros e a nós mesmos” (DARDOT e LAVAL, 2010, p. 5).

A *assujettissement* é algo que submete o ser ao controle de sua identidade ou autoconsciência. Ou seja, sujeitar-se seria também tornar-se sujeito. Ambas as acepções indicariam uma forma de poder que impele. A formação do indivíduo, nesse caso, só poderia ser entendida dentro de um contexto histórico discursivo.

Dentro de uma estratégia genealógica é preciso perguntar sobre qual base, fontes, a propósito de quais circunstâncias as formas mais contemporâneas de poder foram historicamente constituídas. O poder, aqui, não é geral. É particular, histórico, local.

O que está em jogo é determinar quais são, em seus mecanismos, em seus efeitos, em suas relações, esses diferentes dispositivos de poder que se exercem, em níveis diferentes da sociedade, em campos e com extensões tão variadas. Grosso modo, acho que o que está em jogo em tudo isso é o seguinte: a análise do poder ou a análise dos poderes pode, de uma maneira ou de outra, ser deduzida da economia? (FOUCAULT, 1997, p. 13-14).

Os atos e efeitos da fala reinaugurariam continuamente verdades que aparecem enquanto um modo instrumental de poder. As verdades são ligadas a uma inteligibilidade, a certas normas de conhecimento. Isto ocorre delimitando o que será possível enquanto sujeito, existindo uma relação entre mecanismos de coerção e elementos do conhecimento.

Nesse sentido, o poder deve ser visto como algo positivo, que fabrica sujeitos, uma máquina produtiva, dentro de uma perspectiva relacional, que pode ser estabelecido em qualquer conexão.

Temos que deixar de descrever sempre os efeitos de poder em termos negativos: ele exclui, reprime, recalca, censura, abstrai, máscara, esconde. Na verdade, o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais da verdade. O indivíduo e o conhecimento que dele se pode ter se originam nessa produção (FOUCAULT, 2009, p. 196).

Assim, é algo dinâmico, processual, temporal, uma convergência complexa de relações sempre instáveis. Ao procurar descrevê-lo é preciso perceber que estamos tratando de uma descrição relacionada à determinada situação.

É preciso admitir um jogo complexo e instável em que o discurso pode ser, ao mesmo tempo, instrumento e efeito de poder, e também obstáculo, escora, ponto de resistência e ponte de partida de uma estratégia oposta. O discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também mina, expõe, debilita e permite barrá-lo (FOUCAULT, 2015, p. 92).

O momento específico aqui é justamente o sujeito neoliberal formada dentro da teia de discursos e práticas que empreende o cidadão de bem empresa. Isto é fator determinante para diferenciações, que vão desde os salários, que tem sua regulação abandonada por leis sociais, sendo colocado no patamar de recompensas pessoais, até os investimentos necessários em educação.

Diante desse quadro, a nova forma de poder é lastreada em um jogo de incitações concorrenciais, dentro de um conjunto de ações pós-disciplinar, a biopolítica. algo que torna a população objeto técnico-político de uma gestão e de um governo que deve produzir vidas livres, mas (invisivelmente) reguladas.

O livre mercado e a economia política figuram como elementos constitutivos de regulação biopolítica. Em decorrência disto, podemos perceber, na perspectiva foucaultiana, dois modos de intervenção que atuam em camadas diferentes, mas não se excluem: a biopolítica, já destacada; e o disciplinar.

De sorte que as coisas não devem de forma nenhuma ser compreendidas como a substituição de uma sociedade de soberania por uma sociedade de disciplina, e mais tarde de uma sociedade de disciplina por uma sociedade, digamos, de governo. Temos, de fato, um triângulo – soberania, disciplina e gestão governamental –, uma gestão governamental cujo alvo principal é a população e cujos mecanismos essenciais são os dispositivos de segurança (FOUCAULT, 2004, p. 111).

Aqui, cabe não somente governar o menos possível, mas fazê-lo de modo que os indivíduos sejam incitados a agir por interesse, supostamente, pessoal em conformidade com interesse geral da sociedade (que foi constituído por relações de poder), formatando um jogo de liberdade e segurança.

Essa grade de inteligibilidade neoliberal não se restringe à seara econômica, o padrão concorrencial formatado lá vai para outras dimensões sociais, impactando, inclusive, nas correlações estabelecidas por uma sexualidade performática que busca se reafirmar, constantemente, resgatando padrões, a exemplo da heteronormatividade.

Isto só foi possível graças a uma dimensão estratégica que envolve um conjunto de discursos e práticas, formatando dispositivos de poder que visam a instauração de novas condições políticas, a modificação das regras do funcionamento econômico e a alteração das relações sociais de modo a impor (determinados) objetivos.

Esse tipo de política sempre se apoiou na ideia de que, para os mercados funcionarem bem, é necessário reduzir os impostos, diminuir o gasto público (inclusive enquadrando seu crescimento em regras constitucionais), transferir as empresas públicas para o setor privado, restringir a proteção social, privilegiar soluções individuais diante de riscos, controlar o crescimento da massa monetária para reduzir a inflação, possuir uma moeda forte e estável e desregular os mercados, em particular o do trabalho (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 190-191).

Quando começamos a abordagem do neoliberalismo, enquanto instrumento de análise, tivemos como motivação um quadro midiático que fazia visualizar a força

narrativa das reformas (diminuição dos aparelhos de bem-estar social) do Estado brasileiro.

Estes discursos circulavam por diversos meios sem qualquer tipo de interdição ou questionamento, atravessando diversos recortes sociais e mecanismos de comunicação em meio ao avanço de Jair Messias Bolsonaro enquanto ator político.

No primeiro momento, frustrações balizaram uma tentativa de captação e explicação, dentro do contexto neoliberal, do avanço neoconservador no mundo e, de modo particular, no Brasil. Havia e há uma relação entre as frustrações geradas pelo peso de ser um “empreendedor de si” e posicionamentos políticos carregados de ressentimentos contra mulheres, gays, pobres ou imigrantes, mas isto já vem sendo trabalhado em larga escala, algo que será lembrado adiante.

Como já observado, o material coletado pediu para ir além, algo que não deve atropelar essas questões já abordadas por diversas autoras e autores e que, aqui, serão retomadas enquanto trajeto. Não estamos tratando somente do avanço conservador no Brasil, mas como isto foi canalizado por Bolsonaro na sua ascensão política tomando como objeto suas Redes Sociais.

1.3 A ASCENSÃO DA PAUTA CONSERVADORA COM A VITÓRIA DE JAIR BOLSONARO

No dia 28 de outubro de 2018, às 19 horas, 18 minutos e 51 segundos³⁸, encontrávamos sozinho, isolado no apartamento, que fica localizado na periferia de Campina Grande, Paraíba, já esperando a notícia. De repente, alguns gritos quebraram o silêncio tradicional na região: “Bolsonaro ganhou p...”, “Viva o capitão”, “Tchau PT”, entre outros berros que saíam das janelas de um condomínio popular filho do “Minha casa, Minha vida”.

³⁸ Disponível em: <<https://www.tse.jus.br/comunicacao/noticias/2018/Outubro/presidente-do-tse-anuncia-eleicao-de-jair-bolsonaro-para-presidente-da-republica>> Acesso em: 16/06/2023

Ao rememorar a situação, vem, quase que de forma automática, o turbilhão de sentimentos que nos fez, naquele momento, só querer ir dormir como forma de tentar amenizar uma angústia, que não era individual, mas, coletiva, de parcela significativa da população brasileira.

Já na terça-feira (não me pergunte sobre a segunda) pós-eleição, nos encontramos na aula da professora Elizabeth Christina, mais conhecida como Bebete, na UFCG. Estava transcorrendo as disciplinas do doutorado. O nome do curso: o golpe contra a Presidenta Dilma Rousseff (PT). Abalados, ninguém conseguia falar e a aula foi encerrada antes de começar.

Visitar aqueles sentimentos não é uma tarefa fácil, mas algo necessário. Faz parte de todo um itinerário de questionamentos, inquietações e problematizações. Como tudo aquilo aconteceu? Por que pessoas beneficiadas por um programa social estavam comemorando a vitória de alguém que faz duras críticas a essas políticas? O que estudantes do ensino superior de uma universidade pública celebravam?

Diante deste quadro, os discursos que circulavam ponderando a eleição de Bolsonaro destacavam, entre outras questões, sua força nas redes sociais, a temática religiosa dentro de uma moral sexual e o antipetismo. Como um indivíduo, sem um partido de expressão, sem tempo significativo de TV no horário gratuito, conseguiu quase 58 (cinquenta e oito) milhões de votos e foi eleito presidente do Brasil?

Diante disso, iniciamos nossa coleta de informações. A cada notícia, análise ou abordagem sobre o processo eleitoral de Jair Messias Bolsonaro para presidência, o material era recolhido e armazenado, sendo salvo em ordem cronológica dos acontecimentos, preservando o seu caráter temporal.

Ao fazer isto, de forma diária, através de nossas redes e dos principais portais de notícia, formatamos um termômetro dos fatos. A cada dia, o que estava em evidência, recebendo engajamento, sendo comentado e compartilhado, era arquivado.

Esse calendário de dados, além de ser um parâmetro de consulta, funciona, hoje, de forma fria e distante, como mecanismo de percepção de quais discursos estavam em evidência em cada momento que circunda determinado período, algo que serviu de base para toda uma formulação em termos de trajetória, mas também para tratar questões específicas, deslindando pontos invisíveis.

Dito isto, no dia 05 de outubro de 2018, no lapso temporal entre o primeiro e o segundo turno das eleições presidenciais, o jornal Estadão publicou uma matéria que dava a dimensão do tom de abordagem sobre o sucesso eleitoral do ex-capitão do Exército: “Sozinho, Bolsonaro tem mais citações nas redes do que todos os adversários juntos, diz estudo”.³⁹

Segundo o portal, a análise foi feita por uma empresa espanhola denominada de “Alto *Data Analytics*, que trabalha com inteligência artificial e análise de grandes bases de dados”. Os números impressionavam, foram 34 milhões de publicações observadas, o que vai imprimindo a narrativa que uma abordagem quantitativa seria fundamental para compreendermos o decurso que estamos inseridos.

A retórica da importância de dados sobre as redes sociais como elemento para compreender o processo eleitoral era reforçada constantemente. Enquanto transcorria a votação do segundo turno em todo o país, o portal Valor Econômico colocou em destaque: “Haddad superou Bolsonaro nas redes sociais no sábado, aponta MAP”.⁴⁰

Percebam como, de alguma forma, este tipo de informação foi uma constante, não só naquele momento, mas nos últimos anos. Inúmeros dados são publicados regularmente sobre as Redes Sociais Virtuais, com formas de observações variadas, novas metodologias e caminhos que vão sendo alterados de acordo com a dinâmica e as formas de percepção.

Tratando ainda de 2018, uma série de acontecimentos marcaram o primeiro turno daquela corrida presidencial, o que terminou por balizar os instrumentos de explicação da vitória de Bolsonaro. A compreensão de uma dinâmica que envolve o digital, as “*Fake News*”, além da pauta que tinha como protagonismo a moral sexual conservadora, passou a exercer um papel central enquanto chave analítica.

A estratégia de campanha surpreendeu e merece ser relatada como forma de dimensionar, ou não, como foi algo decisivo para seu sucesso. É importante conhecer os componentes de suas estruturas, os conteúdos que circularam e o formato de atuação. Seguimos.

³⁹ Disponível em: <<https://www.estadao.com.br/politica/eleicoes/sozinho-bolsonaro-tem-mais-citacoes-do-soma-dos-adversarios-juntos-diz-estudo/>> Acesso em: 16/06/2023

⁴⁰ Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/10/28/haddad-superou-bolsonaro-nas-redes-sociais-no-sabado-aponta-map.ghtml>> Acesso em: 16/06/2023

De repente, uma paulistana, moradora da zona sul, acordou atordoada em meio à madrugada com inúmeras mensagens no seu celular. Sem conhecer qualquer participante ou administrador, foi bombardeada com “informações”, sendo adicionada em dezenas de grupos do *WhatsApp*⁴¹.

Depois de um ou dois dias, fui colocada em outros oito grupos. Todos com nome de Bolsonaro 2018 ou Lula Livre 2030 (nome irônico, fazendo referência à pena total do ex-presidente). Isso nunca tinha acontecido comigo ou com nenhum outro amigo. Eu tirei o print das telas e bloqueiei todos também (MAGENTA, GRAGNANI & SOUZA, 2018, p. 3).

Já o jovem morador de Campinas, interior do Estado de São Paulo, acompanhou por alguns dias o desenrolar dos acontecimentos no grupo. Observou como os debates eram conduzidos por três pessoas, basicamente o que acontecia em todos os grupos que, surpreendentemente, estava participando.

Era como se quatro deles guiassem o debate. Eles mandavam dezenas de memes e vídeos contra o PT todos os dias. As outras pessoas mandavam muito conteúdo também e aquilo se tornava uma loucura. Quem não concordava com ideias de extrema direita não suportava meia hora ali⁴² (MAGENTA, GRAGNANI & SOUZA, 2018, p. 3).

Em 18 de outubro de 2018, entre o primeiro e segundo turno da campanha presidencial, a “Folha de São Paulo” revelou que empresários bancavam a campanha contra o PT pelo *WhatsApp*. Os contratos giravam na casa dos 12 milhões de reais e violavam a Lei Eleitoral, pois caracterizavam caixa dois e doação empresarial para campanhas.⁴³

Segundo a reportagem, uma das principais empresas envolvida seria a Havan⁴⁴, que é propriedade de Luciano Hang (personagem importante em todo o enredo

⁴¹ O WhatsApp é um aplicativo de comunicação instantânea disponível para celulares Android e iPhones. O app foi criado em 2009, nos Estados Unidos, por Brian Acton e Jan Koum, com objetivo de oferecer uma alternativa às mensagens via SMS. Disponível em: <https://canaltech.com.br/empresa/whatsapp/> Acesso em: 01/07/2023

⁴² Depoimento de pessoa que preferiu não ser identificada. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45910249> Acesso em: 22 de fev. de 2019.

⁴³ Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contr-o-pt-pelo-whatsapp.shtml> Acesso em: 18 de fev. de 2019.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.havan.com.br/> Acesso em 02/07/2023

bolsonarista), militante *online* e entusiasta da campanha do então candidato eleito. O empresário foi acusado pelo Ministério Público do Trabalho de coagir funcionários para votarem em Bolsonaro.⁴⁵

Tentar entender os meandros como mensuração da eficácia para o resultado eleitoral é só um ponto de partida, pois boa parte desta dinâmica faz parte de processos eleitorais da atualidade. Assim, esse trabalho funciona como uma contribuição metodológica não só para as Ciências Sociais, mas algo que vai além, envolvendo o campo político, que no mundo atual com alteração na velocidade na comunicação precisa se reinventar de forma constante.

Também podemos verificar, quase que de imediato, como a atuação *online* não é restrita a uma única rede virtual (*Facebook, WhatsApp, Instagram...*), de forma isolada, circulando por diversas frentes, especialmente na intensidade dos períodos de campanha.

Isto dificulta qualquer tipo de abordagem que coloque a observação dentro de uma única teia. Todavia, diante da velocidade e quantidade dos conteúdos é impossível não fazer recortes, que devem tomar como ponto de partida uma abordagem geral e, de acordo com o material empírico coletado, vá afunilando de maneira segura.

Nesse sentido, entre as ferramentas digitais utilizadas de forma auxiliar, foi detectado o uso do site *TextNow*⁴⁶ que gera números de telefone estrangeiros automaticamente e terminou por facilitar o disparo em massa de mensagens. Assim, funcionários dispunham de dezenas de códigos para administrar os grupos ou participar deles conduzindo as interações.

Os mesmos administradores também usam algoritmos que segmentam os membros dos grupos entre apoiadores, detratores e neutros, e, desta maneira, conseguem customizar de forma mais eficiente o tipo de conteúdo que enviam. [...] Os administradores de grupos bolsonaristas também identificam influenciadores: apoiadores muito ativos, os quais contatam para que criem mais grupos e façam mais ações a favor do candidato (MELLO, 2018, p. 4).

As primeiras estimativas calculavam que entre 20 mil e 300 mil grupos circulavam conteúdo da campanha de Jair Messias Bolsonaro (então no PSL). Quando

⁴⁵ Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/brasil/mp-do-trabalho-processa-havan-acusada-de-coagir-funcionarios-votar-em-bolsonaro-23120279>> Acesso em: 19 de fev.de 2019.

⁴⁶ Disponível em: <https://www.textnow.com/> Acesso em: 01/07/2023

fazemos uma aritmética simples, multiplicando o número de grupos (300 mil) com a possibilidade de participantes em cada núcleo (256), chegamos a um potencial de quase 77 milhões de pessoas, formando uma base que vai muito além desse patamar. Só lembrando que o Presidente foi eleito com cerca de 57 milhões de votos.⁴⁷

Não só isso, eles conseguiram programas capazes de coletar os números de telefones de milhares de brasileiros no *Facebook* e usá-los, criando grupos e enviando informações em massa, de forma automática no *WhatsApp* (MAGENTA, GRAGNANI & SOUZA).

Segundo reportagem da *BBC News Brasil*⁴⁸, quem opera os programas escolhe o público-alvo no *Facebook* (por palavras-chave, páginas ou grupos públicos) e dá início à coleta dos dados em uma planilha.

Em menos de dez minutos e de dez cliques, é possível reunir quase mil telefonemas de usuários, já segmentados por curtidas na página de determinado candidato, gênero ou cidade, e criar automaticamente grupos com até 256 pessoas cada a partir da lista dos telefones coletados (MAGENTA, GRAGNANI & SOUZA, 2018, p. 2).

O testemunho de algumas pessoas durante o processo eleitoral mostra como era disparada as informações e como isto era trabalhado como elemento propulsor, direcionando politicamente as pessoas, formando militantes e, sobretudo, espalhando *Fake News*⁴⁹.

Essa metodologia de propagação de dados emerge dentro do contexto da pós-verdade. As emoções ganham protagonismo. Assim, as evidências perderam espaço para um debate acalorado, processado pelo impacto cultural, comportamental e filosófico da *internet*. “O triunfo do visceral sobre o racional, do enganosamente simples sobre o honestamente complexo” (D’ANCONA, 2018, p. 29).

⁴⁷ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/eleicoes/2018/noticia/2018/10/28/jair-bolsonaro-e-eleito-presidente-e-interrompe-serie-de-vitorias-do-pt.ghtml>> Acesso em: 21 de fev. de 2019.

⁴⁸ Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45910249>> Acesso em: 20 de fev. de 2019

⁴⁹ Não é de hoje que mentiras são divulgadas como verdades, mas foi com o advento das redes sociais que esse tipo de publicação popularizou-se. A imprensa internacional começou a usar com mais frequência o termo *Fake News* durante a eleição de 2016 nos Estados Unidos, na qual Donald Trump tornou-se presidente. *Fake News* é um termo em inglês e é usado para referir-se a falsas informações divulgadas, principalmente, em redes sociais. Disponível em: <https://mundoeducacao.bol.uol.com.br/curiosidades/fake-news.htm> Acesso em: 22 de fev. de 2019

Em 2016, o *Oxford Dictionaries*, departamento da universidade de *Oxford* responsável pela elaboração de dicionários escolheu o termo pós-verdade como vocábulo do ano. Além de eleger, a instituição definiu o que é: “um substantivo que se relaciona ou denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência em moldar a opinião pública do que apelos à emoção e a crenças pessoais”.⁵⁰

Um cenário com a produção de conteúdo descentrada, fluída. Um investimento que tem por intuito valorizar uma verdade pessoal como absoluta, aquela que ratifica a visão de mundo do enunciador. É uma fábrica de subjetividades. Uma tentativa de ruptura epistemológica com os saberes acadêmicos. O politicamente incorreto como vanguarda. A formação de inimigos junto com o revisionismo histórico (LIMA; LIMA, 2020).

Todavia, mais do que dados e mecanismos, é importante observar o conteúdo que circulou nesses núcleos, o rastro deixado ao longo dos números. Em termos de narrativa, foram detectadas aquelas com apoio eleitoral explícito ao ex-capitão, mas também as com foco anti-PT, que passavam por nichos temáticos, dirigidos a grupos específicos, como antiaborto e os voltados para comunidades religiosas.

Nesse cenário de conexões e comunicação com uma teia bem estruturada, o inimigo principal era o Partido dos Trabalhadores (PT) e os atores que o circundavam. Para atingi-los, a força das narrativas vinha de elementos que envolviam questões sexuais, potencializadas pelas *Fakes*.

Diante desse quadro, das cinco notícias falsas com maior impacto na reta final daquela corrida presidencial, três envolviam o tema da sexualidade,⁵¹ a principal delas afirmava que Haddad era o criador do *kit gay* para crianças de 6 anos. Todavia, tratava-se do projeto denominado “Escola Sem Homofobia”⁵² oriundo da sua gestão enquanto Ministro da Educação.

As outras *fakes* difundiam: “o homem que apunhalou Bolsonaro é filiado ao PT e aparece numa foto com Lula”; além disso, “uma senhora foi agredida por ser eleitora

⁵⁰ Disponível em: < <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/11/16/O-que-%C3%A9-%E2%80%98p%C3%B3s-verdade%E2%80%99-a-palavra-do-ano-segundo-a-Universidade-de-Oxford>> Acesso em: 14 de mar. 2020

⁵¹ Cinco ‘fake news’ que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html> Acesso em: 23 de jan. de 2020.

⁵² Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/ce/noticias/escola-sem-homofobia> Acesso em: 26/06/2023

de Bolsonaro” (que na verdade era atriz Beatriz Segall); a (falsa) informação que Haddad defende o incesto, além do comunismo, em um de seus livros; e, chegando ao poder, pretende legalizar a pedofilia (tema recorrente na página do *Facebook* de Bolsonaro, algo que só conseguimos perceber na parte final da pesquisa, quando selecionamos as imagens postadas por ele).

Observamos aqui, de forma exordial, exemplos de uma combinação entre conteúdos, narrativas e aparelhos estruturais de comunicação, levantados ao longo de nossas análises, que estão inseridos em dinâmicas políticas, potencializadas eleitoralmente, que fazem parte dos elementos que desencadearam a vitória de Jair Messias Bolsonaro.

Na ocasião, fomos apresentando cotidianamente a essas questões e foi necessário mergulhar neste campo para compreender sua dimensão, sua força elucidativa e, de fato, seu alcance analítico. Naquele momento, pelo menos aparentemente e de maneira preliminar, qualquer tipo de abordagem explicativa, no que se refere à ascensão de Bolsonaro, passava pelo tema da sexualidade, atrelado à questão religiosa, dentro da dinâmica das redes sociais.

Os avanços dos movimentos feministas, LGBTQIA+ e identitários nos anos 2000, que questionaram posições historicamente privilegiadas, entre elas a masculinidade, fazem parte desse enredo e isto também deve ser relacionado a uma reação conservadora. As agendas promovidas por esses movimentos são perpassadas como a morte da configuração social tradicional, o que gera medo e insegurança (ALENCAR, 2018).

Dentro do contexto apresentado, novos demônios emergiram, as fobias foram atualizadas e configuradas junto a uma dinâmica sexual que precisa ser enquadrada dentro de um padrão heteronormativo. A religiosidade funciona como uma força auxiliar nesse processo em busca da solidez perdida. O Estado foi colocado em cena, sendo algo disputado para garantir a força divina para além do sagrado.

Uma das formas de explorar a insegurança gerada pelos questionamentos a padrões, inclusive sexuais, historicamente estabelecidos, foi através do pânico moral.

Erich Goode e Nachman Ben-Yehuda definem pânico moral como o consenso, partilhado por um número substancial de membros de uma sociedade, de que determinada categoria de indivíduos ameaça a

sociedade e a ordem moral. Portanto, esse número considerável de pessoas que se sentem ameaçadas tende a concordar que “algo deveria ser feito” a respeito desses indivíduos e seu comportamento. O algo a ser feito aponta para o fortalecimento do aparato de controle social, ou seja, novas leis ou até mesmo maior e mais intensa hostilidade e condenação pública a determinado estilo de vida. (MISKALCI, 2007, p. 112).

Então, em resposta aos medos morais, que aqui não são tratados como uma questão do indivíduo enquanto agente, as mazelas sociais são atreladas às mudanças de ordem cultural que afetaram as dinâmicas sociais, desintegrando uma sociedade, gerando instabilidade em meio à necessidade de ordem para o seu desenvolvimento.

As fobias são justificadas pelas decepções que seriam, supostamente, provocadas pelo sentimento de que o ordenamento social foi perdido. Esse processo tem como força performática a legitimação do ódio como forma de atuação política.

Efeito esse visível no próprio redimensionamento contemporâneo do campo político. Pois é um dos fatos contemporâneos mais relevantes a redescritção completa da lógica motivacional da ação política em uma gramática de emoções. É cada vez mais evidente como lutas políticas tendem a não ser mais descritas a partir de termos eminentemente políticos, como justiça, equidade, exploração, espoliação, mas através de termos emocionais, como ódio, frustração, medo, ressentimento, raiva, inveja, esperança (SAFATLE, 2021, p. 22).

Essa estética do conflito, com base em fobias, como forma de reação conservadora no campo político, ganha força com as redes sociais virtuais, mas também deve ser observada dentro de um contexto que valoriza o caráter performativo dentro das relações sociais.

Daí surge a falsa sensação de coerência discursiva no regaste do passado como forma de resolver problemas do presente. Não só, a culpabilização daqueles que quebram padrões sexuais (heteronormativo, masculino) por crises sociais é alcançada por uma ação constante que envolve práticas e discursos que dão visibilidade aos inimigos, minorias que não se enquadram às normas.

Essas frustrações, sofrimentos e agressividades, entre outras performances despertados pela ideia de algo que foi perdido, estão inseridas no recorte epistemológico neoliberal, que é conectado a estes sentimentos.

Podemos falar em “instauração” porque a força do neoliberalismo é performativa. Ela não atua meramente como coerção comportamental, ao modo de uma disciplina que regula ideias, identificações e visões de mundo. Ela molda nossos desejos, e, nesse sentido, a performatividade neoliberal tem igualmente efeitos ontológicos na determinação e produção do sofrimento. Ela recodifica identidades, valores e modos de vida por meio dos quais os sujeitos realmente modificam a si próprios, e não apenas o que eles representam de si próprios. Se admitimos que uma forma de vida tende a manter sua unidade extraíndo produtividade de suas contradições, determinadas e indeterminadas, de acordo com estratégias provenientes do trabalho e do mercado, do desejo e da linguagem, poderemos localizar os efeitos estruturais da dimensão performativa da gestão neoliberal do sofrimento (SAFATLE, 2021, p. 11).

Podemos apreender, aqui, uma disciplina que regula ideias, molda desejos, com uma performatividade que tem efeitos ontológicos na determinação e produção de um tipo de sofrimento. Nesse sentido, Butler destaca que

[...] interpreto (a) a figura da soberania à medida que ela surge no discurso contemporâneo sobre o performativo à luz da tese foucaultiana segundo a qual o poder contemporâneo não tem mais um caráter soberano. A figura do performativo soberano serve de substituto para um sentimento de perda de poder? E como essa perda pode se converter na condição para a elaboração de um sentido revisado do performativo? (BUTLER, 2021, p. 127).

Conforme pôde ser percebido, a campanha presidencial de 2018 foi algo diferente na história recente do Brasil. A sexualidade e seus medos performáticos alimentaram uma pauta conservadora que dominou a dinâmica eleitoral e isto nos ajudou a apontar caminhos para compreensão da ascensão de Bolsonaro, algo que não pode ser restrito ao período de campanha, mas que partimos dela.

Dentro dessa analítica, a família ganha centralidade na agenda, algo que passa pelas questões sociais e culturais, dentro de uma simbiose neoliberal. Ou seja, qualquer tipo de flexibilização em sua configuração tradicional, patriarcal e heteronormativa, pode trazer mazelas irreparáveis. A força disto é observado quando Friedman (1984), teórico

neoliberal, coloca a categoria familiar como condição para discussão, inclusive, da liberdade, que é um valor imensurável para eles e algo presente nas discussões atuais.

Essas pautas que envolvem os processos eleitorais recentes no Brasil estão dentro de um contexto mundial, um novo movimento conservador denominado de neoconservadorismo, que colocou as discussões sexuais e reprodutivas no cerne das agendas políticas pelo mundo, tendo como eixo a defesa da família (tradicional e heteronormativa) e o militarismo.

A questão militar não foi colocada inicialmente por nós como elemento com força explicativa da ascensão de Bolsonaro. Todavia, quando estivemos observando as postagens na sua página do *Facebook*, pudemos verificar como é algo fundamental na construção de sua imagem e funciona enquanto agenda eleitoral, algo que será analisado em momento oportuno enquanto ferramenta de identificação a uma masculinidade heteronormativa.

Outro ponto da retórica neoconservadora verificado nos fenômenos políticos atuais é a formação de inimigos, sejam eles externos (comunistas) ou internos (negros, gays, pobres, imigrantes), algo que fomenta as performances punitivistas, “o inimigo torna-se a retórica que justifica todas as violências e o medo torna-se argumento central da política” (SOLANO, 2018, p. 09).

O surgimento do seu nome, “neo”, novo conservadorismo, é atribuído a mudança de intelectuais da base do Partido Democrático norte-americano para os Republicanos, unindo-se à direita tradicional, formando uma frente aos movimentos reivindicatórios, formatando uma Nova Direita com a eleição de Ronald Reagan (LACERDA, 2019).

Na seara econômica, um neoconservador dialoga com o neoliberalismo, acredita que o bem-estar humano estará relacionado a liberdade de empreender, reduzindo o Estado e encorajando a virtude social. O capitalismo é encarado com uma dádiva de Deus.

No processo eleitoral de 2018 a economia saiu da cena principal, sendo uma coadjuvante alimentada por elementos discursivos da Teologia da Prosperidade⁵³ e de

⁵³ “Um conjunto de crenças e afirmações, surgidas nos Estados Unidos, que afirma ser legítimo ao crente buscar resultados, ter fortuna favorável, enriquecer, obter o favorecimento divino para sua vida material ou simplesmente progredir”. (CAMPOS, 1997, 363)

uma suposta meritocracia⁵⁴ individual. Assim, você deve deixar nascer o empresário que existe em você.

O Estado ser tornou mais um demônio, entre os muitos que afligem nossa sociedade, sendo a causa de destruição das nossas famílias, pois adotou políticas afirmativas e de bem-estar social e, conseqüentemente, provocou os males que atingem o corpo social.

Seguindo essa abordagem, Pierucci (1989) fez uma relação entre o neoliberalismo e a moralidade da família tradicional, para ele, sem a cruzada moralista, a pauta socioeconômica (retirada de direitos trabalhistas, teto de gasto com saúde e educação) não conseguiria legitimar-se no voto popular numa sociedade periférica.

Já Flávia Biroli (2017) vê um moralismo compensatório, uma forma de canalizar politicamente frustrações e de desviar a atenção das políticas neoliberais. Ou seja, as questões morais são colocadas como cerne da vida social em detrimento de problemas econômicos.

Em meio a essas pautas e dinâmicas há um protagonismo da direita cristã, que fica mais evidente como a força crescente dos evangélicos⁵⁵. Isso pode ser verificado em termos quantitativos, com cadeiras no parlamento, mas também pela capacidade de pautar questões conservadoras, especialmente as relacionadas à sexualidade.

Em paralelo ao forte crescimento dos evangélicos no Brasil⁵⁶, é visível a força de um estilo de vida que ganha as ruas e posteriormente as redes, sendo elemento para toda uma dinâmica e tensões sociais em diversos campos de disputa.

⁵⁴ A palavra “meritocracia” foi cunhada pelo escritor, sociólogo e político inglês Michael Young (1915-2002) quando lançou seu livro “The Rise of Meritocracy”. No romance, Young cria uma sociedade futurística onde todas as pessoas seriam avaliadas somente por seus méritos. Assim, se todos podem ascender socialmente através do esforço, aqueles que não o faziam eram preguiçosos e culpados de sua própria miséria. Disponível em: <<https://www.todamateria.com.br/meritocracia/>> Acesso em: 10 de mar. 2020

⁵⁵ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/05/5009738-bancada-evangelica-ja-alcanca-80-dos-partidos.html>

⁵⁶ “Entre 2000 e 2010, houve uma queda no número absoluto de católicos no país – passou de 124.980.132 para 123.280.171 –, segundo José Eustáquio, “foi a primeira vez que isso aconteceu na história do Brasil”. No mesmo período, o número de evangélicos cresceu. Se observarmos a REC, em 1991, existiam 10,8 evangélicos para cada 100 católicos; vinte anos depois, 34,3 evangélicos para cada 100 católicos.” Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Sociedade-e-Cultura/O-fenomeno-evangelico-em-numeros/52/44150>> Acesso em: 23 de jan. de 2020.

A militância é transformada em dimensão essencial da identidade evangélica, pregando-se o reconhecimento do fiel para proteção das forças malignas que regem o mundo. Ou seja, uma cultura evangélica é talhada junto com sua expansão demográfica e uma agenda conservadora nos meios de comunicação, além de disputas na política partidária e a construção do mercado musical (CUNHA, 2015).

A rígida moral sexual e o forte controle dessas comunidades religiosas construiu aspectos culturais fundamentais para compreensão da sociedade atual. Assim, “ele pode vigiar e ser vigiado pelos companheiros de fé, adotando uma moralidade privatizada” (PRADI, 1992, p. 86).

O tema da sexualidade continua como protagonista. A tentativa de sufocar ou controlar o impulso sexual intensifica a atividade religiosa, produzindo isolamentos em relação ao mundo pecador. Este distanciamento gera um cenário difícil nos meios sociais, com diversas tensões no trabalho, família e círculos mais amplos.

Com o protagonismo da Direita Cristã na campanha de 2018, o neoconservadorismo ganhou uma nova arena, a Presidência da República. Para Solano (2018) alguns fatores conjunturais pavimentaram o terreno.

O primeiro, é o processo de *Impeachment*, uma ruptura dramática na estabilidade institucional. Soma-se a isto as altas taxas de desemprego e o aumento da vulnerabilidade com a precarização para amplas camadas populacionais, desgastando o tecido social. Outro elemento é o Judiciário e seus abusos, hiperinflacionado e militante. A reconfiguração social brasileira nos governos Lula e Dilma sedimenta o ódio e o antipetismo. Um último fator é a penetração das Igrejas Evangélicas, com novas articulações de sociabilidade, especialmente nas periferias.

Além disso, Solano (2018) destaca algumas causas estruturais, entre estas, a democracia em crise, o declínio dos sistemas representativos tradicionais, o mal-estar difuso, a tecnocratização da política, e, um regime demagógico que manipula medos, emoções e afetos.

A articulação de atores sociais neoconservadores, com destaque para a direita cristã e o militarismo, gerou uma aderência social a uma retórica agressiva muito além da *internet*. Nessa seara, uma metodologia de comunicação inovadora, usando técnicas de

pós-verdade, fizeram da eleição brasileira um laboratório privilegiado para análise desse fenômeno mundial, o avanço neoconservador carregado de autoritarismo.

Mas, como isto foi canalizado por Jair Messias Bolsonaro no seu percurso até o cargo de Presidente? Este fenômeno foi algo sedimentado no período eleitoral ou construído ao longo dos últimos anos? Quais os instrumentos de aderência foram utilizados para ele se tornar um símbolo dessa forma de pensar e agir? Isto que foi mencionado acima explica a força política do ex-capitão do exército? Essas são questões sem fácil resolução, mas que servem de ilustração para os próximos passos.

Tivemos, até aqui, um recorte analítico inicial diante das leituras provocadas pelos primeiros passos da pesquisa, que serviram para ir além. O contato com o material coletado ao longo dessa jornada mostrou uma base sólida, mas com novos horizontes, para entender o fenômeno Bolsonaro. Assim, precisamos observar todos os dados, como tentamos sistematizá-los, com erros e acertos, e como isto nos ajudou a lançar novas questões dentro do nosso trajeto. Adiante.

2- OS NÚMEROS, NEM SEMPRE, FALAM

Ao iniciar este capítulo, a primeira cena que esteve presente em nosso imaginário foi o momento de nossa qualificação e, breve, você leitor entenderá o porquê. Sentimos a necessidade de ilustrar bem aquele momento, de modo introdutório, pois o que seria uma das etapas finais desta trajetória, foi transformado em ponto inicial, um movimento de partida.

Tentamos reviver, mentalmente, os exatos termos da ocasião que antecede a defesa final, as arguições dos membros da banca, os desafios traçados e as reflexões que emergiram naquele cenário, inclusive com a data exata para compreensão do seu contexto. Confesso, não conseguimos.

Então, recordamos algo fundamental no mundo atual. Tinha feito uma postagem nos *stories*⁵⁷ do nosso *Instagram* celebrando a passagem do rito. Diante disso, tomamos a iniciativa de pesquisar quando havia acontecido o *post*, rememorando um dos destaques no nosso perfil na rede social, que denominamos de “Doutorado”.

Estávamos lá, no dia 15 de agosto, período que antecedia as eleições presidenciais de 2022. O protocolo era celebrado “entre sorrisos e cabelo em pé, qualificado”. A imagem tinha sorrisos, suor, olhares. Essas mensagens eram perpassadas pelas posturas, os corpos falavam.

Mas, como lembramos esses detalhes? Como fomos capazes, num curto espaço de tempo (enquanto escrevíamos essas linhas iniciais do tópico), de revisitarmos aquela oportunidade com seus pormenores? Por que isto entra no nosso trajeto de análise e é um debate necessário para uma pesquisa sobre redes virtuais?

A resposta é simples diante do momento que vivemos, mas complexa quando contextualizamos as transformações digitais experimentadas pela humanidade nos últimos 30 (trinta) anos (pelo menos).

⁵⁷ *Stories* permitem que você compartilhe momentos diários e fique mais perto das pessoas e interesses importantes para você por meio de fotos e vídeos que desaparecem depois de 24 horas. É possível compartilhar seus *stories* com todos os seus seguidores ou com sua lista Amigos Próximos. Disponível em: <https://about.instagram.com/pt-br/features/stories#:~:text=Stories%20permitem%20que%20voc%C3%AA%20compartilhe,com%20sua%20lista%20Amigos%20Pr%C3%B3ximos>. Acesso em: 01/08/2023

A suposta superficialidade deste tipo de observação só aparece porque naturalizamos ter disponível um instrumento de comunicação com alta capacidade tecnológica, um *smartphone*,⁵⁸ que virou um instrumento de convivência com os outros, algo que impacta o nosso eu.

Vale observar que o aparelho telefônico, objeto que usamos cada vez menos para ligações, funciona hoje como um prolongamento de nossa memória, um “HD externo” (usando a linguagem digital), com capacidade de processamento e armazenamento imensuráveis. Cada pessoa carrega um computador em suas mãos, o instrumento que também é responsável por sua existência virtual.

Outra reflexão que merece ganhar presença textual aqui é que, naquela altura, por inúmeras situações, escolhemos salvar o momento de nossa qualificação em uma rede social, iniciativa que somos instados a fazer de forma cotidiana e que perpassa inúmeros aspectos da nossa vida.

Estamos apaixonados, postamos ou não? Compramos um carro novo, compartilhamos? Fizemos uma viagem, outros vão ver? Qual cena? Não só, salvamos para ficar disponível o acesso de maneira rápida para que terceiros possam *stalkear*⁵⁹ nossas vidas, com fizemos em relação à banca relatada.

Muito mais que seletiva, essa extensão do nosso cérebro, o apetrecho que carregamos em nossos bolsos, faz parte do cotidiano contemporâneo e alterou a dinâmica das relações com os outros, mas, sobretudo, entre nós e nosso eu.

As mídias virtuais, que dentro de uma Sociedade em Rede, terminam por contribuir para potencializar determinados discursos. Ou seja, é terminativo a estrutura social baseada em redes, operadas por tecnologias de comunicação e informação,

⁵⁸ Um SmartPhone é um telefone móvel ou celular que utiliza de um sistema operacional (SO) e funciona como um pequeno computador. Smartphones também funcionam como reprodutores de mídias portáteis, câmeras digitais, filmadoras, e sistemas de navegações GPS.

⁵⁹ Apesar do termo não se referir apenas a perseguições na internet, se popularizou ganhando até nome próprio *cyberstalking*. Stalkear na internet é o ato de abusar das informações pessoais de outras pessoas, como localização, relacionamento, postagens, com a finalidade de interagir excessivamente sem a vontade do outro. Disponível em: <https://www.lenovo.com/br/pt/faqs/smartphone-faqs/que-e-um-smartphone/#:~:text=Um%20SmartPhone%20%C3%A9%20um%20telefone,e%20sistemas%20de%20navega%C3%A7%C3%B5es%20GPS>. Acesso em: 01/08/2023

Na era interconectada que estamos, com diversas mídias sociais, GPS, a perseguição do *stalker* ficou mais simples. Por acaso, uma pessoa posta uma foto alegre que está em determinado local, o perseguidor vai até o lugar para forçar um encontro, fingindo casualidade ou se escondendo para obter informações e fazer pressão psicológica depois sobre a vítima. Disponível em: <https://tecnoblog.net/responde/o-que-e-stalkear/> Acesso em: 06/07/2023

fundamentadas em microeletrônica, comunicando-se como redes digitais de computadores, gerando, processando e distribuindo informação, a partir do conhecimento acumulado para uma nova conotação de perceptibilidade (CASTELLS, 1999).

O impacto tecnológico no mundo ganhou traços em todas as searas das relações sociais, alterando os contornos de suas dinâmicas, além de atingir a forma como existimos. Talvez, entender as alterações na sociedade em decorrência da *internet*, das redes, dos computadores, dos aparelhos celulares, tenha sido a grande motivação para o mergulho de um jovem advogado nas Ciências Sociais. E lá se vão quase dez anos.

Morava em Brasília, no auge das jornadas de junho (2013), e vivenciamos de maneira muito próxima as angústias daquele momento e, daí em diante, passamos a tentar compreender as transformações desencadeadas pelo universo digital no corpo social e, de forma particular, na política.

Desde então, foram idas e vindas, convicções efêmeras, tentativas infundas, um turbilhão de análises, experimentos metodológicos (que aconteceu com mais frequência no mestrado) e a verificação de um campo vasto, com alterações constantes, perpassando a sensação de que eu nunca conseguiria esgotar os desafios colocados.

Por um momento carregamos a certeza que precisávamos dedicar parte do nosso esforço acadêmico na construção de um arcabouço seguro, algo que permitisse a observação de fenômenos sociais apoiada em dados coletados do mundo virtual, fazendo uma relação entre os ambientes *online* e *off-line*.

Já no início do doutorado a percepção era outra, o momento havia mudado. Existia uma profusão de estudos estatísticos sendo publicados, de diversas formas, inclusive através das próprias Redes Sociais Virtuais. Todavia, sentimos a ausência de reflexões profundas sobre a origem dessas informações e os caminhos que foram percorridos até as conclusões que eram constantemente apresentadas.

Uma outra questão que já nos inquietava lá atrás e, ainda, está presente em diversos discursos é a narrativa que a *internet* constitui um território neutro, devendo ser livre, autorregulável. Isto vem sendo constituído ao longo das últimas décadas, depois do processo de (des)encantamento que observamos no passado.

A expressão "neutralidade da rede" (*net neutrality*) foi construída por Tim Wu, que partiu do argumento *end-to-end*, segundo o qual não se deve favorecer ou restringir nenhum serviço, característica ou conteúdo que circula na rede, porque cada usuário sabe o que procura na internet

e o que quer disponibilizar, da mesma forma as aplicações e os serviços são disponibilizados conforme as suas respectivas características. O autor conclui que a internet pode ser entendida como uma plataforma na qual há uma competição constante entre os provedores de conteúdo e de aplicação pela atenção dos usuários. Portanto, e-mail, aplicações do tipo streaming e outras *"are in a battle for the attention and interest of end-users. It is therefore important that the platform be neutral to ensure the competition remains meritocratic"* (LIMA, 2021, p. 01).⁶⁰

Este entendimento foi garantido na seara legal no Brasil através do “Marco Civil da Internet”, que ganhou vida com a Lei n. 12.965/2014,⁶¹ celebrado por diversas correntes políticas como um símbolo democrático da nossa história. A imagem do dia da votação na Câmara dos Deputados sintetiza nossas palavras.



Figura 6. Imagem do processo de votação da “Marco Civil da Internet”.⁶²

⁶⁰ Disponível em: <https://www.conjur.com.br/2021-jun-16/garantias-consumo-neutralidade-rede-protacao-consumidor-contexto-pandemico#:~:text=No%20Brasil%2C%20a%20neutralidade%20da,de%20quaisquer%20pacotes%20de%20dados>. Acesso em: 05/07/2023

⁶¹ Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2011-2014/2014/lei/l12965.htm Acesso em 05/07/2023

⁶² Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/explicado/2015/11/24/Marco-Civil-as-regras-da-internet-que-voc%C3%AA-precisa-conhecer> Acesso em: 06/07/2023

Acreditou-se que através de um instrumento normativo se conseguiria garantir a liberdade aos usuários tomando como base os provedores de *internet*, boa parte deles nacionais, sem maiores questionamentos ao controle e comercialização de dados por parte das grades empresas multinacionais, um fenômeno internacional.

Na época, o jornal *Nexo*, especializado na cobertura de ferramentas digitais, destacou os três principais eixos do projeto que foi transformado em lei.

NEUTRALIDADE DE REDE

O provedor de internet não pode definir que tipo de site ou aplicativo você visita. Nem controlar a velocidade da conexão em endereços específicos. É proibido, por exemplo, barrar o *Spotify* e liberar o *Netflix*, dar uma velocidade para o *Twitter* e outra para o *Facebook*. A ideia é que você tenha acesso a toda a internet, e não a aplicativos, serviços ou sites pré-determinados pelo provedor.

LIBERDADE DE EXPRESSÃO

Quem responde por um conteúdo é quem postou. O *Youtube*, por exemplo, não precisa controlar os vídeos colocados ali. A empresa só é responsabilizada se mantiver algo no ar mesmo após a Justiça mandar tirar. É um jeito de proteger a liberdade de expressão, já que é proibido definir previamente o que pode e o que não pode ir para o ar. Há casos específicos, porém, em que é preciso agir sem motivação judicial, como no caso de pornografia infantil.

PRIVACIDADE

Os provedores de internet só podem guardar registros de conexão dos usuários por no máximo um ano. Também é proibido armazenar e monitorar informações pessoais e histórico de navegação. Já empresas, nacionais ou estrangeiras, como *Whatsapp* e *Google*, devem armazenar informações por no máximo seis meses. Autoridades só podem acessar dados pessoais com ordem judicial (DIAS, 2015, p. 1).

Relendo partes dos discursos provados pelo PL(Projeto de Lei), das reportagens, da repercussão, conseguimos dimensionar uma certa “ingenuidade” de todas e todos envolvidos no processo. Não só, como a racionalidade neoliberal consegue nos convencer que estamos atuando em defesa dos nossos interesses, mas na verdade estamos à serviço do grande capital, que agora monetiza nossas informações.

Garantimos, através do Estado, que um dos maiores instrumentos de poder da atualidade é, supostamente, neutro. Não conseguimos deslindar, ou mesmo problematizar, os interesses econômicos e geopolíticos envolvidos. Isto me fez tentar buscar o não-dito

por essa narrativa, algo que foi destacado no momento da qualificação como algo positivo (em meio a tantas considerações).

Um evento foi decisivo para o início das observações críticas relacionadas ao tema: o escândalo da *Cambridge Analytica*, algo que mudou o paradigma em que olhamos e analisamos as informações geradas pelo uso das Redes Sociais Virtuais em nosso cotidiano e que impacta a *internet* como um todo.

O dia 17 de março de 2018 era para ser apenas mais um dia comum para os funcionários da CA, empresa fundada em 2013 como uma subsidiária do SCL Group² (uma empresa criada em 1990 com foco em mineração e tratamento de dados) e que em 1º de maio de 2018 solicitou em juízo a decretação de falência. As duas instituições já estavam acostumadas com alguns artigos que mostravam que a CA agia fora da lei, pois esta: (i) mantinha uma política contínua de coleta ilícita de dados pessoais; (ii) parte dos funcionários categorizam indivíduos, eleitores, usando seu próprio software O.C.E.A.N.; (iii) outros funcionários de grau sênior destinavam a maior parte dos recursos da CA para eleitores indecisos que poderiam, por exemplo, mudar de opinião entre votar a favor do Partido Republicano ou do Partido Democrata. A CA rotulou esses perfis de usuários como *the persuadables* (os persuadíveis). A empresa também fazia uso da rede social Facebook com a prática de ataques-focais (*microtargeting*,³ em inglês) de seus usuários, muitas vezes utilizando-se – de forma intencional – de notícias falsas (*Fake News*) para manipular tendências políticas de eleitores, resultando em uma ruptura da democracia e gerando, de forma deliberada, uma sociedade polarizada. Essa prática – em sentido amplo – foi denunciada primeiramente pelo jornalista Harry Davies, em 11 de dezembro de 2015,⁴ à época um jornalista de tempo integral para o jornal inglês *The Guardian*. Davies noticiou que a CA tinha coletado milhões de dados pessoais dos usuários da rede social Facebook de forma ilícita, isto é, sem o prévio consentimento (ou sequer a ciência) dos usuários. Essa prática havia sido encomendada para a então campanha presidencial estadunidense de 2016 do senador Ted Cruz (BECK & FORNASIER, 2020, p. 183).

O assunto ganhou os principais jornais pelo mundo e invadiu as manchetes no Brasil. “O *Facebook* sofreu um forte abalo com a revelação de que as informações de mais de 50 milhões de pessoas foram utilizadas sem o consentimento delas pela empresa

americana para fazer propaganda política”, destacava o portal da BBC (2018)⁶³, em português.

A metodologia foi exposta e abalou o mundo tecnológico. "Exploramos o *Facebook* para colher perfis de milhões de pessoas e construímos modelos para explorar o que sabíamos sobre eles e atacar seus medos internos", explana Christopher Wylie funcionário da *Cambridge Analytica* sobre o esquema de informação que influenciou a eleição de Donald Trump⁶⁴ e o *Brexit*⁶⁵.

O embrião que apontou um caminho, para detectar elementos deste “saber-poder”, foi plantado na pesquisa realizada pela Universidade Stanford e no centro de Psicometria de *Cambridge*, ligados à área de psicologia. Durante o processo de análise, os pesquisadores perceberam que algumas curtidas aleatórias no *Facebook* poderiam montar o perfil de um indivíduo, e isto foi determinante para uma nova forma de conhecimento.

Aprofundando o campo, diante dos elementos mencionados, foi possível criar um modelo comportamental chamado “*OCEAN*”, iniciais em inglês de mente aberta, conscienciosa, extrovertida, cordata e neurótica, classificando as pessoas nessas cinco categorias (UOL, 2018).⁶⁶

Muito além desse padrão, foi criada uma escala de curtidas para conhecer uma pessoa através do sistema de psicologia artificial. Assim, com 70 curtidas poderíamos conhecer alguém mais que seus amigos; com 150 mais que seus pais; com 300 mais que seu cônjuge; e acima deste patamar, o sistema conhecia você mais do que você sabia sobre si mesmo.

A partir deste quadro, suas curtidas conseguem revelar tendências políticas, gênero, inclinação sexual e até mesmo se seus pais são casados ou divorciados. Os

⁶³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/entenda-o-escandalo-de-uso-politico-de-dados-que-derrubou-valor-do-facebook-e-o-colocou-na-mira-de-autoridades.ghtml>> Acesso em: 02/04/2022

⁶⁴ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2020/noticia/2020/10/25/como-donald-trump-venceu-as-eleicoes-de-2016-com-3-milhoes-de-votos-a-menos-que-a-adversaria-hillary-clinton.ghtml> Acesso em: 06/07/2023

⁶⁵ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/topics/cnq68qr2yzdt> Acesso em: 06/07/2023

⁶⁶ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/03/entenda-o-escandalo-do-uso-de-dados-do-facebook.shtml>> Acesso em: 02/04/2022

resultados assustaram os próprios pesquisadores envolvidos nos estudos e mudaram a atuação de grandes empresas, corporações e agentes políticos com impacto global.

Convém salientar que as coisas aconteceram muito além do mundo acadêmico. O pesquisador Aleksandr Kogan usou o sistema *Ocean* para criar um *APP*⁶⁷ chamado “*thisisyourdigitallife*”, que supostamente testaria a personalidade das pessoas, todavia, o principal objetivo era captar informações dos usuários do *Facebook* e traçar perfis psicológicos, sendo contratado pelo então chefe da *Cambridge Analytica*, Alexandre Nix.

O aplicativo gravava não só os resultados de cada *quis* (teste em inglês), e os dados das contas envolvidas, mas conseguiu captar informações de todos os amigos dos 270 mil participantes da verificação. Ou seja, foi gerado um poderoso banco de dados sobre 50 milhões de pessoas.

Tudo isto nos introduz em algo marcante: o avanço de novo mercado digital, que não acontece de forma simétrica, mas de acordo com as estruturas econômicas e influenciados por quem detém o poder sobre estes mecanismos de captação, surgindo, assim, o debate sobre um novo colonialismo, desta vez de dados.

Este tipo de dependência, que emergiu durante o capitalismo digital, combinaria as mesmas práticas predatórias do colonialismo histórico (influência e poder do centro em relação à periferia) com a quantificação abstrata de métodos computacionais.

Trata-se de um novo tipo de apropriação no qual as pessoas ou as coisas passam a fazer parte de infraestruturas de conexão informacionais. A apropriação da vida humana (por meio da captura em massa de dados) passa a ser central. Um dos efeitos mais marcantes sobre os novos sujeitos colonizados é o fato de que eles passam a ficar atados a julgamentos alicerçados em seus próprios dados (CASSINO, 2021, p. 27).

Aquela postagem, sobre a celebração da nossa qualificação, não é exclusividade nossa. Não temos o controle pleno da operação. A propriedade pertence a terceiros e, mesmo assim, nunca deixará de ser uma informação que fala sobre nós.

⁶⁷ *App* é a abreviatura de *application*, ou seja aplicação. Aplicação essa que é instalada num smartphone. A função das apps é facilitar a vida aos utilizadores, proporcionando-lhes um acesso directo a serviços de notícias, informação meteorológica, jogos, serviços de mapas, com geo-localização através de GPS ou utilitários do mais variado tipo de finalidades. Disponível em: <<http://www.marketingtecnologico.com/Artigo/o-que-sao-apps>> Acesso em: 02/04/2022

No dia que encerrarmos a conta (rescindindo o contrato com uma empresa privada, capitalista) não teremos mais acesso aos meus *posts*, mas, os mesmos, continuam no domínio deles. Foi algo que deixou um rastro, produziu informações, gerou um saber que foi transformado em poder, impactando a vida deste indivíduo que vos escreve.

Nesse sentido, a META,⁶⁸ empresa proprietária do *Instagram*, passou a ter em seu banco de dados inúmeras formas de conhecimento extraídas daquela publicação, que serão utilizadas, sobretudo, de maneira comercial para potencializar os lucros da companhia.

[...] a captura, o armazenamento e o processamento de grandes quantidades de dados são uma das principais forças do capitalismo atual. Empresas como *Google*, *Facebook*, *Amazon* e *Microsoft* teriam não só o poder de extrair, mercantilizar e controlar comportamentos, mas também de produzir novos mercados, por sua capacidade de predição analítica e da modificação de atitudes, práticas e hábitos (CASSINO, 2021, p. 28).

Percebe-se como esse processamento, controle e uso de dados não acontece de forma homogenia, muito menos democrática. Não só isso, como este processo não passa pela sociedade ou até mesmo pelos Estados Nacionais. Além disso, há uma concentração geográfica do armazenamento em países desenvolvidos, que detém as tecnologias.⁶⁹ Assim, forma-se uma nova geopolítica, baseada no poder através do saber virtual.

Pior, os países “periféricos”, ativando uma racionalidade neoliberal, terminam por fortalecer uma relação de subordinação, diante de uma dependência tecnológica, exportando informações e importando uma nova espécie de dominação, que tem como instrumento para seu exercício a *internet*.

No Brasil, são inúmeros os exemplos disto, como o caso do acordo do Tribunal de Justiça de São Paulo e a *Microsoft*⁷⁰.

Um importante anúncio do Poder Judiciário paulista apareceu no noticiário especializado, em fevereiro de 2019. Indicava que os processos judiciais do estado de São Paulo, o mais populoso e mais rico

⁶⁸ Como a empresa se autodefine: “A Meta (anteriormente Facebook) cria tecnologias que ajudam as pessoas a se conectar com amigos e familiares, encontrar comunidades e expandir os negócios”. Disponível em: <https://about.meta.com/br/> Acesso em 05/07/2023

⁶⁹ Disponível em: <https://userguiding.com/pt-br/blog/as-maiores-empresas-de-tecnologia/> Acesso em: 06/07/2023

⁷⁰ Microsoft Corporation é uma empresa transnacional dos Estados Unidos com sede em Redmond, Washington, que desenvolve, fabrica, licencia, apoia e vende softwares de computador, produtos eletrônicos, computadores e serviços pessoais.

do Brasil, seriam entregues à chamada nuvem da *Microsoft*. O objetivo seria hospedar na empresa estadunidense uma plataforma digital que agregaria serviços de inteligência artificial e permitiria o registro, o arquivamento e a tramitação de todos os processos do maior tribunal do país. [...]. Sites e especialistas destacavam a ação inovadora do Judiciário paulista e o valor do projeto da chamada Plataforma de Justiça Digital, que seria de 1,32 bilhão de reais, com dispensa de licitação. A comunicação social do tribunal divulgou, no dia 20 de fevereiro de 2019, que “ao final de cinco anos, o custo fixo do TJ com o sistema judicial terá redução de 40%, além de eliminar a necessidade de alto investimento na renovação de Data Center” (SILVEIRA *apud* SILVEIRA, 2021, p. 32-33).

No caso mencionado acima, um braço importante do Estado, ou seja, conhecido por ser “o maior tribunal do mundo”⁷¹, paga uma quantia bilionária a uma empresa norte-americana para armazenar seus dados (lá) e, conseqüentemente, eles ficam, sem prazo ou validade (algo que vai além do tempo de contrato), com livre acesso a um tipo de informação de valor inestimável.

Tudo isto acontece sem nenhum tipo de questionamento, de nenhum setor da sociedade. Um completo silêncio, seja de pesquisadores, passando pela imprensa, por políticos e até de órgãos que deveriam exercer o papel de controle. A racionalidade neoliberal, atrelada a um colonialismo digital, atua livre, formatando saberes sobre a sociedade brasileira e exercendo uma autoridade pouco inquirida.

Para muitos pensadores críticos, o colonialismo histórico acabou, mas a colonialidade se mantém e pode ser empiricamente constatada com um novo mapa, o da informação. O sociólogo peruano Aníbal Quijano a definiu como um dos principais elementos do padrão mundial de poder capitalista contemporâneo.

A colonialidade (tradicional, datada historicamente) foi construída sobre classificações raciais e étnicas das populações e está associada à expansão da modernidade e de sua racionalidade, a partir da Europa. Ela se mantém por meios materiais, por mentalidades e por relações de subordinação, sujeição e de inferiorização de modos de vida, de saberes e de conhecimentos (ANÍBAL *apud* SILVEIRA, 2021).

⁷¹ Disponível em: https://www.conjur.com.br/2008-set-30/guia_conhecer_maior_tribunal_mundo
Acesso em: 02/08/2023

Podemos resgatar inúmeras discussões que mostram o caminho que já trilhamos. O debate sobre uma racionalidade neoliberal passando pelo neoconservadorismo no seu aspecto religioso e militar, as discussões de gênero, até o “simples” (não tão simples assim) uso de um celular.

Aqui, colocamos, de modo sedimentar, considerações críticas que julgamos fundamentais para compreensão de fenômenos sociais que tenham conexão com o mundo virtual. Há bem pouco tempo atrás nosso único interesse seriam os dados e, conseqüentemente, as reflexões possíveis que poderiam ser ilustradas por eles.

Percebam, como o uso do seu celular e da *internet* transformaram não só a sua vida, mas as nossas vidas. Este plural envolve dinâmicas relacionais, que vão desde temáticas familiares, passando por novas formas de amar e, claro, chegando em diferentes performances no campo político. Mas, também, não pode passar despercebida as alterações nas próprias estruturas do capitalismo atual, que agora podemos adjetivar de informacional.

Quanto mais tempo você está conectado, mais saberes sobre você estão sendo processados e, conseqüentemente, novos rastros digitais estão sendo trilhados. Ou seja, estamos falando mais sobre nós, gerando conhecimentos que desencadeiam em zonas de domínio, incluindo o político e o financeiro.

Dentro desse contexto não podemos esquecer que o neoliberalismo ampliou a colonialidade da informação dentro de uma racionalidade, como conduta e modo de pensar, colocando o “Deus” mercado acima de todas as dimensões, inclusive reduzindo o papel do Estado e, portanto, da política.

Indo além, vivenciamos um processo que se busca modificar almas e mentes, conforme profetizou Margaret Thatcher: a “Economia é o método. O objetivo é mudar o coração e a alma”.⁷² Vale observar que isto foi dito dentro de um contexto histórico no qual as estruturas de comunicação eram totalmente diversas.

Hoje, com a velocidade que as dinâmicas acontecem, as transformações espirituais mercadológicas ocorrem na mesma proporção da celeridade de nossas

⁷² Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2016/07/1792317-livro-reve-conquista-do-mundo-pelo-neoliberalismo-nos-anos-80.shtml> Acesso em 02/08/2023

conexões digitais, o que delimita a importância destes estudos para compreensão da sociedade contemporânea.

Talvez isto explique como essa negociação do TJSP (Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo), que é apenas um mero exemplo entre milhares de situações semelhantes, possa passar despercebido, e até legitimado por quase todas e todos.

No cenário das tecnologias da informação e no capitalismo digital, Dan Schiller, já no fim do século XX, havia detectado que, embaladas pelo neoliberalismo, as infraestruturas do ciberespaço, os sistemas de telecomunicações, foram completamente orientadas para o mercado e o fortalecimento de corporações transnacionais. Schiller via, entre outras consequências, que a expansão da internet nos levaria ao aprofundamento do consumismo em escala transnacional e ao domínio até das estruturas e processos educacionais dos países pobres. O que ocorreu no início de 2020 com o Sistema de Seleção Unificada, SISU, do Ministério da Educação (MEC), é um exemplo cabal do reforço mútuo das relações entre neoliberalismo e a colonialidade (SILVEIRA, 2021, p. 38-39).

Seguindo a lógica do TJSP, os dados do ENEM começaram ser armazenados na nuvem⁷³ da *Microsoft* e o números dessa base informacional: “1,8 milhão de estudantes, que realizaram 3,5 milhões de inscrições, com 210 mil usuários conectados ao mesmo tempo, perfazendo sete mil inscrições por minutos, com uma média de 1,5 milhão de acessos diários” (SILVEIRA, 2021, p. 39).

Estamos diante de um procedimento que converte elos e escolha dentro da coletividade em algoritmo, com efeitos geopolíticos diversos, estabelecendo novas hierarquias dentro da sociedade. Vidas passam a ser transformadas em *commodities*⁷⁴,

⁷³ A definição de nuvem pode parecer obscura, mas, basicamente, é um termo utilizado para descrever uma rede global de servidores, cada um com uma função única. A nuvem não é uma entidade física, mas uma vasta rede de servidores remotos ao redor do globo que são conectados e operam como um único ecossistema. Estes servidores são responsáveis por armazenar e gerenciar dados, executar aplicativos ou fornecer conteúdos ou serviços, como transmissão de vídeos, webmail, software de produtividade ou mídias sociais. Em vez de acessar arquivos e dados do local ou de um PC, você pode acessá-los online, de qualquer dispositivo com acesso à Internet. As informações estarão disponíveis em qualquer lugar, a qualquer hora. Disponível: <<https://azure.microsoft.com/pt-br/overview/what-is-the-cloud/>> Acesso em: 04/06/2022

⁷⁴ As *commodities* são mercadorias primárias produzidas em larga escala que fornecem matéria-prima para diferentes setores da sociedade. Seus principais tipos são: agrícola, pecuário, mineral e ambiental. A função delas é prover matérias-primas para a fabricação de diversos produtos industrializados. Disponível: <https://mundoeducacao.uol.com.br/geografia/commodities.htm> Acesso em: 06/07/2023

algo que o Brasil vai sendo exportador sem os devidos dividendos, deixando um rastro para uma gama múltipla de poderes.

Percebam que começamos, aqui, falando de uma postagem e como isto nos auxiliou enquanto memória e interação social através do nosso celular ao longo do processo de produção textual. Em seguida, passamos ao escândalo da *Cambridge Analytica* e do *Facebook*, que nos mostrou o acesso, coleta e uso de dados para estratégias comerciais e políticas. E, por último, avançamos para uma situação em que estruturas do Estado fornecem informações para grandes conglomerados multinacionais.

Diante disso, podemos dimensionar o tamanho do desafio que tivemos, e temos pela frente, para tentar lançar olhares diferentes sobre acontecimentos que estão inseridos no mundo em que a *internet* (de modo peculiar as Redes Virtuais) faz parte do nosso cotidiano e transforma, diuturnamente, as relações sociais, dentro de uma perspectiva neoliberal com impactos na sua seara política.

A necessidade de discorrer sobre essa trajetória, o contato com os diversos materiais e pesquisas já realizadas, os erros e acertos, faz parte, justamente, da nossa perspectiva de construção científica dentro desse contexto fluido, em que o próprio conhecimento passa por transformação.

Como já colocado, até bem pouco tempo atrás, acreditávamos que a edificação de um método garantiria uma segurança analítica, uma verdade sobre os fatos, um olhar inquestionável. O tempo, os acontecimentos, o material empírico e as constantes leituras foram questionando nossas próprias verdades.

Por isso, achamos essencial tratar aqui do novo colonialismo, que serve de sedimento para o nosso posicionamento crítico no tratamento dos dados coletados, mas também deve contribuir para debates vindouros sobre o tema, em diversas instâncias, inclusive na academia.

Isto é algo que mudou o rumo da nossa pesquisa. Começamos, desde então, a observar de maneira muito mais aguçada os dados quantitativos gerados pelos algoritmos fornecidos pelas grandes empresas e que são objetos de abordagens de diversos estudos nos últimos anos.

Por outro lado, não poderíamos descartar tudo que já havíamos feito. Essa trajetória foi crucial para tomar a decisão de extrair os elementos analíticos, de forma

qualitativa, das imagens postadas no *Facebook* de Jair Messias Bolsonaro, como forma de compreensão do avanço neoconservador personalizado na figura do ex-presidente.

Até chegar a esse enquadramento final passamos por inúmeras coletas e tentativas de sistematização, inclusive lançando uma abordagem quantitativa sobre as publicações do ex-capitão do Exército na rede mencionada acima.

Ao tentarmos enquadrar em categorias as molduras coletadas (que são postagens, incluindo texto e imagem), e para isso foi necessário um passeio (indo e voltando por diversas vezes), conseguimos escutar o que os números, que são controlados, não conseguiram silenciar.

2.1- AS IDAS E VINDAS DE UMA TRAJETÓRIA

Aquele 15 de agosto de 2022, momento de nossa qualificação, não deixou apenas ensinamentos sobre o acesso à memória digital através do uso das redes via celulares e suas consequências no mundo contemporâneo nas dinâmicas sociais, foi além disso, sendo algo decisivo, daí em diante, para tentarmos encontrar caminhos que pudessem desaguar em ferramentas de abordagem dos fenômenos que estavam no nosso horizonte.

Ali, “caiu a ficha” de como o enredo do doutorado não estava sendo linear, e como turbulências da minha trajetória individual, dentro de uma perspectiva de imprevisibilidades em esfera global (podemos citar como exemplo a Pandemia) impactaram nas idas e vindas da escrita, encontros e desencontros teóricos, além de desacertos metodológicos.

Tentaremos, neste tópico, transmitir estes momentos através de palavras, preservando as questões de cunho estritamente pessoal, extraindo inquietações positivas de acontecimentos negativos e demonstrando, ou pelo menos buscando, como amadurecimentos analíticos saíram dos percalços que serão observados, mas, que no final, terminou por contribuir com o resultado que o leitor, agora, tem acesso.

Inicialmente, é importante contextualizar que começamos nossa caminhada atual exatamente no ano da eleição de Jair Messias Bolsonaro para Presidência, vivenciando todo o processo entre os muros da academia como pesquisador e as ruas enquanto militante.

O rito da seletiva do Doutorado aconteceu no término de 2017, ainda nos momentos finais do governo Michel Temer (MDB) e, conseqüentemente, isto influenciou nos elementos constituintes do projeto apresentado naquela ocasião, que tinha forte influência da chave analítica neoliberal. É bom lembrar que a pauta do momento eram as reformas ditas modernizantes.

Dentro dessa conjuntura, como no transcurso do Mestrado, identificamos, de maneira preliminar, que existia um fenômeno (neo)conservador acontecendo no mundo, com impactos em nosso país e que isto começava ganhar espaço no campo político. Não só, era visível que um ex-capitão do Exército estava entre os atores protagonistas deste enredo.

Durante a preparação para seleção subestimamos a real dimensão do que estava acontecendo e não vislumbramos a possibilidade da chegada de um Deputado Federal do baixo clero ao cargo político mais importante do país. Indo além, era invisível, pelo menos para nós, o potencial e possibilidades eleitorais que marcaram a história política brasileira contemporânea, inclusive elegendo bancadas robustas para o Congresso Nacional.

O projeto, que foi o ponto inicial para essa etapa atual, não tinha como foco a figura de Bolsonaro, mas sim um recorte mais amplo: uma articulação neoconservadora nas redes virtuais dentro do contexto Neoliberal. Era perceptível, como já colocado no capítulo anterior, a força dessas pautas e funcionamento da *internet* enquanto instrumento que as potencializavam, dando mais visibilidade em espaços, cada vez menores, de tempo.

Não só as circunstâncias históricas devem ser colocadas como motor contextualizador dessa trajetória, mas nossas atitudes e compromissos fora da universidade também estão pontuados no percurso como elementos transformadores da pesquisa, contribuindo com obstáculos e avanços.

Cabe (re)lembrar que, diferentemente da passagem pelo mestrado, quando ficamos em dedicação mental integral e exclusiva ao programa, a trilha atual foi repleta

de acontecimentos e desafios de ordem pessoal, mas também com impactos dentro de um contexto geral.

A primeira ocorrência que merece ser relatada é o próprio processo eleitoral de 2018, que vivenciamos de maneira muito próxima e calorosa, algo que nos afastou de uma experiência científica fria, distante. Estávamos na ponta, atuando de forma direta na região polarizada por Campina Grande na Paraíba, tradicional reduto tucano no Nordeste⁷⁵. Naquele momento, conseguimos perceber, mesmo em meio à tempestade, um avanço das forças progressistas na cidade, em especial na periferia, mas como surgiu essa percepção?

Coordenava a campanha do então candidato ao Senado pela Paraíba, o atual Deputado Federal Luiz Couto (PT), no interior do Estado. Na ocasião, contamos com uma equipe de 30 (trinta) jovens ligados aos movimentos sociais (Levante Popular da Juventude, Juventude do PC do B e do PT) que tinha uma agenda de visitas qualificadas que aconteciam na parte da manhã, sendo o período da tarde focado em mobilizações de rua na cidade polo de nossa área geográfica, a “Rainha da Borborema”.

Diante dessa programação, aos sábados nosso calendário era marcado por reuniões avaliativas, com a presença de todas e todos, que compartilhavam as impressões da semana, lugares que nossa atuação era mais rejeitada ou bem recebida, perfil das pessoas mais receptivas ao diálogo, além das principais frases em defesa de Bolsonaro ou contra o PT, entre outras coisas questões observadas.

Com as informações fomentadas semanalmente conseguimos desenhar um perfil e uma dimensão geográfica, recortando nichos que poderíamos avançar mais, no curto espaço de tempo. As mulheres, moradoras da periferia, eram nosso foco principal, elas rejeitavam à figura do capitão e sua masculinidade violenta. Ou seja, tinha algo sendo dito.

Hoje conseguimos perceber a experiência antropológica que a militância nos presentou e deixamos passar despercebido enquanto arquivo. Se aqueles encontros tivessem sido gravados, um vasto material já estaria pronto desde então e muita coisa já havia sido produzida, não só no campo político partidário, mas também para os próprios movimentos envolvidos, além da perspectiva acadêmica aqui trabalhada.

⁷⁵ Disponível em: <https://www.uol.com.br/eleicoes/2014/noticias/2014/10/25/nordeste-tem-ilha-tucana-em-cidade-conhecida-como-a-sao-paulo-da-regiao.htm> Acesso em: 07/07/2023

O resultado eleitoral confirmou os relatos daqueles jovens. Quando Lula não esteve nas disputas, os candidatos adversários do campo progressista sempre ficaram na frente com larga vantagem na terra do “Maior São João do Mundo”, mas, mesmo com o avanço conservador em nível nacional, aqui a prolatada supremacia achatou.

No segundo turno daquela corrida, Jair Bolsonaro (PSL) obteve 56,30% de sufrágios, enquanto Fernando Haddad (PT) conseguiu 43,70% no quadro final, uma diferença em termos absolutos de 28.311 (vinte e oito mil trezentos e onze) votos. Já em 2014, Aécio Neves (PSDB) atingiu 58,02% dos sufrágios em detrimento de Dilma Rousseff (PT) com 41,98%, 36.079 escrutínios de vantagem.⁷⁶

Mais do que a diminuição da diferença conquistada nos últimos pleitos na cidade (2010 e 2014), essa mudança que em termos numéricos parece pequena, ganha impacto pela conjuntura nacional. Ou seja, enquanto a direita ganhava terreno no país, perdia território no seu reduto nordestino.

Ainda que houvesse uma desconexão naquele momento com o cotidiano da produção científica, estar envolvido no processo político em posição estratégica nos fez perceber questões que contribuíram com a trajetória dentro de um todo, apesar de só conseguimos sistematizar de maneira mais clara agora, aos quarenta e oito do segundo tempo da escrita (começamos escrever no dia 16 de junho, quando essas inquietações foram clareando, depois de muita reflexão e imersões).

É importante registrar, também, que o volume de campanha do então candidato Jair Bolsonaro no alto da “Serra da Borborema” era algo assustador, desproporcional ao resultado das urnas (algo que merecia ter sido registrado em arquivos: fotos, vídeos, documentos).

Campina Grande, segundo maior colégio do Estado, foi inundada por centenas de carros adesivados com o número 17 (dezesete)⁷⁷. Atividades eram uma constante nas principais ruas e avenidas. Igrejas constituíam comitês permanentes. Policiais usavam a farda como um símbolo de sua militância (assim como a esquerda utiliza o vermelho). Além da classe política local tentando tirar proveito eleitoral do ex-capitão.⁷⁸

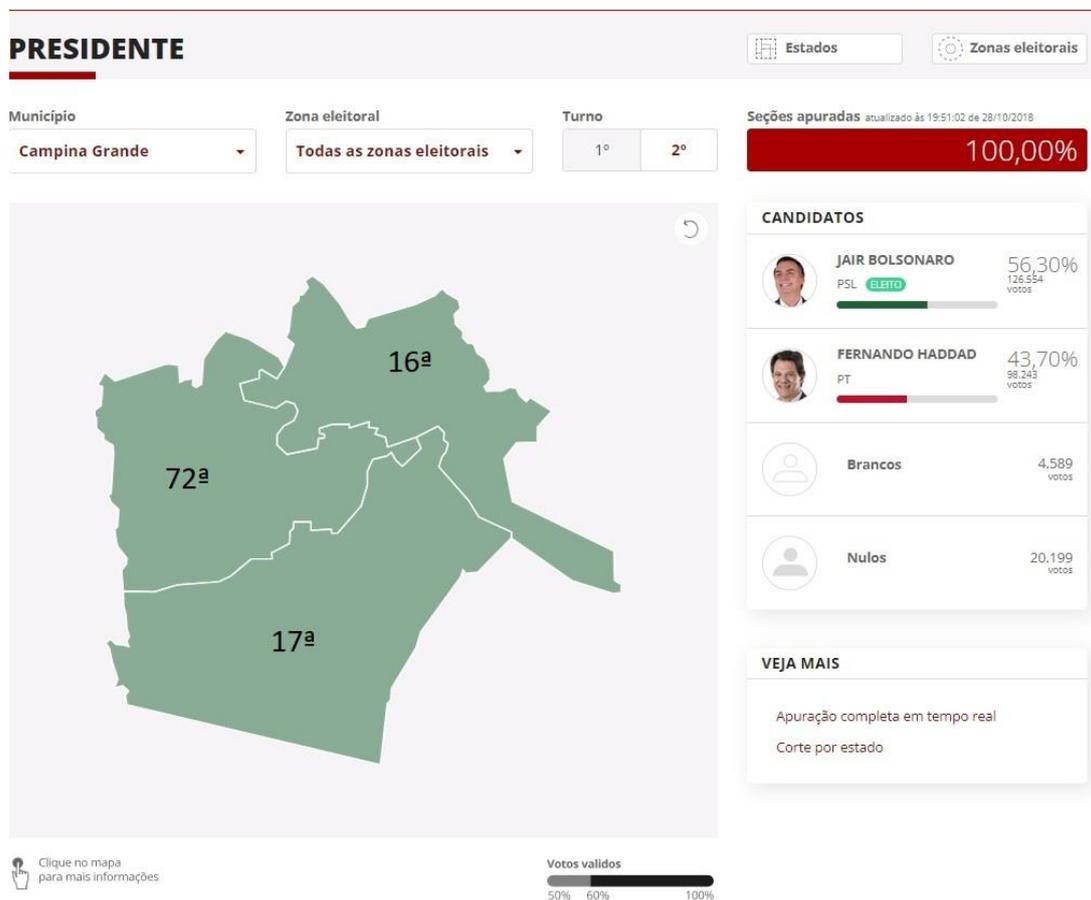
⁷⁶ Disponível em: Disponível em:

<http://eleicoes.folha.uol.com.br/2014/2turno/mapainterativo/index.shtml> Acesso em: 16/07/2023

⁷⁷ Número do então partido de Jair Messias Bolsonaro, PSL.

⁷⁸ Disponível em: <https://portalcorreio.com.br/suplente-de-cassio-eva-anuncia-apoio-a-bolsonaro/> Acesso em: 02/08/2023

Todavia, com base nas impressões semanais de nossa equipe isso assustava setores populares, o que terminou por desenhar um mapa em que a periferia poderia surpreender, enquanto bairros considerados mais nobres iriam garantir uma vantagem maior ao candidato que seria eleito. Algo confirmado nas urnas.



Compare os votos dos candidatos mais votados por Zona Eleitoral

Candidatos	FERNANDO HADDAD PT	JAIR BOLSONARO PSL
16ª Zona	42,40% 24.487 votos	57,60% 33.263 votos
17ª Zona	43,07% 38.428 votos	56,93% 50.803 votos
72ª Zona	45,40% 35.328 votos	54,60% 42.488 votos



A fonte das informações desta página é o Tribunal Superior Eleitoral. Segundo esclarece o TSE, o candidato que aparece com 0 (zero) voto pode não ter tido seus votos validados devido à sua situação jurídica ou à do seu partido. Para consultar a situação do candidato, acesse <http://divulgacontas.tse.jus.br>

Figura 7. Resultado eleitoral de 2018 em Campina Grande, Paraíba, dividido por Zona Eleitoral, material coletado pelo autor ao longo da pesquisa do doutorado.⁷⁹

Percebam que a menor diferença entre Jair Bolsonaro (então no PL) e Fernando Haddad (PT) é justamente na 72ª Zona Eleitoral, onde estão localizados bairros populares, como o maior da cidade, conhecido como Malvinas, que tem quase 40 mil habitantes⁸⁰, além do famoso Bodocongó. Na 16ª Zona estão concentrados bairros “mais nobres”, como o Alto Branco e o Mirante. E, por fim, a 17ª é marcada por ser uma síntese, ter bairros como o Catolé, mas também a Liberdade, demarcação que fez o resultado regional se aproximar da média geral.

Por diversas vezes, desde então, colocamos esses elementos destacados acima em espaços de debates e, quase sempre, pegava os ouvintes de surpresa. Daí em diante passamos a compreender como viver a campanha, com uma metodologia de análise da nossa rotina, observações que posteriormente foram atreladas a números quantitativos, foi um lugar privilegiado para produção de conhecimento.

Apesar da distância circunstancial dos muros da academia, teve um experimento ali que contribuiu com isto que vocês estão lendo. Foi o ponto final? Acredito que não, mas é algo que faz parte desta trajetória, do nosso rastro. Esse cenário nos apresentou uma vivência e acabou por influenciar algumas decisões que vieram adiante, a principal delas: focar o estudo na figura de Jair Bolsonaro.

O que era um estudo da articulação neoconservadora nas redes sociais em termos abstratos, passou a ter um personagem central, aquele que melhor conseguiu canalizar a mobilização popular. Faltava definir como e onde seria feito esse estudo, decisão que só aconteceu recentemente.

Nos primeiros passos após a eleição de 2018, a temática religiosa, de alguma forma, ganhou força como chave explicativa para o resultado que saiu das urnas. Em âmbito nacional, com o crescimento da bancada evangélica⁸¹ e as falas do presidente

⁷⁹ Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/pb/paraiba/eleicoes/2018/apuracao-zona-eleitoral-presidente/campina-grande/2-turno/> Acesso em 16/07/2023

⁸⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/pb/paraiba/noticia/2015/10/iniciado-com-invasao-malvinas-e-o-maior-bairro-de-campina-grande.html> Acesso em: 16/07/2023

⁸¹ Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/externo/2019/12/09/O-crescimento-da-f%C3%A9-evang%C3%A9lica#:~:text=No%20pa%C3%ADs%2C%20o%20Censo%20mostra,%2C6%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o%20brasileira>> Acesso em: 04/06/2022

recém-eleito que dialogava de forma constante com esse segmento,⁸² as reflexões caminhavam nesse sentido.

Esse retrato, que parecia ser momentâneo, apareceu no artigo que defendemos no “Seminário de Tese” intitulado “Entre curtidas e confissões: os saberes virtuais e o poder político com uso da *Internet*”. Na ocasião duas temáticas sobressaíram, a questão religiosa e o começo de um olhar crítico sobre os dados, com a abordagem tomando como base o escândalo da “*Cambridge Analytica*”.

A religiosidade foi perdendo o protagonismo no caminho enquanto elemento central, à medida que estávamos vivenciando o governo Jair Bolsonaro e fazendo a coleta. Mas isto aconteceu, sobretudo, quando mergulhamos nas próprias redes dele. Percebemos que esta narrativa funcionou de modo instrumental a outras temáticas, sendo uma linha auxiliar na trajetória política do ex-capitão, especialmente na exploração da sexualidade infantil.

Depois disso, vem outro acontecimento que não poderia ficar invisível nessa dinâmica textual: a Pandemia.⁸³ O mundo parou, literalmente. Os impactos atingiram todas e todos, em diversas possibilidades e intensidade. Foram três anos de um dinâmica social peculiar, que representa um recorte histórico bem específico, mas que tomou conta do nosso lapso temporal enquanto estudante do doutorado.

O bolsonarismo não passou imune ao contexto e enfrentou sua maior crise, impactando no seu poder de pautar diariamente a sociedade (uma das suas principais forças mobilizatórias), de imprimir narrativas e gerar acontecimentos. Não só, também ficou na defensiva em diversos ângulos, como no debate com o meio científico e a ofensiva que sofreu dos meios de comunicação, a exemplo da Rede Globo. A defesa da

⁸² Bolsonaro diz que vai indicar ministro 'terrivelmente evangélico' para o STF. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/10/bolsonaro-diz-que-vai-indicar-ministro-terrivelmente-evangelico-para-o-stf.ghtml> Acesso em: 16/07/2023

⁸³ Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/impactos-sociais-economicos-culturais-e-politicos-da-pandemia> Acesso em: 02/08/2023

Cloroquina⁸⁴, além das críticas ao isolamento social⁸⁵ e às vacinas⁸⁶, marcaram Bolsonaro no período.

As sequelas disso são vivenciadas até hoje e é observada na literatura científica internacional, Assim, o crescimento de discursos antivacina resultou na hesitação de certos indivíduos em receber o imunizante contra a Covid-19. Em países como o Brasil, essa desconfiança foi estimulada por lideranças políticas. A rejeição do imunizante desenvolvido em conjunto com o consórcio chinês foi particularmente forte entre aqueles que tiveram uma avaliação positiva de Bolsonaro (GRAMACHO & TURGEON, 2021)⁸⁷.

O surto que tomou conta do mundo também impactou na nossa trajetória individual. Sou advogado por formação, só vindo a cursar licenciatura em Ciências Sociais agora, enquanto fazia essa pós-graduação. Durante os primeiros anos do governo Bolsonaro, as universidades sofreram um contínuo desmonte, que passou por ataques ideológicos, chegando até aos cortes no orçamento.

Quando decidimos fazer o mestrado e doutorado, renunciámos à advocacia para vivenciarmos uma dedicação exclusiva aos novos desafios, na tentativa de construirmos uma trajetória sólida no âmbito da pesquisa, algo que pudesse abrir novas portas profissionais. Assim foi feito até perceber que a crise instalada pelo COVID-19⁸⁸ havia mudado, pelos menos no curto prazo, o mundo, inclusive o nosso.

Diante desse quadro, decidimos voltar às leituras do mundo jurídico, retomando uma rotina de advogado previdenciário, algo que seria necessário profissionalmente no médio prazo.

As circunstâncias desencadearam uma desconexão teórica com as Ciências Sociais, mesmo preservando uma rotina diária de coleta de dados nas redes sociais virtuais. Vale observar que, nessas circunstâncias, acreditamos que poderíamos explicar o (neo)conservadorismo no Brasil tomando como pressuposto o governo Bolsonaro,

⁸⁴ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-defendeu-uso-de-cloroquina-em-23-discursos-oficiais-leia-as-frases-25025384> Acesso em: 02/08/2023

⁸⁵ Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2021/05/17/interna_politica,1267431/bolsonaro-sobre-quem-cumprer-isolamento-social-idiotas.shtml Acesso em: 02/08/2023

⁸⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/01/06/bolsonaro-ataca-a-vacinacao-e-questiona-a-honestidade-da-anvisa-comunidade-medica-repudia.ghtml> Acesso em: 02/08/2023

⁸⁷ Disponível em: <https://www.zotero.org/google-docs/?4Pcky3> Acesso em: 16/07/2023

⁸⁸ Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19> Acesso em: 16/07/2023

observando suas mobilizações, agendas, votações no Congresso e a cotidiana disputa por narrativas na *internet*.

Toda essa dinâmica relatada nos fez ampliar, em demasia, o leque de observação e isto ficou evidente no texto da qualificação, que sofreu inúmeras e justas críticas pela falta de clareza, além do emaranhado de informações, algo só foi percebido por nós depois das sugestões.

Passada a qualificação, vem outra campanha eleitoral e, mais uma vez, participamos de forma direta, todavia focado na região do Cariri⁸⁹ da Paraíba, como coordenador, com foco na comunicação em rede, de um grupo político que mirou um novo espaço de poder através do mandato de Deputado Estadual, algo bem-sucedido.

Em âmbito nacional Luiz Inácio Lula da Silva (PT) é eleito presidente do Brasil numa campanha acirrada contra Jair Messias Bolsonaro (PL). Em Campina Grande, Lula segue a curva de tendência construída desde a eleição de 2018 e vence o ex-presidente no segundo turno com uma margem 8.809 (oito mil oitocentos e nove) votos (51,83% X 48,17%)⁹⁰, confirmando nossa leitura iniciada no pleito anterior.

Pós sufrágio, tentamos nos reconectar por diversas vezes com a Tese, sem sucesso. Voltamos a fazer algumas leituras enquanto ocupamos um novo espaço de trabalho como advogado de um programa social que iniciamos ainda na Pandemia, que tem como foco garantir direitos previdenciários a pessoas em vulnerabilidade social⁹¹. Não só, assumimos a coordenação do novo mandato progressista conquistado na Assembleia Legislativa da Paraíba e temos acumulado as funções enquanto escrevemos este texto, algo que vai além de desafiador e merece nosso registro.

Há poucos meses, precisamente entre abril e maio de 2023, começamos revisitar todo o aparato coletado, refletimos, observamos, abstraímos. Depois de um certo tempo (é preciso levar em consideração o aspecto da intensidade), compreendemos que todos os utensílios analíticos armazenados são reflexo do percurso aqui descrito. Foi assim que consolidamos a percepção de ter “em mãos” (no computador) um amontoado complexo de ferramentas empíricas, mas com pouca sistematização.

⁸⁹ Disponível em: <https://www.destinoparaiba.pb.gov.br/cariri/> Acesso em: 16/07/2023

⁹⁰ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/eleicoes/2022/10/30/campina-grande-pb-veja-votos-de-lula-e-bolsonaro-na-cidade-no-2-turno.htm> Acesso em: 16/07/2023

⁹¹ Disponível em: <https://www.instagram.com/reel/ChDXUopFOdp/?igshid=MzRIODBiNWFIZA%3D%3D> Acesso em: 16/07/2023

Precisávamos, então, começar categorizar dentro de uma estratégia de encontrar caminhos, frequências, tendências, fazer as peças “falarem”. Diante disso, resolvemos organizar o vasto banco de dados de forma cronológica, separando por lapso anual, começando em 2017 e com o fim em 2022. Dentro de cada pasta que representava um ano, outras doze para os meses correspondentes.

Essa rotina nos fez rever questões, rememorando fatos com um olhar temporal diferente. Foi então que decidimos separar o material por temática, exercitando de maneira mais aprofundada o processo de abstração e percebemos determinados discursos que antes passaram despercebidos. Assim, chegamos ao seguinte quadro.

lhar: Exibir

: Computador > Área de Trabalho > Doutorado em Ciências Sociais > 0_Texto final > Material coletado > 01_Por tema >

<input type="checkbox"/>	Nome	Status	Data de modificação	Tipo	Tamanho
<input type="checkbox"/>	Análise_Redes		19/05/2023 15:06	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Bolsonaro_bolsonarismo		19/05/2023 18:33	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Capas da veja		27/04/2023 19:45	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Ciência_COVID_CPI		19/05/2023 13:58	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Costumes		06/05/2023 19:04	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Democracia_Eleições		19/05/2023 18:28	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Destaques		19/05/2023 18:31	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Direita_Neoconservadorismo		19/05/2023 18:27	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Fake		19/05/2023 18:28	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Gênero		19/05/2023 15:33	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Índice de Popularidade Digital		19/05/2023 18:18	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Internacional		19/05/2023 18:33	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Liberdade		06/05/2023 19:50	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Lula_lulismo		19/05/2023 18:32	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Manifestações		19/05/2023 18:27	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Mídia		19/05/2023 18:14	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Militarismo_Armas		19/05/2023 18:33	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Monitoramento Núcleo		06/05/2023 15:32	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Moro_Ciro_Outros personagens		19/05/2023 18:32	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Neoliberalismo_Economia_Estado		19/05/2023 18:30	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Pesquisas		19/05/2023 18:06	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Pronunciamentos de Bolsonaro		07/05/2023 19:34	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Redes		19/05/2023 18:33	Pasta de arquivos	
<input type="checkbox"/>	Religião		19/05/2023 18:24	Pasta de arquivos	

Figura 8. Material organizado durante o mês de maio de 2023 pelo autor

Dentro destas pastas estão matérias de portais *online*, reportagens de jornais, levantamentos quantitativos das redes em diferentes perspectivas e metodologias, entrevistas, postagens de diversos atores políticos, análises, imagens, capas de revistas,

entre outros tipos de conteúdo. Enfim, hoje conseguimos compreender que o texto da qualificação foi reflexo disso.

Observem a data da última movimentação no banco de dados, 19/05/2023. Na ocasião, como pode ser verificado, ainda não tínhamos iniciado a escrita (entre essa data e 16 de junho trabalhamos a sistematização quantitativa que abordaremos adiante). Antes disto, precisava tomar uma decisão, qual seria meu objeto? Onde iria focar diante de tanta coisa? No final de maio, consideramos apontar na direção da página de Jair Messias Bolsonaro no *Facebook*. Mas, de onde saiu essa definição?

Um primeiro aspecto observado foi a quantidade de seguidores ao longo do tempo, ou seja, o “*face*” esteve sempre ocupando as primeiras colocações entre as redes mais populares no Brasil.⁹² Aqui, dois elementos se combinaram: o quantitativo e o temporal, fazendo do *site* um arquivo privilegiado de análise. Desde 2013, podemos o colocar como um dos principais instrumentos de comunicação do país.

Outro elemento decisivo foi a liberação de impulsionamentos durante o período eleitoral de 2018, algo que não era possível em pleitos anteriores, concentrando na multinacional META boa parte dos recursos gastos em orçamentos de campanha. Só a título de exemplo, na eleição em que Bolsonaro venceu foram gastos quase 100 milhões em dinheiro público com a multinacional, já nesse último pleito, só no primeiro turno chegamos ao patamar de 147 milhões.⁹³

Ou seja, apesar do *WhatsApp*⁹⁴ ganhar fôlego nessa disputa como mecanismo de mobilização política, o *Facebook* ainda é uma importante fonte de análise e isto decorre, justamente, do seu vigor no tempo, algo que deixa um rastro de informações postadas, gerando um poder de verificação atual, formatando um arquivo digital “público” disponível.

Teve outra questão que também referendou nossa escolha. Desde 2015, o ainda Deputado Jair Bolsonaro, era objeto de exames que contextualizavam o crescimento das

⁹² Disponível em: <https://rockcontent.com/br/blog/as-maiores-redes-sociais/> Acesso em: 02/08/2023

⁹³ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/candidatos-gastaram-mais-de-147-milhoes-em-impulsionamento-na-internet/#:~:text=Foram%20gastos%20mais%20de%20R,mais%20de%20R%24%20530%20mil.> Acesso em: 08/07/2023

⁹⁴ Disponível em: <https://www.poder360.com.br/opiniao/o-whatsapp-e-a-eleicao-de-bolsonaro/> Acesso em: 02/08/2023

redes e as instabilidades sociais que o país atravessava. Este era o olhar de Fábio Malini⁹⁵, coordenador do Laboratório de Estudos de Imagem e Cibercultura (LABIC) da Universidade Federal do Espírito Santo.

Ele observou que os discursos do ex-capitão geravam grande repercussão e engajamento no mundo *online* através de postagens com elementos de ódio e apologias à repressão, gerando impacto, inclusive, sobre a situação das mulheres na teia digital (MALINI apud VIANA, 2015, p. 2-3). Essa é uma relação que durante muito tempo passou despercebida, pelo menos para nós, mesmo usando estes elementos na nossa dissertação.

Todavia, hoje conseguimos ir além. Não só as mulheres eram impactadas com as performances violentas do ex-capitão nas redes. Na outra esfera, o masculino foi constituindo um modelo de ser homem pela representação performática de Bolsonaro, algo que acontecia por repetições e ganhou força dentro do processo de autoafirmação enérgica (defesa como ataque) como contraponto ao avanço da visibilidade feminina.

Essa nossa mudança de olhar é algo bem recente, somente percebida quando tentamos enquadrar as postagens, que viriam a ser o nosso objeto, em termos quantitativos. Foi uma virada de chave importante e será algo aprofundado adiante. Aqui, é fundamental registrar, foi o momento em que definimos que as fotos no “*Facebook*” do ex-presidente tinham muito a dizer, especialmente através do não-dito, ou melhor, o invisível.

Só foi possível chegar até cá graças ao acúmulo teórico e empírico ao longo do todo. Este acervo foi decisivo para as tomadas de decisões e, sobretudo, transmitir suas motivações como instrumento de segurança analítica.

A pesquisa empírica tem a intenção de avançar ou aprimorar o conhecimento sobre o mundo que nos cerca e, para isso, requer a realização de experimentos ou, como é mais comum nas Ciências Humanas e Sociais, de observações. Independente do tema ou da área da pesquisa, o ideal seria observar todos os aspectos da realidade, levando em conta todas as variáveis e reconhecendo as peculiaridades de seus arranjos na composição de cada fenômeno (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011, p. 53).

⁹⁵ Fábio Malini é um dos pesquisadores de Redes Sociais que acompanhamos desde os tempos do mestrado, ele faz coleta constante de material nas redes e publica em seus perfis pessoais, a exemplo do Twitter @fabiomalini. Disponível em: <<https://twitter.com/fabiomalini>> Acesso em: 13/05/2022

Por mais que não usemos, em sua plenitude, o material coletado e mencionado acima, ele foi parte primordial para chegarmos ao nível de abordagem que tentamos atingir ao longo deste percurso, funcionando como um experimento constante, captando sentimentos que estavam invisíveis nos acontecimentos; ou visíveis, mas recortados no tempo, que quando conectados, nos apontou algo.

Isto vale, de forma peculiar, quando o assunto é Redes Sociais Virtuais, que tem uma dinâmica bem mais fluída, apesar de apresentar como vantagem os rastros visíveis, que sobressaem quando comparamos ao mundo “*off-line*”.

Ou seja, é preciso compreender que uma rede vai ganhando vida de acordo com os eventos, sejam eles reais ou não, e, em alguns casos, sem qualquer distinção. A teia virtual tem existência permanente, desde sua criação, mas seu impacto ou dinâmica é consequência dos fatos, do encadeamento, das construções diante de processos amplos ou específicos, sejam eles “*on*” ou “*off*”.

Uma rede social, por si, já é uma metáfora estrutural. Quando focamos um determinado grupo como uma “rede”, estamos analisando sua estrutura. De um lado estão os nós (ou nodos). De outro, as arestas ou conexões. Enquanto os nós são geralmente representados pelos atores envolvidos e suas representações na internet (por exemplo, um blog pode representar um ator), as conexões são mais plurais em seu entendimento. É possível compreendê-las como as interações que são construídas entre os atores (por exemplo, os comentários em um blog e as mensagens trocadas no *Twitter*) e como aquelas que são proporcionadas e mantidas pelo sistema (por exemplo, adicionar um amigo no “*Facebook*”) (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011, p. 115-116).

Esses traços desenhados por Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amara no livro “Método de pesquisa para internet” foram decisivos lá atrás, e ainda são hoje, como ponto da partida, como compreensão do funcionamento de metáforas estruturais, algo que levamos não só para os estudos e abordagens aqui desenvolvidos, mas para uma aplicação prática dentro do campo político.

Entender a rede é um primeiro passo, porém não pode funcionar como algo limitador. Em vista disso, com o tempo e amadurecimento, aprendemos que o desenho quantitativo deve funcionar como um ponto de partida e não como o fim, por si só, explicativo.

O processo de transformação do campo virtual acontece de maneira muito veloz e impacta diretamente nas possibilidades de abordagem. Então, qualquer caminho metodológico já deve nascer pronto para os questionamentos e atualizado por questões teóricas que estão datadas no passado, ou seja, precisa ter uma trilha sólida para enfrentar os embates vindouros.

Sites diferentes vão surgindo, como o *Threads*⁹⁶ (lançado enquanto essas linhas eram desenhadas). Não só, novas tecnologias fazem parte da nossa rotina, a exemplo da Inteligência Artificial que produziu o badalado comercial da Volkswagen que reuniu Elis Regina (falecida em 19 de janeiro de 1982) a sua filha Maria Rita⁹⁷, além do próprio *ChatGPT*⁹⁸.

Atrelado à força dessas inovações, algo que não deve passar despercebido é o aumento na velocidade de popularização destes instrumentos, que chegam de maneira cada vez mais célere nos diversos segmentos da sociedade. Ilustrando esse quadro, a *Facebook* demorou 10 (dez) meses para atingir um milhão de usuários, algo que foi conquistado pela rede *Threads* em apenas uma hora.

Diante disso, delimitar os passos e panorama dentro deste universo tão amplo, talvez seja um dos maiores desafios das pesquisas relacionadas ao tema. Para as autoras Suely Fragoso, Raquel Recuero e Adriana Amaral (2011), algumas etapas auxiliares são fundamentais para consolidação de instrumentos seguros.

Um primeiro ponto “é a noção de que para obtermos contribuições duradouras para a pesquisa, ela precisa estar embasada pelas pesquisas já estabelecidas anteriormente” (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011, p. 32). Assim, resgatar elementos do mestrado, métodos já consolidados, conseguindo vincular a novas questões teóricas, até aqui tem sido um acerto e meio a alguns erros.

⁹⁶ Threads é um aplicativo de conversa em texto, semelhante ao Twitter. O novo aplicativo, desenvolvido pela equipe do Instagram, permite postagens com até 500 caracteres, links, fotos e vídeos de até 5 minutos. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2023/07/06/dicas-e-tutoriais/threads-o-que-e-e-como-usar/> Acesso em: 08/07/2023

⁹⁷ Disponível em: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2023/07/comercial-da-nova-kombi-reune-elis-regina-e-maria-rita-veja-como-ia-funciona-edsoftwares.ghtml> Acesso em: 08/07/2023

⁹⁸ O ChatGPT popularizou o uso de inteligência artificial generativa como recurso para busca e produção de conteúdos em texto através de um chatbot de respostas imediatas. A curiosidade pela inovação leva os usuários a se perguntarem o que é o ChatGPT e como usar a ferramenta da OpenAI. Disponível em: <https://canaltech.com.br/inteligencia-artificial/o-que-e-chatgpt-como-usar-a-ia-em-portugues/> Acesso em: 08/07/2023

Depois, para elas, deve-se abordar o conteúdo de uma forma que evidencie questões relacionadas ao poder e à condição humana, algo que sempre contextualizamos, especialmente com auxílio teórico de Foucault. Em seguida, recomenda-se um exame de quadros maiores, algo bem emoldurado ao longo deste texto para chegar em pontos específicos que estão logo adiante.

Além disso, é necessário manter o diálogo, com uma linguagem acessível, às diferentes disciplinas, estabelecendo um canal com troca de ideias mútuas, zelando pela reflexividade e pelos conceitos, definições, rótulos e metáforas através dos quais organizamos e construímos as recomendações teóricas (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011).

Seguindo essa interpelação, um primeiro desafio foi sair de uma narrativa que fascinava por sua capacidade de transformações do mundo para ter a segurança de um olhar crítico, que consiga perceber os interesses econômicos que produz e são produzidos por uma nova dinâmica social que emerge, com a *internet*, dentro de uma seara cultural.

Na perspectiva da internet como Cultura, ela é normalmente compreendida enquanto um espaço distinto do off-line, no qual o estudo enfoca o contexto cultural dos fenômenos que ocorrem nas comunidades e/ou mundos virtuais. [...] A perspectiva da internet como artefato cultural observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana. Assim, favorece a percepção da rede como um elemento da cultura e não como uma entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior, entre outras coisas, pela integração dos âmbitos on-line e off-line (FRAGOSO, RECUERO & AMARAL, 2011, p. 40-42).

Como forma de enfiamento das inquirições apresentadas, Valdetaro (2010) observa a importância das investigações “qualiquantitativas” como plataforma de trabalho. O autor afirma que esse tipo de investigação tem conseguido atingir um alto nível de sofisticação devido ao tratamento sistemático conferido à análise dos dados, construindo um campo de conhecimento que escapa às opiniões e ao interpretativíssimo.

Diante de tudo isto, mesmo tomando a decisão de focar nas postagens de Jair Messias Bolsonaro no *Facebook* como objeto de análise (algo que aconteceu apenas recentemente), de alguma forma, todo esse material coletado (7.5 *gigabytes* em arquivos) sobrevive nessas linhas que vocês estão lendo nesse instante e foi algo decisivo para chegarmos até aqui.

Da maneira que ficou emoldurado, o neoliberalismo serviu como um quadro geral, o ambiente em que as relações sociais são constituídas, seja de modo virtual ou real. O neoconservadorismo é compreendido enquanto fenômeno político que ganhou força e visibilidade nos últimos anos pelo mundo, algo que modificou as dinâmicas de poder. E, por fim, as redes adentraram como instrumento que potencializou a velocidade destes processos e terminou por deixar rastros que merecem nossa atenção.

Diante de tudo isto, observamos a figura do ex-presidente chegando ao poder central brasileiro em 2018, canalizando elementos que estão entrecortados nas três frentes colocadas acima, mas que não podem ser reduzidos a nenhuma.

O que fizemos? Depois de um longo acúmulo, e só foi possível notar inúmeras questões depois disso, mergulhamos nas imagens postadas no “*face*” (a rede foi escolhida diante do que já foi observado) do ex-capitão do Exército, para, assim, tentar encontrar as conexões entre os discursos/práticas neoconservadoras, contextualizadas por uma racionalidade neoliberal, com a construção do capital político de Bolsonaro, inclusive desencadeando na sua vitória eleitoral.

2.2- A PÁGINA DE JAIR MESSIAS BOLSONARO NO FACEBOOK COMO OBJETO DE ANÁLISE

O processo de definição da página de Jair Messias Bolsonaro no *Facebook* foi um passo decisivo, mesmo sabendo que ainda existiria um longo percurso para trilharmos na extração, em suas diversas facetas, do que estava sendo dito e, principalmente, do não-dito, como forma de explicar sua ascensão até o Palácio do Planalto.

Então, precisamos deslindar os motivos e motivações que me fizeram caminhar no sentido da definição do objeto que foi apresentado acima. De onde partimos e o porquê procuramos, mesmo com tanto material já disponível e acumulado, abrir uma nova frente de observação.

Para isso, ter contato com o todo, em diversas frentes, estabelecendo conexões entre os variados campos, foi algo que facilitou a percepção do movimento geral, mas a

sensação que prevalecia era a que isto não seria suficiente para uma leitura segura, ainda faltavam alguns degraus. Era preciso afunilar, delimitando de maneira mais clara o objeto.

Nesse sentido, qual o lugar poderia contribuir para formulação da compreensão de como Jair Messias Bolsonaro conseguiu canalizar, usando como instrumento as Redes Sociais Virtuais, elementos neoconservadores dentro de um contexto neoliberal? Onde ele teria deixado um rastro, com vestígios visíveis, que pudessem ser verificados hoje, para compreensão de um fenômeno que aconteceu no passado?

Diante desses questionamentos, visitamos as redes do ex-presidente. Foram alguns dias analisando, tentando encontrar a melhor forma de abordagem. Inicialmente, percebemos que o *Instagram* e *TikTok* tinham uma força mais atual, não perduravam no tempo, não funcionariam como algo que pudesse nos ajudar na observação dos fatos que aconteceram lá atrás, especialmente porque decidimos verificar na atualidade, saindo do agora em direção ao passado.

Já o *WhatsApp* e *Telegram* são aplicativos de comunicação, não podendo ser considerados uma rede social em sua sistemática, apesar de caminharem nesse sentido. A dificuldade de análise, aqui, é o acesso aos dados e informações, pois as mensagens podem acontecer de forma privada, de um usuário ao outro, ou via grupos.

Outra dificuldade seria a questão temporal, de só começar a coleta agora sobre fatos que aconteceram no passado. Inúmeros estudos foram feitos, inclusive mencionados aqui, de observações que ocorreram durante a campanha de 2018 com pessoas vivenciaram o cotidiano em grupos ou com mensagens recebidas. Então, descartamos para ser feito no hoje, mas não foi algo preterido ao longo da nossa trajetória de abordagem.

O *Twitter*, até bem pouco tempo atrás, era o sítio que permitia uma maior coleta de dados quantitativos para análise de estudiosos⁹⁹ e isto ficou refletido no material armazenado ao longo da nossa trajetória no doutorado. Em sua grande maioria, os diagnósticos aconteciam via Análise em Redes Sociais (ARS)¹⁰⁰ e fizemos a coleta como

⁹⁹ Disponível em: <https://ibpad.com.br/comunicacao/twitter-libera-api-especial-para-academicos-o-que-voce-precisa-saber/> Acesso em: 18/07/2023

¹⁰⁰ A teoria dos grafos é um ramo da matemática que estuda as relações entre os objetos de um determinado conjunto. Para tal são empregadas estruturas chamadas de grafos, $G(V, E)$, onde V é um conjunto não vazio de objetos denominados vértices e E é um subconjunto de pares não ordenados de V , chamados arestas. Dependendo da aplicação, arestas podem ou não ter direção, pode ser permitido ou não arestas ligarem um vértice a ele próprio e vértices e/ou arestas podem ter um peso (numérico) associado. Se as arestas têm uma direção associada (indicada por uma seta na representação gráfica)

instrumento de mensuração do termômetro da teia em determinados acontecimentos, especialmente durante o governo Bolsonaro.

Levando em consideração inúmeros fatores, sobretudo, a questão temporal já relatada, definimos o *Facebook* como fonte de investigação pelas pegadas digitais ainda visíveis, algo que facilitou nossa interpelação.

Dentro desse itinerário decisório, fizemos uma visita à página de Jair Messias Bolsonaro (PL) no “face” e, para minha surpresa, não conseguimos localizar. Tentamos novamente, sem resultados encontrados. Buscamos uma terceira vez e, novamente, nenhum conteúdo foi localizado. Então percebemos algo que merece ser registrado: o nosso perfil estava bloqueado para o acesso aquele núcleo virtual.¹⁰¹

Não sei o motivo ou desde quando, mas cabe nesse momento fazer, no mínimo, uma reflexão, além de lançar questionamentos e inquietações que pertencem não só ao pesquisador, mas ao indivíduo que convive em sociedade com o divergente: a rede virtual é um espaço público ou privada? Um Presidente da República, ou qualquer outro ocupante de cargos eletivos, tem o direito de fazer essa restrição?

Este debate não é o foco de nossa Tese, mas não poderíamos deixar passar essa situação sem nenhum tipo de registro, já que foi mais um obstáculo encontrado durante o período de produção acadêmica, algo vivenciado por muitos estudantes que estão atravessando o processo de coleta científica.

Superada essa circunstância, começamos usar um outro perfil para ter acesso à página e, de cara, nos deparamos com milhares de postagens que envolviam textos, vídeos, fotos, memes, transmissões ao vivo, entre outros conteúdos. Mesmo definindo algo que já considerava bastante específico dentro do universo da *internet*, havia ainda uma gama múltipla de possibilidades, então era preciso avançar.

Estávamos, no cenário desenhado anteriormente, entre o final do mês de maio e o início de junho deste 2023, ou seja, o tempo não era nosso aliado, a margem de erro das

temos um dígrafo (grafo orientado). Um grafo com um único vértice e sem arestas é conhecido como grafo trivial. Assim, a ARS é uma forma matemática de análise sistemática de grupos sociais. Quem trabalha com a ARS, por exemplo, trabalha com elementos como sociogramas, graus de centralidade dos grafos (Degree Centrality, Betweenness Centrality, e Closeness Centrality), centralização e etc. Disponível em: Acesso em: 20 jul. 2017

¹⁰¹ Bolsonaro bloqueou 176 perfis nas redes sociais, diz relatório da Human Rights Watch. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/tecnologia/noticia/2021/08/19/bolsonaro-bloqueou-176-perfis-nas-redes-sociais-diz-relatorio-da-human-rights-watch.ghtml> Acesso em: 18/07/2023

nossas decisões estava ficando, cada vez mais, curta. Como conseguir fazer uma abordagem segura do todo e, ao mesmo tempo, conseguir detectar detalhes. Verificar o dito e, sobretudo, o não-dito.

Depois de uma intensa reflexão, levando em consideração as questões mencionadas acima, caminhamos no sentido de analisar os *posts* que envolviam imagens, levando em consideração a perspectiva da semiótica¹⁰² e a narrativa¹⁰³ atrelada à fotografia.

Vale observar que no mestrado seguimos essa mesma trilha, todavia, com um percurso diferente. Lá focamos em poucos quadros, delimitando os com maiores engajamentos por álbum (que funcionavam enquanto núcleos temáticos) o que desencadeou um universo bem mais restrito para avaliações.

Aqui não existe a divisão por centros gravitacionais temáticos, o recorte é temporal, o que permaneceu na linha do tempo da página, algo que ajuda na compreensão tomando como base acontecimentos, momentos, virtuais ou reais, mas sem dar a dimensão do todo ou facilitar a observação de nichos temáticos.

Então, é importante lembrar que nosso foco na rede é identificar como Jair Messias Bolsonaro canalizou discursos e prática neoconservadoras até sua chegada ao Palácio do Planalto em 2018. Isto levando em consideração o contexto neoliberal e o uso das redes enquanto instrumento de mobilização.

Para tanto, tomaremos como base suas postagens envolvendo imagens, extraindo o conteúdo dessas molduras e os textos que estejam vinculados a elas. Consequentemente, o recorte temporal que passamos a focar começa com a criação da página em 14 de junho de 2013 indo até o domingo que carimba o segundo turno das eleições de 2018, 28 de outubro. Assim, seguimos.

Junho de 2013 marca a vida social e política do país como um todo, através das jornadas, e, é nesse contexto, que Bolsonaro decide ingressar no *Facebook*. Naquele

¹⁰² [um] processo de produção e compartilhamento de sentidos entre sujeitos interlocutores, realizado através de uma materialidade simbólica (da produção de discursos) e inserido em determinado contexto sobre o qual atua e do qual recebe os reflexos (França, 2001, p. 13).

¹⁰³ A narrativa é considerada em termos de elementos verbais, não verbais e contextuais. Ela decorre de um processo interativo, logo é uma expressão do ser em interação. Cada narrador utiliza de capacidades e habilidades próprias, e o encontro dialógico é possibilitado quando ambos interlocutores compartilham de elementos comuns de construção e interpretação da realidade. Neste momento podemos identificar comunicação efetiva, pois compartilham algum aspecto perceptivo que os habilita a ação (OLIVEIRA, 2019, p. 38).

momento uma intensa mobilização acontecia nas ruas, algo conectado e mobilizado através das redes, fazendo surgir novos atores políticos e alterando as dinâmicas estabelecidas.

No mestrado consideramos que aquele ano 13 (treze), do século XXI, seria uma etapa que não haveria acabado para os brasileiros. Hoje, partindo de um olhar superficial, observamos que este ciclo foi encerrado na última eleição presidencial, com a vitória de Luiz Inácio Lula da Silva (PT). Ou seja, quase dez anos depois.

Porém, mesmo com essa compreensão, não há como taxar no horizonte do acaso a coincidência de ingresso de um ex-capitão do Exército no virtual em meio às turbulências sociais vivenciadas no país. Não só, ele ter como primeira postagem o resgate de sua passagem pelas forças armadas. A ordem em meio ao caos, que poderia ter um representante, o próprio Bolsonaro.

Diante disso é necessário trazer alguns elementos daquele momento como forma de contextualizar o seu começo no *Facebook*. Não há dúvida que as ocorrências daquele ano mudaram a dinâmica de se fazer política, sobretudo no que se refere aos instrumentos e a forma de ir às ruas.

Atuações em redes conseguiram serem transformadas em eventos, movimentos ou jornadas, além de pautar a mídia rotineiramente com uma amplitude nacional (FIGUEIREDO, 2014).

Os protestos de junho de 2013 deixaram os políticos e seus partidos fora da festa, porque ficou evidente sua total desconexão com as ruas – sejam elas ruas reais ou virtuais. A grande maioria dos políticos não entende, não gosta e não quer saber de redes sociais, mídias sociais, ferramentas digitais ou até mesmo um simples e-mail (TOGNOZZI, 2014, p. 82).

Naquele momento, começou a emergir uma forte narrativa antipolítica e antissistema, duas questões que estão presentes no face de Bolsonaro entre junho de 2013 e outubro de 2018. Mais do que isso, vozes silenciosas começaram a ecoar. Inovadores núcleos de mobilização se organizaram. Velhos discursos ressurgiram e as pautas políticas foram constantemente ressignificadas nesse novo cenário.

A ativação e o engajamento nas ruas de forma momentânea com consequências permanentes nas redes, empunharam nas mãos de uma massa as bandeiras com sensibilidades patrióticas.

Em 2014, os novíssimos atores que entraram em cena em junho de 2013 continuaram nas redes sociais on-line e saíram às ruas em tímidos atos contra a Copa do futebol no Brasil e seus grandes gastos, não atraindo a maioria da população. Durante o período eleitoral para a presidência da república em 2014 ocorreu intensa mobilização das redes sociais e alguns grupos criados tiveram grande atuação nas manifestações de março de 2015 (GOHN, 2016, p. 137).

Ao juntar essas peças, tivemos um pouco de segurança que estava indo na direção correta, era muita coisa sendo observada, decisões sendo tomadas e longos caminhos percorridos para pouco tempo. Nesse intercurso a insegurança foi uma companheira frequente, havendo um autoquestionamento constante. Mas, seguimos.

O próximo passo foi armazenar as postagens. Então, começamos printando (transformando em imagem o seu conjunto: fotografia mais texto) os *posts* que envolviam fotos. Visitamos a primeira publicada, voltando em direção a última, dentro do recorte temporal já delimitado. Ou seja, terminamos com o quadro da vitória dele enquanto presidente.



Figura 9. Imagem 844: a última dentro da sequência geral estabelecida pelo aspecto temporal. Material coletado pelo autor durante o mês de junho de 2023.¹⁰⁴

A primeira postagem trazia componentes nacionalistas no viés militar em meio à ideia de caos que o país atravessava em 2013. A última, no âmbito da nossa coleta, traz os mesmos componentes, mas dessa vez falando no futuro combinado, através do texto, com a busca por elementos do passado: “Vamos adiante resgatar o Brasil”.

Há uma coincidência ou é uma constante a combinação do resgate ao passado associado às Forças Armadas, além das exaltações nacionalistas? Há um padrão na rede ou ela vai se modificando de acordo com a conjuntura? As postagens com mais engajamento têm que tipo de conteúdo? Quais os atores que aparecem com mais recorrência nos retratos?

As repostas a esses questionamentos não apareceram de forma imediata. Essas observações iniciais não me foram apresentadas. Esse diagnóstico não estava pronto. Não só, as próprias inquirições não estavam acabadas quando começamos a dinâmica de arquivamento.

A iniciativa inaugural então foi essa: salvar. Enquanto acontecia, quase que de maneira imediata, algumas classificações iam surgindo, observações avançavam e enquadramentos mentais eram realizados. Então, começamos. A cada *print*, atribuímos um numeral de acordo com sua correspondência cronológica, para, no final, ficar com um intervalo entre 1 (um) e 844 (oitocentas e quarenta e quatro) imagens.

Mais do que um inventário de dados, esse procedimento nos fez ter contato direto (a primeira vez) com todas as postagens. Algo já estava sendo apresentado, um percurso experimental havia sido iniciado, o exercício de possíveis classificações começava.

Além disso, ao salvar nesse formato verificado acima, conseguimos enquadrar, dentro de um só arquivo, a moldura fotográfica, o texto atrelado ao retrato, a data da postagem e o engajamento (curtidas + comentários + engajamento).

Diante disso, surge um conceito que é preciso ser elucidado, engajamento. Segundo Recuero, é

¹⁰⁴ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/pb.100044022914395.-2207520000./1281342165348100/?type=3> Acesso em: 03/08/2023

Uma medida que foca a qualidade da conexão dos atores com o serviço, em termos de sentimento, de capital social produzido pelo sistema e pelos atores que o utilizam. Um forte engajamento, por exemplo, pode resultar em uma maior retenção ou em um crescimento acentuado devido ao buzz em torno do serviço. Enquanto o engajamento é orgânico e depende da apropriação e dos valores construídos, a retenção não é. Esta última pode ser criada de forma artificial, por mecanismos de spam, medidas inadequadas e mesmo outras estratégias que podem mascarar os dados reais. Mas enquanto o engajamento pode influenciar a retenção, o inverso não é verdadeiro. Uma retenção maior não necessariamente significa um maior engajamento, portanto (RECUERO, 2009, p. 01).

Depois de uma dimensão quantitativa que já estava disponível de imediato, a exemplo do envolvimento, além das circunstâncias temporais extraídas das datas, precisaríamos avançar na construção de uma metodologia que pudesse analisar com segurança os demais elementos presentes no material coletado.

Em posse do arquivo e mantendo um contato constante com ele, coloquei como desafio extrair o máximo de informações contidas em cada núcleo (imagem e texto), mesmo ainda não conseguindo visualizar o melhor caminho para seguir adiante.

Foi então que tomei a decisão de transformar aspectos presentes no contexto em números, para que pudéssemos ter um desenho quantitativo do todo através dos itens contidos nas imagens e nos textos. Mas, como isso seria possível? Como viabilizar uma coleta tão ampla, com um curto espaço de tempo disponível?

Trouxemos a experiência de uso do SPSS¹⁰⁵ que tivemos no mestrado para apontar um caminho, criando variáveis que conseguimos identificar com a observação individual e preliminar de cada elemento, tomando como base o conteúdo teórico acumulado e os outros materiais já destacados. Estávamos na primeira quinzena do mês junino de 2013. Vejamos o quadro geral a que chegamos.

¹⁰⁵ SPSS é um *software* aplicativo (programa de computador) do tipo científico. Originalmente o nome era acrônimo de *Statistical Package for the Social Sciences* - pacote estatístico para as ciências sociais, mas na atualidade a parte SPSS do nome completo do *software* (IBM SPSS) não tem significado. Como programa estatístico é muito popular também pela capacidade de trabalhar com bases de dados de grande dimensão. Na versão 12 são possíveis mais de 2 milhões de registros e 250.000 variáveis.

*Dados Página do Facebook Bolsonaro.sav [ConjuntodeDados1] - Editor de dados do IBM SPSS Statistics

Arquivo Editar Visualizar Dados Transformar Analisar Gráficos Utilitários Extensões Janela Ajuda

1: FraseSecundária

Seqüência	Atores	Atos	Atores	Data	Conteúdo	Compartilhamento	Engajamento	Tema1	Subtema1	Subtema2	Tema2	Subtema2	Tema1	Subtema1	Subtema2	Postura	Focodal	Origem	Quant	Quant	Cr	Armas	Bandel	Militares	Militares	Bolso	Familiares	FransEP	FraseSecundária	Evento	
1	1			14.06.2013	20000	1500	1700	23200	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	40 - Direita/...	44 - Militaris...	60 - Institu...	63 - Forças...	63 - Forças...	Sorridente	Neutra	Só a foto	0	4	0	Sim	Não	Não	Sim	Sem texto	Sim	Nenhum	Ausente te...	Eventos ...	
2	2			19.06.2013	1100	236	678	2014	30 - Neolibera...	31 - Reform...	22 - Dilma	40 - Direita/...	43 - Inimigos...	28 - Mad...	30 - Neoli...	31 - Reform...	60 - Institu...	61 - PT	0	0	0	Não	Não	Não	Não	Não	Nenhum	Texto sem...	Projetos ...		
3	3	Dilma	Fidel	24.06.2013	2800	229	28000	31029	30 - Neolibera...	32 - Impost...	20 - Atores...	22 - Dilma	40 - Direita/...	43 - Inimigos...	60 - Institu...	61 - PT	0	1	2	0	Não	Não	Não	Não	Não	Nenhum	PT/Lula/Di...	Ataques ...			
4	4	Dilma		29.06.2013	371	61	350	782	60 - Instituiçõ...	66 - Movime...	20 - Atores...	22 - Dilma	40 - Direit...	43 - Inimigo...	60 - Institu...	61 - PT	0	10	14	0	Não	Não	Não	Não	Não	Nenhum	PT/Lula/Di...	Ataques ...			
5	5	Dilma	Ran...	02.07.2013	673	116	527	1316	20 - Atores Pol...	22 - Dilma	23 - Ran...	40 - Direita/...	44 - Militaris...	0 - Ausente	0 - Ausente	62 - P...	60 - Institu...	66 - Movimen...	0	1	1	0	Não	Não	Não	Não	Nenhum	MST/CUT/...	Ataques ...		
6	6			05.07.2013	855	82	1700	2637	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	40 - Direita/...	44 - Militaris...	0 - Ausente	0 - Ausente	Séria/Fecha...	Ataque	Artes: foto, foto...	0	1	0	Não	Não	Não	Sem texto	Sim	Nenhum	Ausente te...	Exercício ...			
7	7			12.07.2013	641	57	89	787	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	12 - Filho...	40 - Direita/...	42 - Sexualid...	40 - Diret...	42 - Sexuali...	50 - Agenda...	51 - Programa...	0	4	0	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Eduardo	Kit Gay/ho...	Program...		
8	8	Cesare	Outr...	28.08.2013	403	63	468	934	20 - Atores Pol...	25 - Cesare...	26 - Pari...	40 - Direit...	43 - Inimigo...	26 - P...	60 - Institu...	61 - PT	62 - P...	0	2	9	0	Não	Não	Não	Não	Nenhum	PT/Lula/Di...	Ataques ...			
9	9	Dilma	Jan...	29.08.2013	283	75	253	611	20 - Atores Pol...	22 - Dilma	27 - Jand...	40 - Direit...	43 - Inimigo...	20 - Atores...	27 - Jandira...	50 - Agend...	55 - Outras...	0	0	0	Não	Não	Não	Não	Não	Nenhum	Texto sem...	Ataques ...			
10	10			08.09.2013	908	201	287	1396	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	40 - Direita/...	44 - Militaris...	0 - Ausente	0 - Ausente	Sorridente	Humor	Artes: foto, foto...	0	1	0	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Nenhum	Texto sem...	Divulgaç...		
11	11	Jean W.	Jan.	24.09.2013	307	33	311	651	70 - Outros el...	71 - Corrup...	62 - PSOL	20 - Atores...	24 - Jean Wyl...	26 - Pari...	20 - Atores...	24 - Jean W...	26 - P...	40 - Direita/...	42 - Sexualida...	0	0	0	Não	Não	Não	Não	Nenhum	Kit Gay/ho...	Ataques ...		
12	12			01.10.2013	699	78	272	1049	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	60 - Institu...	67 - Congres...	40 - Direit...	44 - Militaris...	60 - Institu...	67 - Congress...	61 - PT	0	6	0	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Nenhum	PT/Lula/Di...	Projetos ...		
13	13			22.10.2013	664	110	52	826	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	60 - Institu...	68 - Imprensa	40 - Direit...	43 - Inimigos...	0 - Ausente	0 - Ausente	Séria/Fecha...	Ataque	Postagem de r...	0	1	0	Não	Não	Não	Não	Sim	Nenhum	Texto sem...	Outros ti...	
14	14			23.10.2013	4100	720	1400	6220	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	40 - Direita/...	43 - Inimigos...	60 - Institu...	67 - Congre...	60 - Institu...	67 - Congre...	0 - Ausente	0 - Ausente	0	2	0	Não	Não	Não	Não	Sim	Nenhum	Texto sem...	Exercício ...		
15	15	Anclm...		24.10.2013	695	71	135	901	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	40 - Direita/...	43 - Inimigos...	10 - Atores...	11 - Jair Bol...	40 - Atores...	11 - Jair Bol...	40 - Atores...	4	43	0	0	Não	Não	Não	Não	Nenhum	Kit Gay/ho...	Outros ti...			
16	16	Dilma	Mad.	27.10.2013	425	46	282	753	20 - Atores Pol...	22 - Dilma	29 - Mari...	40 - Direita/...	43 - Inimigos...	20 - Atores...	29 - Maria d...	26 - P...	10 - Atores...	0 - Ausente	0	1	1	0	Não	Não	Não	Não	Nenhum	Cuba/Ven...	Ataques ...		
17	17	Lula	Kad...	29.10.2013	495	60	558	1113	20 - Atores Pol...	21 - Lula	29 - Mari...	40 - Direit...	43 - Inimigo...	40 - Diret...	43 - Inimigo...	1	11	0	3	0	0	Não	Não	Não	Não	Nenhum	PT/Lula/Di...	Ataques ...			
18	18			07.11.2013	563	35	114	712	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	61 - PT	70 - Outros...	71 - Corrupçã...	62 - PSOL	50 - Agend...	55 - Outras...	60 - Institu...	62 - PSOL	0	1	0	Não	Não	Não	Não	Sim	Nenhum	Texto sem...	Divulgaç...		
19	19			20.11.2013	1400	99	167	1666	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	60 - Institu...	65 - STF	40 - Direit...	43 - Inimigo...	50 - Agend...	55 - Outras...	60 - Institu...	62 - PSOL	0	1	0	Não	Não	Não	Não	Sim	Nenhum	Texto sem...	Divulgaç...		
20	20			23.11.2013	46000	4500	7100	57600	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	20 - Atores...	29 - Maria do...	40 - Direit...	43 - Inimigo...	70 - Outros...	71 - Corrupçã...	0	2	0	0	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Carlos	Família	Outros ti...		
21	21	Jean W.	Joa...	25.11.2013	1000	167	505	1672	20 - Atores Pol...	24 - Jean W...	29 - Mari...	60 - Institu...	65 - STF	40 - Atores...	12 - Filhos (...)	60 - Institu...	61 - PT	62 - P...	0	1	0	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Carlos	PT/Lula/Di...	Ataques ...	
22	22			28.11.2013	30000	8200	14000	52200	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	40 - Direita/...	43 - Inimigos...	60 - Institu...	64 - Ministé...	60 - Institu...	64 - Ministé...	0	1	0	0	Não	Não	Não	Não	Sem texto	Sim	Nenhum	Ausente te...	Outros ti...		
23	23	Jean W.		02.12.2013	341	43	55	439	20 - Atores Pol...	21 - Lula	40 - Direita/...	43 - Inimigos...	60 - Institu...	64 - Ministé...	60 - Institu...	64 - Ministé...	0	1	0	0	Não	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Nenhum	Ausente te...	Ataques ...	
24	24			05.12.2013	1200	179	716	2095	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	12 - Filho...	50 - Agenda...	53 - Divulgaç...	50 - Agend...	53 - Divulgaç...	0 - Ausente	0 - Ausente	0	4	0	0	Não	Sim	Sim	Não	Sim	Irmãos Poli...	Texto sem...	Exercício ...		
25	25			09.12.2013	1300	79	283	1662	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	19 - 60 - Institu...	63 - Forças A...	0 - Ausente	0 - Ausente	Sorridente	Neutra	Só a foto	0	3	0	0	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sem texto	Sim	Nenhum	Ausente te...	Outros ti...
26	26			15.12.2013	1100	90	380	1670	10 - Atores do...	12 - Filhos (...)	60 - Institu...	63 - Forças A...	10 - Atores...	12 - Filhos (...)	70 - Outros...	72 - Resgate...	0 - Ausente	0 - Ausente	0	1	0	0	Não	Não	Não	Não	Não	Carlos	Verdade	Exercício ...	
27	27			16.12.2013	55	5	10	70	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	12 - Filho...	40 - Direita/...	44 - Militaris...	20 - Atores...	22 - Dilma	60 - Institu...	61 - PT	44 - Mi...	0	2	0	Não	Não	Não	Não	Não	Sim	Flávio	PT/Lula/Di...	Exercício ...	
28	28	Outros		18.12.2013	1300	194	520	2014	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	15 - Outr...	60 - Institu...	67 - Congres...	0 - Ausente	0 - Ausente	Sorridente	Neutra	Artes: foto, foto...	2	6	0	Não	Não	Não	Sem texto	Sim	Nenhum	Ausente te...	Exercício ...		
29	29	Lula	Dilma	20.12.2013	12000	1100	26000	39100	40 - Direita/Ne...	43 - Inimigo...	45 - Liber...	60 - Institu...	66 - Movimen...	21 - Lula	40 - Direit...	42 - Sexuali...	41 - R...	60 - Institu...	67 - Congress...	11	14	0	Não	Não	Não	Não	Não	Nenhum	Selva/Ads...	Projetos ...	
30	30			13.01.2014	2200	134	1200	3534	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	61 - PT	60 - Institu...	66 - Movimen...	62 - PSOL	50 - Agend...	55 - Outras...	40 - Direita/...	45 - Liberdade	43 - Inl...	0	27	0	Sim	Não	Não	Não	Sim	Nenhum	Texto sem...	Divulgaç...	
31	31			21.01.2014	312	24	68	404	40 - Direita/Ne...	44 - Militaris...	10 - Atores...	12 - Filhos F...	10 - Atores...	12 - Filhos (...)	10 - Atores...	12 - Filhos (...)	0 - Ausente	0 - Ausente	0	0	0	Não	Não	Não	Não	Não	Nenhum	Polícia (Cl...	Exercício ...		
32	32			25.01.2014	533	123	673	1329	70 - Outros el...	73 - Drogas	10 - Atores...	12 - Filhos F...	10 - Atores...	12 - Filhos (...)	10 - Atores...	12 - Filhos (...)	0 - Ausente	0 - Ausente	1	0	0	Não	Não	Não	Sem texto	Não	Nenhum	Ausente te...	Outros ti...		
33	33			27.01.2014	4200	272	267	4739	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	12 - Filho...	40 - Direita/...	44 - Militaris...	20 - Atores...	22 - Dilma	60 - Institu...	61 - PT	44 - Mi...	0	3	0	0	Sim	Não	Não	Não	Não	Irmãos Poli...	Texto sem...	Eventos ...	
34	34	Jean W.	Outr...	05.02.2014	1100	186	875	2161	20 - Atores Pol...	24 - Jean W...	40 - Direita/...	47 - Direitos...	60 - Institu...	61 - PT	62 - P...	40 - Direita/...	42 - Sexualida...	0	0	0	0	Não	Não	Não	Não	Não	Nenhum	PT/Lula/Di...	Outros ti...		
35	35			08.02.2014	501	66	162	729	40 - Direita/Ne...	47 - Direit...	10 - Atores...	11 - Jair Bols...	10 - Atores...	11 - Jair Bols...	0 - Ausente	0 - Ausente	0	3	1	0	0	Não	Não	Não	Sim	Sim	Sem texto	Não	Nenhum	Ausente te...	
36	36	Olavo d...		11.02.2014	78	8	8	94	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	12 - Filho...	10 - Atores...	16 - Olavo de...	55 - Outr...	60 - Institu...	66 - Movime...	40 - Direita/...	47 - Direitos H...	0	4	0	Não	Não	Não	Sem texto	Sim	Irmãos Poli...	Ausente te...	Divulgaç...		
37	37			12.02.2014	1800	372	1200	3372	40 - Direita/Ne...	43 - Inimigo...	10 - Atores...	12 - Filhos F...	10 - Atores...	12 - Filhos (...)	40 - Direita/...	47 - Direitos H...	0 - Ausente	0 - Ausente	6	1	0	0	Não	Não	Não	Não	Não	Nenhum	Kit Gay/ho...	Exercício ...	
38	38			12.02.2014	114	18	38	170	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	40 - Direita/...	48 - Element...	40 - Direit...	43 - Inimigo...	60 - Institu...	66 - Movime...	40 - Direita/...	47 - Direitos H...	0	1	0	0	Sim	Não	Sem texto	Sim	Nenhum	Ausente te...	Outros ti...		
39	39	Olavo d...		14.02.2014	2000	180	341	2521	10 - Atores do...	11 - Jair Bol...	12 - Filho...	10 - Atores...	16 - Olavo de...	40 - Direit...	43 - Inimigo...	60 - Institu...	61 - PT	62 - P...	0	4	0	Não	Não	Não	Não	Sim	Irmãos Poli...	PT/Lula/Di...	Censura ...		

Visão geral Visualização de dados Visualização de variável

Figura 10. Todos os dados coletados pelo autor extraídos das imagens e do texto das 844 postagens coletadas.

Como chegamos nesse quadro destacado acima? O que significam esses dados? Como alcançamos esse desenho que aparentemente se mostra complexo e de difícil análise?

Um primeiro ponto, como já informado, foi sequenciar, identificar cada postagem com um número correspondente. Ou seja, é possível localizar cada imagem através do seu numeral de designação e, a partir daí, ter acesso às demais referências correspondentes.

Outra questão foi salvar o número de curtidas, compartilhamentos e comentários de cada retrato, e, a partir disso, estabelecer uma soma que é compreendida enquanto engajamento. Daqui, saíram quatro variáveis que conseguem dimensionar a força de cada publicação dentro da rede, o que ajudou a mensurar o alcance de determinado conteúdo.

Combinado a estes dois fatores, atrelamos a data do “*post*” em cada um dos 844 (oitocentos e quarenta e quatro) núcleos, delimitando um campo temporal a cada recorte, o primeiro (1) em 14/06/2013 (exatamente no dia que foi criada a página) e o último (844) em 28/10/20218. Mas do que uma sequência, esse tipo de coleta nos permitiu agrupar de acordo com o interesse temporal de abordagem, por ano ou mês, por exemplo.

Esse foi um primeiro passo depois do inventário pronto, extrair os quantitativos que já estavam ofertados nas postagens e colocar no sistema transformando em variáveis. Estamos, nesse momento, fazendo o segundo percurso sobre os arquivos (o primeiro foi o armazenamento), dessa vez extraindo as cinco questões já desenhadas. Assim seguimos.

À medida que avançamos neste tipo de coleta, percebemos repetições, reiteraões textuais, algo que nos desafiou a transformar em números os padrões narrativos encontrados superficialmente para eventuais confirmações.

No primeiro instante algumas questões eram bem visíveis. Os ataques à esquerda, que aconteciam de maneira especial ao PT e ao PSOL carioca. As postagens envolvendo militares. A frequência com que os filhos de Jair Messias Bolsonaro apareciam em suas redes. Esses três eixos dominavam o primeiro momento temporal de publicações no *Facebook* do ex-capitão.

Para além do que foi mencionado, alguns detalhes decorrentes dos três pilares desenhados acima começaram chamar minha atenção e, de alguma forma, eu precisava registrar durante a coleta.

No que se refere às publicações envolvendo militares, elas estavam relacionadas a uma agenda de eventos, como formaturas e homenagens, Bolsonaro fazendo o papel de convidado. Já a aparição dos familiares, só os três filhos Carlos, Eduardo e Flávio Bolsonaro, eram protagonistas. Em relação aos ataques, eles tinham alvos bem definidos, em sua maioria mulheres e atores políticos da esquerda.

Diante dessas impressões iniciais, começamos definindo e quantificando os atores presentes nas imagens para, então, ter uma dimensão do número de aparições de cada personagem em termos absolutos, algo que seria transformado posteriormente em parâmetros percentuais. Vale observar que excluímos os membros da família, pois ganharam uma variável própria.

Depois passamos aos temas recorrentes. Para tanto, levamos em consideração os arcabouços neoconservador e neoliberal que foram facilmente verificados entre os conteúdos que ganhavam o universo virtual através da página do ex-capitão do Exército no *Facebook*.

Em meio a este percurso de coleta, enquanto passeávamos pela quarta vez sobre o material, uma outra questão despertou a nossa atenção, o uso contínuo de jornal e livros nas postagens como instrumento de fortalecimento ou questionamento de narrativas. Então, decidimos coletar a origem do conteúdo, que já podemos trazer aqui em gráfico, como forma de exemplificar.

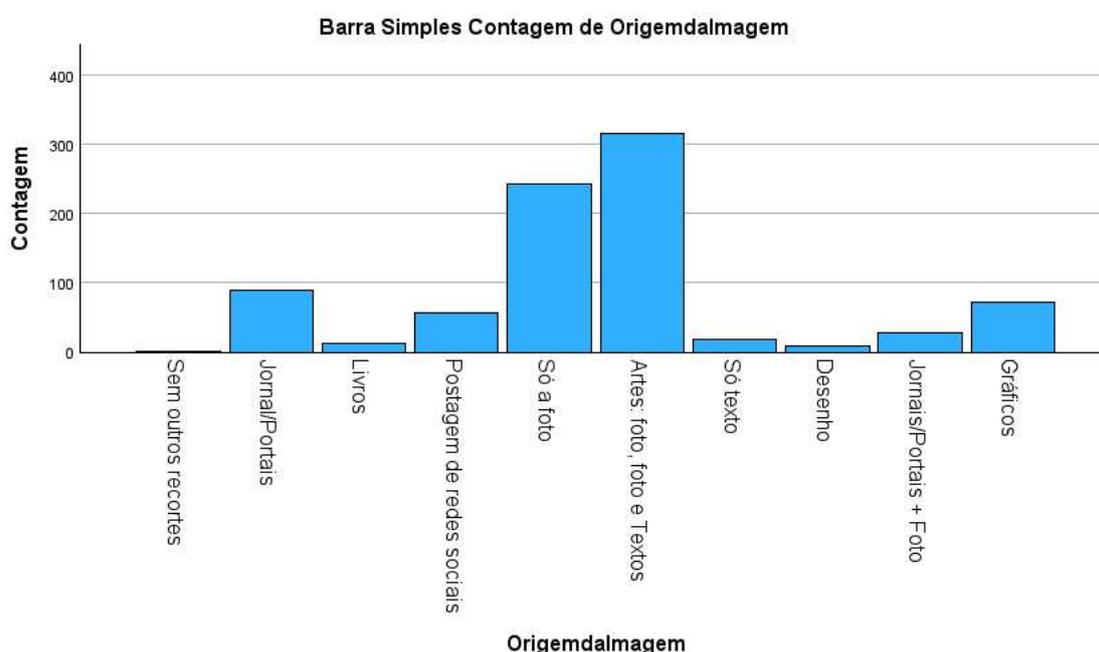


Figura 11. Material coletado durante o mês de junho de 2023 pelo autor.

Essa dimensão, para além da abordagem do conteúdo das postagens, nos apresentou o desenho de uma possível estratégia de comunicação política. Vale atentarmos para o fato que há um predomínio de montagens como fotografia e texto nas imagens. Em seguida, o uso do retrato sem nenhum elemento textual. Esses dois formatos se sobressaem.

Mas, algo mereceu nossa atenção: o uso de livros, jornais, ou a combinação destes com as fotos. Isto foi algo que, particularmente, nos surpreendeu, pois era comum as notícias dos ataques de Bolsonaro à imprensa, aos jornalistas e a veículos de comunicação específicos, principalmente a Globo.

Na página é comum o uso de recortes de jornais, impressos ou digitais, como instrumento de ataque e legitimação do ódio, a exemplo dos discursos contra programas ou segmentos sociais.



Figura 12. Imagem 32, coletada da página de Jair Messias Bolsonaro durante o mês de junho de 2023.¹⁰⁶

¹⁰⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/pb.100044022914395.-2207520000./281070908708569/?type=3> Acesso em: 03/08/2023



Figura 13. Imagem 37, coletada da página de Jair Messias Bolsonaro durante o mês de junho de 2023.¹⁰⁷

Nas duas postagens, retiradas do *Facebook* do ex-presidente enquanto ele ainda era Deputado Federal pelo Estado do Rio de Janeiro, podemos verificar como o uso de jornais impressos é um instrumento de comunicação que serve para referendar ou refutar narrativas para o mundo virtual direcionadas de acordo com simplificações retóricas.

Um outro ponto preliminar é o recorte temporal de abordagem, que pelo número sequencial (32 e 37, ambas de 2014) percebemos que são publicações ainda do início existencial da página.

Na imagem 32, não há um texto, apenas o recorte de jornal. Mas, a reportagem faz imprimir o discurso desejado por Bolsonaro, estabelecendo uma relação causa e efeito entre o aumento do preço do crack e um programa social desenvolvido pelo então Prefeito de São Paulo, Fernando Haddad (PT), que ajudava financeiramente as pessoas viciadas que viviam em situação de rua.

Já na figura 36, a notícia se refere a manifestantes LGBTQIA+ que organizaram uma mobilização contra a possibilidade de Jair Bolsonaro assumir a Comissão

¹⁰⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/pb.100044022914395.-2207520000./287552144727112/?type=3> Acesso em: 03/08/2023

Permanente de Direito Humanos da Câmara dos Deputados. Na fotografia duas mulheres se beijando, na parte de baixo o ex-presidente sorrindo.

Todavia, nesse último caso, não foi postado apenas o Jornal, mas um texto com tom violento contra as manifestações. Como podemos verificar, no mesmo parágrafo são atacados os movimentos estudantis, em especial União da Juventude Socialista (UJS)¹⁰⁸, além de fazer uma simplificação retórica explicativa de quem deve ser beneficiado pelos Direitos Humanos: os humanos direitos.

Essas questões colocadas servem para ilustrar como à medida que avançávamos, novos problemas surgiam e nunca estiveram finalizados, ainda hoje não estão acabados. Mas que foi necessário fazer recortes bem definidos e ir filtrando o conhecimento produzido no sentido de garantir uma delimitação do eixo analítico.

Começamos essa coleta específica em decorrência da presença significativa de jornais nos *posts*. A partir disso, identificamos uma estratégia maior de comunicação, que vai atuando em diversas frentes para construção de narrativas e alcançar públicos bem definidos, que foram mobilizados nas redes virtuais via engajamento, e, posteriormente nas ruas, através de mobilizações. Essa foi a dinâmica de construção da metodologia, foi isto que tentamos transmitir ao longo deste capítulo.

Finalizando essa exposição, que foi uma iniciativa para tentar transmitir o processo de desenvolvimento metodológico, algo que não aconteceu de forma estanque ou compartimentada, mas em decorrência e dentro do próprio procedimento de análise, vamos adentrar na última variável que foi destacada a partir da percepção inicial de aparecimento dos seus filhos na rede e que foi decisiva para o aprofundamento da temática de gênero como uma das chaves explicativas do fenômeno Bolsonaro.

Para tanto, iniciamos quantificando a presença dos filhos envolvidos em disputas políticas nas fotografias, como forma de compreender como o ex-presidente tentava transmitir seu capital político de militar a seus sucessores. Assim, a primeira coleta envolveu singularmente as aparições de Carlos, Eduardo e Flávio¹⁰⁹. Avançamos na

¹⁰⁸ Disponível em: <https://uj.org.br/> Acesso em: 03/08/2023

¹⁰⁹ Árvore genealógica da família Bolsonaro. Disponível em: <https://arvoregenealogica.online/historia/bolsonaro/> Acesso em: 03/08/2023

contagem, esperando aparecer Jair Renan¹¹⁰, o descendente do segundo casamento, algo que não aconteceu.

Em algum momento do percurso, dentro do recorte temporal já delimitado, surge a filha Laura, fruto do casamento com Michelle, a ocasião da aparição é surpreendente, uma homenagem ao Dia Internacional das Mulheres. Uma criança na imagem em detrimento de uma mulher. Então, não há mais dúvidas, o desenho quantitativo deveria, e foi, estendido para todas e todos os membros da família. Algo estava sendo dito com o não dito. Então, chegamos ao seguinte quadro.

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Eduardo	54	6,4	6,4	6,4
	Carlos	12	1,4	1,4	7,8
	Flávio	24	2,8	2,8	10,7
	Laura	3	,4	,4	11,0
	Michele	3	,4	,4	11,4
	Pais	4	,5	,5	11,8
	Nenhum	714	84,6	84,6	96,4
	Irmãos Políticos	30	3,6	3,6	100,0
	Total	844	100,0	100,0	

Figura 14. Números extraídos das postagens pelo autor entre maio e junho de 2023

Percebam como há um predomínio dos filhos Carlos, Flávio e Eduardo. Somados, eles aparecem em 14,3% das imagens totais publicadas pelo pai entre 2013 e 2018. Quando restringimos o delineamento às postagens que têm algum familiar como protagonista, eles avançam para uma presença avassaladora de 92,3% dentro do recorte, ficando 7,7% distribuídos para Michelle, Laura e os pais de Jair Bolsonaro (o filho Renan não tem ocorrências).

Outro fato surpreendente, pelo menos para nós, é que o Deputado Federal pelo Estado de São Paulo, Eduardo Bolsonaro é o membro do clã com mais aparições, conforme pode ser verificado na tabela acima, totalizando 54 (cinquenta e quatro) figurações individuais, 6,4% em termos percentuais.

¹¹⁰ Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2021/05/10/ana-cristina-valle-bolsonaro-miss-rachadinha.htm> Acesso em: 03/08/2023

Tentamos entender o motivo e percebemos que havia um esforço maior de Jair Bolsonaro para transmissão do seu capital político, inclusive com agenda conjuntas e viagens, em decorrência dele não disputar o cargo na tradicional base eleitoral da família, o Rio de Janeiro.

Por fim, como elemento exemplificativo e explicativo da transição entre a construção metodológica e o aprofundamento analítico, é necessário visualizar a imperceptibilidade de Michelle na página do *Facebook* de Jair Bolsonaro. Em termos numéricos, são três incorrências dentre as 844 (oitocentos e quarenta e quatro) publicações, ou seja, 0,4% no enquadramento proporcional.

Mais do que cálculos, um olhar atento conseguiria detectar que essa técnica de ocultação da esposa do ex-presidente não representava apenas uma simples ausência, era uma ação performática que modulava um jeito de ser homem. Ou seja, a cônjuge ainda foi vista, a mulher não.

A partir disso, fomos percebendo que essa invisibilidade do universo feminino não estava restrita à figura da ex-primeira-dama, era algo generalizado no núcleo digital em foco, o que terminou por apontar um caminho de abordagem. Este foi um dos pontos específicos que extraímos das impressões iniciais, passamos por números e chegamos até um exame detalhado, que acontecerá no próximo capítulo.

Isto aconteceu pois percebemos que as interdições e agressões, oriundas de um novo protagonista da direita nacional, não aconteciam apenas contra aqueles ou aquelas que não se enquadravam no padrão heteronormativo, foi além. Avançava, por diversos meios, inclusive violentos, sobre qualquer tipo de performance que fosse enquadrada enquanto ameaça a uma hegemonia de uma masculinidade heteronormativa, refletindo até o patamar de ódio às mulheres: a misoginia.

A energia destilada pela violência era transformada em instrumento mobilizatório do campo político, personificado na figura de um ex-capitão do Exército. As suas performances, exibidas e conectadas, foram moldando um formato de ser homem (basta observar como ele influenciou a pose para fotos de homens nos últimos anos) no Brasil, e, com isso, aglutinando forças para uma vitória eleitoral.

Diante de todas essas observações, partimos para o passo seguinte: uma investigação aprofundada tomando como base recortes desenvolvidos ao longo da coleta, armazenamento e construção metodológica, interconexões que já vinham sendo

construídas com abordagens analíticas ensaísticas como esta, este é o tema do nosso próximo capítulo.

3- DEUS, PÁTRIA, FAMÍLIA E LIBERDADE: O UNIVERSO DO CAPITÃO

Afunilar até uma análise quantitativa da página do *Facebook* de Jair Messias Bolsonaro (PL) foi nossa decisão na trajetória atual enquanto pesquisador. Todavia, não significou o fim, mas outro começo. Diversas perspectivas de observações se abriram para além dos números.

Ao ter contato constante com as 844 (oitocentos e quarenta e quatro) postagens coletadas, na tentativa de encontrar padrões, buscando elementos que fossem transformados em dados, em estatísticas e fazendo o percurso de observação individual direcionado aos detalhes de cada postagem, terminamos por fazer uma abordagem qualitativa do universo virtual delimitado, algo que acabou nos surpreendendo e que não estava planejado.

Diante desse quadro, é necessário fazer observações gerais tomando o hoje enquanto ponto de partida, levando em consideração os números e os elementos constitutivos da página do ex-presidente, que atualmente conta com 15 (quinze) milhões de seguidores e ainda funciona com um dos seus principais meios de comunicação da direita no Brasil.

Tentaremos estabelecer um retrato inicial que possa nos ajudar na dimensão do todo e nos detalhes vindouros. Algo que funcione de maneira introdutória aos eixos analíticos escolhidos como forma de compreensão sobre a ascensão eleitoral do um ex-Capitão do Exército brasileiro.



Figura 15. Print da página direcionada para apresentar a lista de seguidores¹¹¹

A observação inicial seria a restrição à lista individualizada de seguidores da página. Pois, só conseguimos acessar o quadro geral, sem maiores detalhes. Isto reforça o debate sobre transparência no meio digital, que deve atingir de forma especial ocupantes de cargos públicos eletivos, algo já trabalhado aqui, mas que ganha recorrência no texto pela visibilidade da pauta no Brasil atual.

Essa agenda ganhou evidência e foi assunto nas redes e nas ruas, mais uma vez, em decorrência do pedido da Procuradoria-Geral da República (PGR) ao Supremo Tribunal Federal (STF) para que as plataformas (*Instagram, LinkedIn, TikTok, Facebook, Twitter e YouTube*) enviassem uma lista completa com nomes e dados de identificação dos seguidores do ex-presidente.

Não só, foi solicitado às empresas “a integralidade das postagens” de Bolsonaro sobre “eleições, urnas eletrônicas, Tribunal Superior Eleitoral, Forças Armadas e fotos e/ou vídeos com essas temáticas”. “A solicitação é assinada pelo Subprocurador-geral da República Carlos Frederico Santos. Foi feita no inquérito que apura os suspeitos de

¹¹¹ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/followers> Acesso em: 20/07/2023

incitarem os atos de 8 de janeiro¹¹², em Brasília. O relator da investigação é o Ministro Alexandre de Moraes¹¹³.

Mais uma vez encontramos o debate sobre restrição de acesso e controle de conteúdo no âmbito virtual. Aqui, assistimos uma zona de conflito entre a soberania estatal (via Ministério Público e Judiciário) e as empresas privadas multinacionais que controlam a informação no mundo atual, dentro de um contexto neoliberal já trabalhado.

Ainda dentro dessa interpelação, é interessante observamos como é marcante, no texto da fotografia de capa da página, a presença do vocábulo liberdade. Mas, qual o significado deste termo para Jair Messias Bolsonaro dentro de contexto atual? Como ele a usa como instrumento de mobilização?

Assim, ao fazer essa abordagem colocada acima demonstrando a restrição ao detalhamento de seguidores como premissa para uma moldura inicial, outra questão acabou sobressaindo, o retrato de capa e seus elementos textuais. Quatro palavras sintetizam e apresentam indícios para uma caminhada analítica.

No fundo a bandeira do Brasil, além da imagem do próprio Bolsonaro. Na frase estão elementos neoconservadores que se desmembram em questões religiosas e nacionalistas. Além disso, valores neoliberais como a centralidade da família (dentro de um padrão heteronormativo) e de uma suposta liberdade como valor absoluto e universal.

A primeira palavra que visualizamos, ocupando o destaque principal do canal, traz referência à questão religiosa, o termo Deus antecede aos demais. Partindo daqui, sem antes ter feito o trajeto já observado, poderíamos nos deixar levar para a centralidade da religiosidade no itinerário político do ex-presidente. Mas, é importante destacar que, na nossa leitura, como poderemos ver adiante, funciona como algo instrumental para outros discursos e práticas.

A força dessa narrativa exposta vem do contexto em que vivemos. Para Safatle (2021), o neoliberalismo pressupõe uma psicologia implícita, herdada do liberalismo, na qual os valores simbólicos e morais trafegam entre uma determinada gramática

¹¹² Disponível em: <https://exame.com/brasil/atos-terroristas-os-11-pontos-para-entender-tudo-desde-o-8-de-janeiro/> Acesso em: 20/07/2023

¹¹³ Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/politica/pgr-quer-lista-com-nomes-de-seguidores-de-bolsonaro-nas-redes-sociais/> Acesso em: 20/07/2023

econômica e os modos de subjetivação que lhe são correlatos, inclusive dentro do campo religioso.

Encontramos, também, nesse contexto, um processo de resgate dos valores conservadores pré-liberais e liberais, em imagens de formas avançadas de subjetivações neoliberais, formatando um terreno fértil para o campo religioso, e, de forma especial, o neopentecostalismo.

De acordo com Mariano (1999), novas interpretações à Bíblia e relações com o sagrado foram lançadas, dando origem ao neopentecostalismo. No Brasil, este último está representado, sobretudo, pelas igrejas Comunidade Evangélica Sara Nossa Terra (1976), Igreja Universal do Reino de Deus (1977), Igreja Internacional da Graça de Deus (1980) e Igreja Renascer em Cristo (1986). [...] O impacto desta corrente no meio religioso e social é notável, arrebanhando um significativo número de fiéis². Dentre as principais modificações que ela introduz no cristianismo, como afirma Mariano (1999), destacam-se a Teologia da Prosperidade (segundo a qual o fiel tem direito a gozar de uma vida abençoada, em todos os sentidos), a Teologia do Domínio (a qual pensa o Diabo como origem de todos os males, necessitando ser exterminado da Terra), assim como uma maior liberação de usos e costumes (rompendo com a imagem do evangélico que nega e se afasta das coisas mundanas), propondo-se em confronto aberto com outras religiões (sobretudo as de matriz afro) e buscando imersão na política e na mídia (principalmente televisiva) (NETO & JÚNIOR, 2010, p. 760-761).

É importante observar que Jair Bolsonaro já foi filiado ao PSC (Partido Social Cristão), que teve como candidato à Presidência em 2014 o Pastor Everaldo, o mesmo que batizou o ex-capitão enquanto ocorria a votação o *impeachment* de Dilma Rousseff (PT) no Senado.¹¹⁴

Durante o seu governo, Bolsonaro dialogou constantemente com a base religiosa falando o nome de Deus¹¹⁵, destacando o comunismo como inimigo, evidenciando pautas ou indicando um Ministro “terrivelmente” evangélico para o Supremo Tribunal Federal.¹¹⁶

¹¹⁴ Disponível em: <https://extra.globo.com/noticias/brasil/enquanto-votacao-do-impeachment-acontecia-bolsonaro-era-batizado-em-israel-19287802.html> Acesso em: 21/07/2023

¹¹⁵ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/07/5022694-bolsonaro-peco-a-deus-que-brasileiros-nao-experimentem-dores-do-comunismo.html> Acesso em: 21/07/2023

¹¹⁶ Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/07/10/bolsonaro-diz-que-vai-indicar-ministro-terrivelmente-evangelico-para-o-stf.ghtml> Acesso em: 21/07/2023

Isto foi explorado dentro de um contexto, e através do discurso, em que os problemas sociais são colocados enquanto consequência do campo cultural, algo que afetaria a integração das pessoas na sociedade, destruindo a família e restringindo a liberdade, sendo a religião um dos caminhos para salvação.

O crescimento quantitativo do número de evangélicos no Brasil era um sinal da perspectiva de aderência da narrativa de construção dos inimigos (a esquerda: Lula, Dilma, PT) naquele segmento social, dimensão que facilitava a exploração desse viés dentro de plataformas políticas através das redes virtuais.

É interessante notar que o evangelicalismo chega no Brasil no início dos anos 1900 e começa com trabalhos de missão sobretudo no Norte e no extremo Sul do País. Apesar da tentativa, até os anos 50 pouquíssimas igrejas são abertas; é apenas a partir dos anos 60 que um crescimento substantivo pode ser notado. O maior avanço da expansão das igrejas evangélicas no Brasil aconteceu em meados dos anos 90 até 2016/2017. “A gente passou de cerca de 100 igrejas nos anos 60 para mais de 60 mil templos em 2015. Então a gente tem um crescimento vertiginoso nas últimas décadas”, explica o pesquisador (ARAÚJO, 2023, p. 01).

Como explicação para o crescimento protestante em nosso país, Dunker (2021) coloca como fator primordial a despolitização da ação episcopal empreendida pela Igreja Católica, que criou um vácuo hermenêutico em torno da experiência do sofrimento. O potencial de transformação contido na experiência de sofrimento social desencadeia um signo de identificação e adesão à fé.

Essa gramática não aposta mais na salvação coletiva, pelo poder transcendente de proteção gerado pela fé, mas na individualização da salvação, na qual a religiosidade é mero meio e suporte. É a chamada terceira onda neopentecostal, que começa em 1977 e se concentra no Rio de Janeiro, com a fundação da Igreja Universal do Reino de Deus por Edir Macedo. Ela se caracteriza pela teologia dispensacionista da prosperidade e pelo neopentecostalismo de resultados. Se a primeira e segunda ondas, de 1911 e 1950, tinham uma retórica da proteção de valores, compreendendo um extenso domínio dos estudos bíblicos e da hermenêutica sobre o sentido do sofrimento, a terceira onda elege pastores em função do resultado alcançado na arrecadação e nas doações e dízimos (DUNKER, 2021, p. 239).

Hoje, Deus é um dos protagonistas na tentativa de fortalecimento do capital político de Jair Messias Bolsonaro (PL), mas não conseguimos identificar esse mesmo destaque em sua trajetória até o Palácio do Planalto. Percebemos que funcionou enquanto uma retórica simplificada, atuando de forma instrumental para outras pautas, especialmente a moral sexual. Todavia, não há dúvidas que funcionou como um mecanismo de diálogo e sustentáculo do seu governo.

Chegando a outro componente da ilustração, o nacionalismo aparece no termo pátria, pintado dentro do conjunto da imagem que traz as cores dos símbolos nacionais. Mas, o elemento textual vem logo em seguida ao religioso. A combinação de ambos deu origem ao slogan da campanha de 2018: "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos".

O refúgio no passado ganha vida. Lembram a primeira imagem postada por Bolsonaro em meio as manifestações de junho/13? Sim, uma foto antiga, enquanto membro do Exército, colocando como referência uma instituição que foi responsável pela ditadura militar no Brasil no passado, destacando que, apesar de exercer um mandato político naquele contexto, as Forças Armadas é parte dele.

No terceiro plano sequencial da frase, o termo família. Não é necessário um detalhamento sobre o vocábulo para compreendermos que estamos tratando de um padrão heteronormativo e patriarcal e, somente nessas dimensões, muito bem desenhadas, essa instituição exerce seu papel de protagonista na vida pública e assim vai sendo transformada em bandeira política, literalmente.

Vale observar que identificamos ser a primeira vez que o vocábulo aparece nas imagens de capa (o acesso ao histórico é algo não restrito em suas redes)¹¹⁷ do *Facebook*. Ou seja, apesar de aparentemente ser algo que faz parte da identidade política de Jair Bolsonaro, os dados mostram que é uma gramática recente.

Não só, como podemos perceber nas postagens só os filhos envolvidos diretamente nas disputas por cargos políticos aparecem na rede. Há uma invisibilidade dos demais membros e de agendas familiares, o que coloca a expressão apenas no plano retórico.

Não há dúvidas da presença deste tipo de narrativa política no núcleo digital tomado enquanto objeto, algo que vai além do ingrediente textual do retrato principal.

¹¹⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/media/set/?set=a.522422389235187&type=3> Acesso em 20/07/2023

Mas, é algo que deve ser contextualizado como elemento de mobilização eleitoral e não como um culto a um valor enquanto crença ou parte constituinte da identidade de Bolsonaro, como o militarismo por exemplo.

A presença deste tipo de pauta nessa rede enquanto mobilização política, pode ser explicada pela própria racionalidade neoliberal, que fez do processo de desobrigação do Estado o caminho para subjetivação de uma responsabilidade de si enquanto questão central de vivência e sobrevivência.

Nessa nova seara, as unidades sociais que têm utilidade produtiva no mundo empreendedor são as famílias. A arena coletiva passa por um processo de restrição, sendo colocado no patamar de mercado e elas vão aparecendo, enquanto discurso, como o último reduto social da humanidade.

Tanto o enfraquecimento da solidariedade social, quanto a desobrigação do Estado para com os seus cidadãos, promovidos pela racionalidade neoliberal, colocam a família em destaque. Com os sujeitos sendo tomados como capitais humanos em constante competição uns com os outros, e minando-se sentimentos de pertencimento social, a família aparece como último reduto de humanidade (QUINTELA, 2020, p. 19).

Os sujeitos atuais foram convencidos, dentro do contexto de construção da razão neoliberal, que a família deveria ocupar papel central na agenda política, atuando no seu aspecto moral como caminho para pautas econômicas, com impactos sociais e culturais. É a instituição familiar que vai ser instada a garantir a sobrevivência e o desenvolvimento dos indivíduos quando o Estado deixa de garantir a proteção e os direitos sociais e passa a ‘governar para o mercado’ (FOUCAULT, 2008).

Milton Friedman¹¹⁸, um dos principais teóricos neoliberais, atribui um papel de destaque à família, sendo colocada como a unidade operacional última da sociedade (FRIEDMAN, 1984, p. 38), patamar em que deve ser analisada a liberdade.

¹¹⁸ Milton Friedman (1912-2006) foi um economista norte-americano, um dos maiores representantes do liberalismo na economia e da defesa do mercado. Suas teorias econômicas formaram um contraponto às ideias de John Maynard Keynes. Friedman foi o representante maior da escola de Chicago, que pregava o monetarismo, a crença no liberalismo econômico e a manutenção da ideia do mercado como indutor de riquezas. Suas ideias tiveram grande impacto no ocidente, inclusive sendo usadas como medidas governamentais através de políticos renomados como Margaret Thatcher e Ronald Reagan. Disponível em: https://www.ebiografia.com/milton_friedman/ Acesso em: 20/07/2023

Como liberais, consideramos a liberdade do indivíduo, ou talvez a família, como o objetivo último no julgamento das organizações sociais. A liberdade como valor nesse sentido está ligada às interrelações de pessoas: não teria nenhum sentido para um Robinson Crusó numa ilha deserta (sem o Sexta-Feira). Robinson Crusó em sua ilha está submetido a "restrições", tem "poder" limitado e tem somente um número limitado de alternativas - mas não tem problemas de liberdade no sentido relevante para a nossa discussão (FRIEDMAN, 1984, p. 20).

Como podemos perceber, dentro do contexto neoliberal, o exercício da liberdade está relacionado as instituições familiares, mas, dentro desse viés econômico, o termo é vazio de significados, sendo seus contornos construídos através dos neoconservadores, em especial os norte-americanos.

Wendy Brown (2006) coloca o neoconservadorismo como uma aliança profana que é resultado da convergência de interesses entre cristãos evangélicos, judeus, promotores da guerra fria, defensores da família tradicional (já temos um adjetiva para o substantivo família), intelectuais e liberais convertidos.

Nesse intercurso a família ganha a centralidade nas agendas morais em decorrência de um programa econômico, com impactos sociais e culturais. Qualquer tipo de flexibilização em sua configuração tradicional, ou seja, patriarcal e heteronormativa, “pode trazer mazelas irreparáveis”.

Consequentemente desaguamos no último termo que fica em destaque na página: liberdade. Um primeiro ponto é como o vocábulo se sobressai aos demais: é única palavra em amarelo e com dimensões maiores. É perceptível como os significados dos quatro termos vão se relacionando dentro de um todo, interconectados nas suas dimensões retóricas, recebendo atribuições políticas.

Para Safatle (2021), “o neoliberalismo, com suas doses maciças de intervenção estatal no campo político e social, aprece com uma engenharia social para uma noção de liberdade pouco discutida”. O vocábulo ganha um valor absoluto e universal, sem direito a qualquer tipo de questionamento.

Essa última expressão, dentro da fotografia abordada, tem como parâmetro um tipo de racionalidade específica, a ideia de que nós somos empresários de si, este deve ser o ponto de partida.

A liberdade de escolher se identifica de fato à obrigação de obedecer a uma conduta de maximização em um quadro legal, institucional, regulamentar, arquitetural, relacional, que deve precisamente ser construído para que o indivíduo escolha com toda liberdade o que ele deve obrigatoriamente escolher no seu próprio interesse (DARDOT e LAVAL, 2010, p. 300).

Dentro dessa correlação, o governo tem uma função muito clara, a garantia da liberdade. Mas, não é qualquer uma, é a que atenda e motive os indivíduos a agirem influenciados por cálculos econômicos, deixando aflorar o empreendedor adormecido no seu eu.

Ayn Rand¹¹⁹ foca justamente nisso, uma subjetividade adaptada a um padrão racional, sem perder do horizonte a liberdade, mas atribuindo um sentido negativo. Ou seja, a forte ausência de coerção de indivíduos sobre seus pares, algo que o Estado só deve intervir no sentido de garantir essa inexistência.

Ainda dentro dessa perspectiva da “escritora”, o coletivismo, independentemente do seu formato, por ter como fundamentado uma moral altruísta, terminaria por conduzir o indivíduo ao sofrimento, justamente pela renúncia do valor supremo, a liberdade.

Acabamos de nos deparar com um debate moral, algo que não encontramos no liberalismo clássico, o que mostra um movimento dialético, em que essa racionalidade se alimenta dos valores liberais, mas traz novas fontes para estabelecer uma relação com o Estado e entre os indivíduos. Assim, o neoliberalismo

não é o herdeiro natural do primeiro liberalismo [...]. Não retoma a questão dos limites do governo no ponto em que ficou. O neoliberalismo não se pergunta mais sobre que tipo de limite dar ao governo político, ao mercado, aos direitos ou ao cálculo da utilidade, mas sim sobre como fazer do mercado tanto o princípio do governo dos homens como o do governo de si. Considerando uma racionalidade governamental [...] o neoliberalismo é precisamente o desenvolvimento da lógica de mercado como lógica normativa generalizada (DARDOT e LAVAL, 2016, p. 34).

¹¹⁹ Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-41575532> Acesso em: 21/07/2023

Quatro termos: Deus, Pátria, Família e Liberdade. São estes os vocábulos protagonistas na foto de capa da página do *Facebook* de Jair Messias Bolsonaro (PL) nesse exato momento. É a primeira vez que foram colocados no espaço que ocupam seguindo essa combinação.

Partir daí foi uma forma de contextualizar, de interconectar, de ter um ponto de partida do hoje. Não só, atribuímos significados com um prisma teórico através da base já referendada e que pode ajudar a entender o Bolsonaro atual. Ou melhor, explica a narrativa que ele tenta se enquadrar para mobilizar segmentos sociais dentro de uma perspectiva política e, sobretudo, eleitoral.

Será que essas expressões tiveram a mesma importância ao longo da trajetória, na mesma rede social? Como essas categorias foram mobilizadas no passado? Essas são questões que iremos enfrentar adiante.

3.1- OS PRIMEIROS INDÍCIOS NUMÉRICOS E A CONSTRUÇÃO DE INIMIGOS

Os termos em destaque na foto de capa serviram como ponto de partida, um recorte inicial, que tem como base o hoje, um momento atual, desenhando um padrão preliminar para seguir o percurso até o passado.

Vale observar que encaramos o quadro destacado como uma referência, que possibilitou uma introdução com conexões teóricas, fazendo a correlação do todo em termos abstratos para, em seguida, possibilitar um aprofundamento com base no material empírico detalhado.

Diante disso, em um de nossos trajetos já descritos, decidimos coletar a frequência que alguns termos apareciam na rede. As ocorrências eram registradas tomando como base as repetições ou com base no enquadramento da abordagem que adotamos.

Não foi algo planejado, mas terminou por ser uma continuidade dentro da questão gramatical que tomamos como base introdutória ao capítulo, e, facilitou a compreensão das expressões que ornamentam o quadro central da página de Jair Messias Bolsonaro.

Assim conseguimos perceber como foram distribuídas as quatro grafias: Deus, Pátria, Família e Liberdade ao longo do tempo e como foram sendo atribuídos significados, de acordo com a correlação com outras palavras.

Frase/Palavra Principal		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	Ausente texto	52	6,2	6,2	6,2
	Selva/Adsumus	17	2,0	2,0	8,2
	Brasil acima de tudo	8	,9	,9	9,1
	Brasil acima de tudo, Deus acima de todos	21	2,5	2,5	11,6
	Verdade	15	1,8	1,8	13,4
	Cuba/Venezuela	19	2,3	2,3	15,6
	Socialismo/Comunismo	9	1,1	1,1	16,7
	Família	17	2,0	2,0	18,7
	Cidadão de bem	2	,2	,2	19,0
	Deus	12	1,4	1,4	20,4
	Liberdade	17	2,0	2,0	22,4
	Polícia (Civil/Militar/Federal)	26	3,1	3,1	25,5
	PT/Lula/Dilma	66	7,8	7,8	33,3
	Urna Eletrônica/Voto Impresso	17	2,0	2,0	35,3
	MST/CUT/UNE	10	1,2	1,2	36,5
	Impeachment	7	,8	,8	37,3
	Direita/Conservador	4	,5	,5	37,8
	Kit Gay/homossexuais/Pedofilia/Ideologia de Gênero	25	3,0	3,0	40,8
	Antes a cadeia cheia de vagabundos que o cemitério cheio de inocentes	2	,2	,2	41,0
	Drogas	2	,2	,2	41,2
	Meritocracia	1	,1	,1	41,4
	Corrupção/Ladrão	6	,7	,7	42,1
	Já somos muitos por um país melhor!	1	,1	,1	42,2
	Um novo caminho para o Brasil	18	2,1	2,1	44,3
	Democracia	1	,1	,1	44,4
	Texto sem frase marcante	438	51,9	51,9	96,3
	FHC	13	1,5	1,5	97,9
	Direitos Humanos	8	,9	,9	98,8
	Estatuto do desarmamento	7	,8	,8	99,6
	Lei da Palmada	1	,1	,1	99,8
	Lei Rounet	1	,1	,1	99,9
	Lava Jato	1	,1	,1	100,0
	Total	844	100,0	100,0	

Figura 16. Termos coletados pelo autor, durante o mês de junho de 2023, das postagens com imagens da página de Jair Messias Bolsonaro no Facebook.

Duas configurações estatísticas devem ser colocadas de maneira preliminar, como moldura inicial. A primeira deles representa a ausência de texto nas postagens. 52 (cinquenta e dois) “*posts*” foram para rede sem ter elementos textuais atrelados, algo que representa apenas 6,2% dentro do universo total.

A outra questão que merece uma observação são as publicações que não tinham frases ou termos que se enquadravam no nosso recorte: repetição ou enquadramento dentro das narrativas já desenhadas preliminarmente. Aqui existe um número significativo de ocorrências, sendo 438 (quatrocentos e trinta e oito) em patamares absolutos, o que representa 51,9% dentro do recorte geral.

Indo em direção aos vocábulos presentes na imagem de capa do *Facebook*, seguiremos a mesma ordem presente lá no processo de análise, sem fazer qualquer distinção hierárquica.

A palavra Deus é citada 12 (doze) vezes de forma unitária, ou seja, sem estar contextualizada em frases que também estavam sendo coletadas, isto representa 1,4% dentro da moldura geral de 844 (oitocentos e quarenta e quatro) postagens.

O vocábulo ainda aparece em outras 21 (vinte e uma) ocasiões no que viria a ser o *slogan* de campanha: “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, representando, aqui, em fatores percentuais, 2,5%. Assim, a expressão que hoje aparece em primeiro plano na página do ex-capitão foi citada apenas 3,9% dentre as oportunidades totais.

A expressão pátria não é visualizada de forma direta, com a mesma grafia ou elementos textuais, mas através de outros parâmetros, o principal deles é o nome Brasil, que tem uma ocorrência de 5,5% dentro do contexto geral, representando um total em valores absolutos de 47 (quarenta e sete) postagens.

A palavra família aparece 17 (dezesete) vezes, representando 2,0%. Como já colocado, o clã Bolsonaro aparece pouco em sua rede enquanto entidade familiar, as aparições mais recorrentes são dos três filhos mais velhos que disputam cargos eletivos: Carlos, Flávio e Eduardo Bolsonaro.

E, por fim, o item liberdade, que tem 17 (dezesete) ocorrências, representando em preceitos percentuais 2%, ou seja, o mesmo patamar alcançado pelo vocábulo família. Como é perceptível, ficam em segundo plano a questão familiar e a defesa da liberdade, que aparecem de forma equiparada em termos absolutos e percentuais.

Traduzindo de maneira sistemática, os eixos religiosos e nacionalistas se sobressaem, em especial o caráter patriótico, que não se restringe a menções, ganhando a presença por uma série de outros elementos, como o recorrente uso da bandeira, além de outras referências semióticas como o uso das Forças Armadas.

Percebam que as quatro palavras, que protagonizam hoje o *Facebook* de Jair Messias Bolsonaro (PL), não tiveram o mesmo papel ao longo de sua trajetória até a eleição presidencial de 2018, apesar de estarem presentes de alguma forma nesse itinerário.

Mas, não paramos nos quatro enunciados já abordados. Foi preciso olhar o todo para melhor compreendermos o que os números estão tentando falar e algo nos foi apresentado: as incorrências, insistente, em que Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff, ambos do PT, apareciam. Seja em texto, conforme pode ser verificado acima; seja nas fotografias.

Quando agrupamos os nomes dos ex-presidentes petistas e o da própria sigla foram 66 (sessenta e seis) menções, representando um patamar de 7,8%. No primeiro momento tivemos a impressão de que seria em decorrência da junção e então decidimos coletar todos os atores que apareciam nas imagens, como forma de verificar a real participação deles na rede e, ao mesmo tempo, ampliando o leque verificável.

\$AtoresTotais Freqüências

	Respostas	Respostas		Porcentagem de casos
		N	Porcentagem	
Soma ^a				
Lula	39	12,1%	17,6%	
Dilma	51	15,8%	23,0%	
Jean Wyllys	7	2,2%	3,2%	
Cesare Batista	3	0,9%	1,4%	
Maduro	2	0,6%	0,9%	
Chaves	6	1,9%	2,7%	
Fidel	15	4,7%	6,8%	
Evo	2	0,6%	0,9%	
Cristina	1	0,3%	0,5%	
Maria do Rosário	4	1,2%	1,8%	
Dirceu	7	2,2%	3,2%	
Jandira	8	2,5%	3,6%	
Randolfe	2	0,6%	0,9%	
Chico Alencar	2	0,6%	0,9%	
Kadafi	2	0,6%	0,9%	
Joaquim Barbosa	2	0,6%	0,9%	
Ditador Coreano	2	0,6%	0,9%	
Haddad	14	4,3%	6,3%	
Boulos	1	0,3%	0,5%	
FHC	14	4,3%	6,3%	
Stédile	3	0,9%	1,4%	
Marina	2	0,6%	0,9%	
Serra	1	0,3%	0,5%	
Jacques Wagner	2	0,6%	0,9%	
Outros atores e parlamenta anti Bozo	15	4,7%	6,8%	
Pensadores de Esquerda	4	1,2%	1,8%	
Mujica	2	0,6%	0,9%	
Jornalistas	10	3,1%	4,5%	
Morgan Freeman	2	0,6%	0,9%	
Olavo de Carvalho	9	2,8%	4,1%	
Marcos Feliciano	3	0,9%	1,4%	
Ratinho	5	1,6%	2,3%	
Constantino	2	0,6%	0,9%	
Coronel Telhado	2	0,6%	0,9%	
Danilo Gentili	1	0,3%	0,5%	
General Heleno	2	0,6%	0,9%	
Silas Malafaia	5	1,6%	2,3%	
Eduardo Cunha	4	1,2%	1,8%	
Aécio Neves	2	0,6%	0,9%	
Outros atores aliados de Bolsonaro	8	2,5%	3,6%	
Magno Malta	1	0,3%	0,5%	
Trump	4	1,2%	1,8%	
Ustra	2	0,6%	0,9%	
Macri	2	0,6%	0,9%	
Raul Gil	1	0,3%	0,5%	
Geraldo Alckmin	5	1,6%	2,3%	
Pastor Everaldo	2	0,6%	0,9%	
Temer	6	1,9%	2,7%	
Rainha/MST	1	0,3%	0,5%	
Ciro Gomes	2	0,6%	0,9%	
Ancelmo Gois	6	1,9%	2,7%	
Onyx Lorenzoni	2	0,6%	0,9%	
Mourão	1	0,3%	0,5%	
Hélio Negão	1	0,3%	0,5%	
Celso Amorim	3	0,9%	1,4%	
Felipe Moura Brasil	1	0,3%	0,5%	
Padres	2	0,6%	0,9%	
Moro	2	0,6%	0,9%	
Luciana Gimenez	2	0,6%	0,9%	
Cabrini-SBT	3	0,9%	1,4%	
Luis Carlos Prestas-SBT	1	0,3%	0,5%	
General Villa Boas	1	0,3%	0,5%	
Steven Banon	1	0,3%	0,5%	
Paulo Guedes	1	0,3%	0,5%	
Major Olímpio	1	0,3%	0,5%	
Total	322	100,0%	145,0%	

a. Grupo

Figura 17. Personagens políticos com presença nas imagens postadas por Jair Bolsonaro no Facebook, material coletado entre maio e junho de 2023.

Dentro do enredo verificado, se tivéssemos que escolher uma protagonista, não haveria dúvidas, Dilma Rousseff (PT) ocuparia o posto. Foram 51 (cinquenta e uma) aparições, algo que corresponde a 15,8% do total. Na segunda posição, como esperado, vem o atual presidente do Brasil Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com 39 (trinta e nove) recorrências, representando 12,1%.

No terceiro lugar, bem longe dos que figuram à frente, vem Fidel Castro, com 15 (quinze) aparições, representando 4,7% em valores proporcionais. Em seguida, empatados, aparecem Fernando Haddad (PT) e, para nossa surpresa, Fernando Henrique Cardoso (FHC, PSDB).

Um possível exame em termos de atores, quando delimitamos o campo da direita, é a invisibilidade de outros personagens que não estejam dentro do círculo próximo do clã Bolsonaro. Podemos observar isto com Aécio Neves (PSDB), o candidato a presidente apoiado pela família em 2014 tem presença em somente duas imagens, que é a mesma frequência do ex-juiz Sérgio Moro. Deste núcleo, o único que desponta é Olavo de Carvalho, com 9 (nove) ocorrências.

Percebe-se, de maneira muito clara, tomando como base a coleta que envolve os protagonistas envolvidos, que uma das principais formas de mobilização de Jair Messias Bolsonaro no seu *Facebook* é através da construção de inimigos. Ele se coloca, conforme podemos verificar, como o anti-PT, tentando se conectar transparecendo ser o oposto do que Lula e Dilma representam. Mas, o que os adversários simbolizam?

A presença de Fidel Castro¹²⁰ no terceiro posicionamento aponta um indício explicativo, ele encarna o símbolo do inimigo externo, representante do comunismo e do socialismo, termos que aparecem 9 (nove) vezes nos textos das postagens. Além dele, são

¹²⁰ Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/biografia/fidel-castro-ruiz.htm> Acesso em: 22/07/2023

lembrados Nicolás Maduro¹²¹, Hugo Chaves¹²², Evo Morales¹²³ e Kadafi¹²⁴ que somados aparecem 12 (doze) vezes.

O posicionamento na arena política de Bolsonaro através da construção de inimigos tem uma forte influência do neoconservadorismo norte-americano, que tem como moldura ideológica dois aspectos da política externa. Um deles, de luta contra o comunismo. O outro, de apoio à causa sionista (LACERDA, 2019).

Nos Estados Unidos, essa agenda da política externa reaganista, no contexto da Guerra Fria, tinha dois vetores principais: o primeiro, de busca de os EUA serem a potência hegemônica no âmbito internacional; o segundo, de consolidação do capitalismo como o modo de produção vigente no mundo. Hoje, décadas após a queda do Muro de Berlim, não há mais a URSS a ser combatida. Mas, no Brasil, a agenda é do combate ao socialismo do século XXI, ou a Cuba, ou ao bolivarianismo – esse último como equivalente de antipetismo (LACERDA, 2019, p. 203).

Na retórica destilada na página prevalece, de maneira muito forte, a ideia de inimigos políticos internos que estão conectados com os externos, os números deixam isto bem claro. Esta fusão é instrumentalizada na produção de medos, que são transformados em engajamento.

Essas performances e repetições produzem significados que vão além da rede. É algo que contribui para narrativas que tentam se apresentar de forma homogênea, funcionamento como instrumento de mobilização. Ao delimitar a existência de uma diferença, do nós contra eles, significados vão sendo construídos para determinados grupos, impactando no campo cultural, subjetivando indivíduos, exercendo poderes.

Para Butler (2016) questões sociais, a exemplo do gênero (voltaremos ao tema mais adiante), são naturalizadas por práticas significantes e significadas por naturalizações. Identidades seriam tenuamente fabricadas com o tempo, através de performances repetidas a cada instante. O instituto do “Cidadão de Bem” é um exemplo disto, é ele que é motivado para combater o inimigo.

¹²¹ Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historia-america/nicolas-maduro.htm> Acesso em: 22/07/2023

¹²² Disponível em: <https://mundoeducacao.uol.com.br/historia-america/hugo-chavez.htm> Acesso em: 22/07/2023

¹²³ Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoes/article/view/12906> Acesso em: 22/07/2023

¹²⁴ Disponível em: <http://m.acervo.estadao.com.br/noticias/acervo,muammar-kadafi-10-anos-da-morte-do-ditador-que-dominou-a-libia-por-42-anos,70003874440,0.htm> Acesso em: 22/07/2023

Não há dúvida que isto tem um forte viés neoconservador, mas o foco principal de Bolsonaro na perspectiva eleitoral é a criminalização de seus opositores e tudo o que eles representam. Mas, isto vem conectado com um movimento internacional, a defesa de Israel é um exemplo disto. Apesar de não ter papel decisivo da democracia brasileira, o sionismo ainda aparece enquanto postagem do ex-capitão.

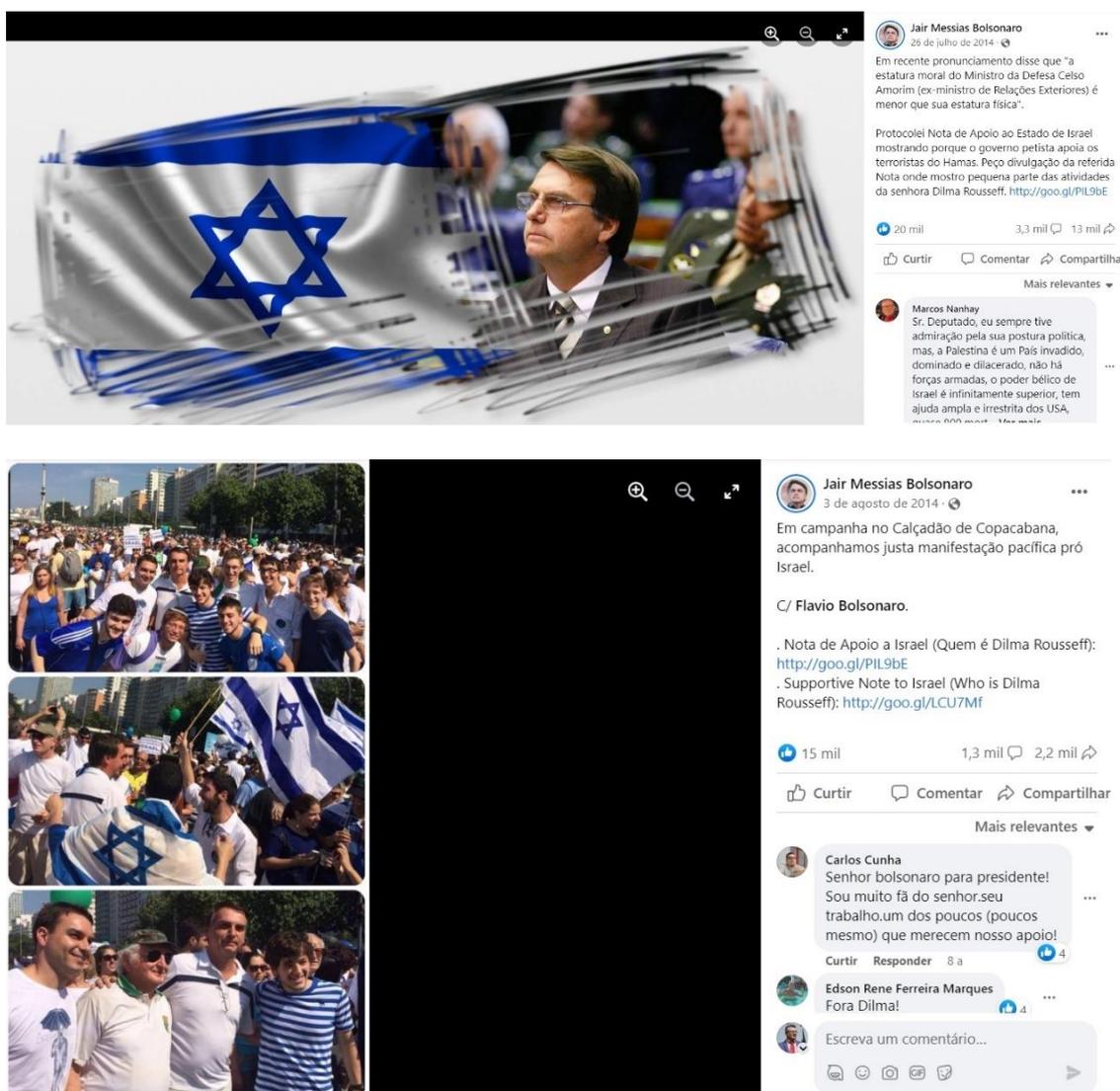


Figura 18. Imagens 134¹²⁵ e 137¹²⁶ respectivamente dentro da sequência geral. Na postagem a defesa do Estado de Israel. Material coletado pelo autor entre maio e junho de 2023.

¹²⁵ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/pb.100044022914395.-2207520000./345695702246089/?type=3> Acesso em: 22/07/2023

¹²⁶ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/pb.100044022914395.-2207520000./348580761957583/?type=3> Acesso em: 22/07/2023

Ao todo, são três imagens com referências à Israel. Além dessas, a outra aparece no ano de 2018, com uma homenagem realizada na Câmara dos Deputados aos 70 (setenta) anos da existência do Estado.¹²⁷ Essas duas postagens acima antecedem o período eleitoral de 2014. Isto demonstra que a identidade neoconservadora não foi algo que teve como foco, apenas, a eleição presidencial. Era e é de fato um elemento de conexão a diversos segmentos sociais.

Todavia, dentro da dicotomia de política externa traçada por Marina Basso Lacerda (2019), mesmo nas poucas referências à pauta sionista na página do ex-capitão, quando ele faz menção ocorre dentro de uma performance agressiva. Percebam que nos dois quadros o nome de Dilma Rousseff (PT) é mencionado, sendo colocada de maneira textual como inimiga.

Vale observar que tentamos acessar os *links*¹²⁸ presentes nas postagens, mas sem sucesso. Ambos levam ao perfil no *Instagram* do filho do ex-presidente Carlos Bolsonaro, sem um direcionamento a qualquer tipo de postagem específica, limitando nosso processo de análise.

De maneira geral, percebe-se que os termos tomados como referência lá atrás: Deus, Pátria, Família e Liberdade, não têm proeminência dentro da trajetória da página, apesar de estarem lá, de alguma forma, ocupando papéis secundários dentro de outras narrativas.

Nessas observações iniciais, o que podemos concluir é que este e outros elementos foram mobilizados para, entre outras coisas, a construção e visibilidade de inimigos dentro do campo político, facilitando a mobilização pelo ódio, algo que também acontece com os temas sexuais.

¹²⁷ Disponível em: <https://www.facebook.com/jairmessias.bolsonaro/photos/pb.100044022914395.-2207520000./1069478249867827/?type=3> Acesso em: 22/07/2023

¹²⁸ . Texto da imagem 134: Em recente pronunciamento disse que "a estatura moral do Ministro da Defesa Celso Amorim (ex-ministro de Relações Exteriores) é menor que sua estatura física".
 Protocolei Nota de Apoio ao Estado de Israel mostrando porque o governo petista apoia os terroristas do Hamas. Peço divulgação da referida Nota onde mostro pequena parte das atividades da senhora Dilma Rousseff. <http://goo.gl/PIL9bE>

Texto da imagem 136: Em campanha no Calçadão de Copacabana, acompanhamos justa manifestação pacífica pró Israel.

C/ Flavio Bolsonaro.

Nota de Apoio a Israel (Quem é Dilma Rousseff): <http://goo.gl/PIL9bE>

Supportive Note to Israel (Who is Dilma Rousseff): <http://goo.gl/LCU7Mf>

Acesso em 22/07/2023

3.2- A SEXUALIDADE COMO INSTRUMENTO DO ÓDIO

Se tivéssemos que escolher um cartão de visita para página de Jair Messias Bolsonaro no *Facebook*, um tema que ganha várias nuances e significados ao longo da trajetória, essa síntese seria através da exposição da sexualidade como forma de provocar o debate político. É a porta de entrada para outras temáticas.

O primeiro dele é a defesa da família. Ou seja, os dados foram mostrando qual o tipo de família Jair Bolsonaro fazia referência. Os adjetivos que estavam relacionados aos termos por múltiplos significados simbólicos e textuais. Ele falava a partir de um padrão, tomando como base um modelo, algo que envolvia a heteronormativa como principal eixo. Se família era uns dos substantivos protagonistas, a expressão só caberia no seu modelo hétero.

A campanha presidencial de 2018 foi um reflexo disto, algo diferente na história recente do Brasil. A sexualidade e seus medos alimentaram uma pauta conservadora. As igrejas, em sua maioria pentecostais, formavam comitês de campanha. Uma forma de olhar o mundo que sai do discurso religioso e protagoniza os embates eleitorais na TV, redes e mesas de jantar dos brasileiros.

O neoconservador foca nas questões sexuais e reprodutivas, funcionando como cerne da aliança entre diversos atores sociais, ganhando destaque a defesa da família (lembra do peso que os construtores neoliberais atribuem à família?) e o anticomunismo. A formação de inimigos externos (comunistas) e internos (negros, gays, pobres, imigrantes), diante da fragmentação, fomentam o punitivismo. “O inimigo torna-se a retórica que justifica todas as violências e o medo torna-se argumento central da política” (SOLANO, 2018, p. 09).

No universo bolsonarista e neoconservador, Fidel Castro e seus amigos (Hugo Chaves, Nicolás Maduro...) são as referências de inimigos externos. No plano local, a figura do gay ganha protagonismo. Ambos os vetores convergem para personagens da esquerda.

A sexualidade vai ser tornando um conflito de performances, em que padrões heteronormativos são naturalizados através de um discurso religioso, um caminho seguro diante da insegurança que o futuro representa. O passado funciona como refúgio ideal para problemas do presente.

Essa conjunção de elementos foi algo bem explorado enquanto narrativa do bolsonarismo. A quebra dos padrões sexuais heteronormativos apareceram com certa recorrência nas redes virtuais. Inicialmente, o medo foi provocado, uma insegurança despertada. Em seguida, a solução, uma zona segura, que passava por questões religiosas, mas principalmente, militares. Isto pode ser sintetizado na seguinte postagem.



Figura 19. Imagem 390, entre as com maior engajamento (204.000) da página de Jair Bolsonaro no *Facebook*. Material coletado pelo entre maio e junho de 2023.

Como podemos verificar, no texto atrelado a imagem alguns termos são escritos em CAIXA ALTA, o com maior repetição é o CANALHADA, o que demonstra o tom agressivo para transmitir o discurso. Outra questão, dessa vez traduzida na imagem, é o uso recorrente de crianças para introduzir o debate da sexualidade. Além disso, a educação é desenhada como algo em disputa, um elemento da guerra cultural neoconservadora.

Nesse sentido, Marina Basso Lacerda (2019) traz algumas diretrizes, “princípios” da direita americana durante o governo Reagan, que ajudam a entender o enquadramento colocado acima na imagem: educação e sexualidade.

Várias medidas eram propostas pelos grupos pró-família em relação ao tema: (1) restauração da oração voluntária nas escolas públicas; (2) ensino do criacionismo nas escolas; (3) a oposição a qualquer interferência do governo federal sobre as escolas privadas e religiosas, inclusive sobre a segregação racial; (4) incentivos fiscais para matrícula de crianças em idade escolar em estabelecimentos privados e religiosos; (5) oposição a sindicalização dos professores da rede pública; (6) eliminação de todos os programas ou livros relacionados com a educação sexual, a homossexualidade, ou uma visão crítica dos papéis sexuais tradicionais; (7) e demissão de professores homossexuais de emprego em escola pública (LACERDA, 2019, p. 41-42).

Ao mesmo tempo que o medo é provocado em tom agressivo, a solução é apresentada: o militarismo. Crianças fardadas com uniformes da Polícia Militar servem de contraponto como a uma suposta ideologia de gênero presente na doutrinação escolar, uma das causas das mazelas sociais vivenciadas no Brasil atual, lembrando que a postagem aconteceu em fevereiro de 2016.

O que explica o uso de crianças? Um primeiro ponto é a sensibilidade emocional, algo que mexe nas estruturas cognitivas facilitando sua reprodução e compartilhamento. Como já observado, isto faz parte de uma metodologia de propagação das informações que elementos emotivos prevalecem, algo denominado de pós-verdade.

Bolsonaro capitaliza uma linguagem que encontra adesão e faz sentido para um grupo de pessoas que se sentem conectados cognitivamente, emocionalmente, performaticamente e simbolicamente. Assim, encontramos uma comunidade simbólica de oprimidos pela ditadura das minorais (LIMA; LIMA, 2020).

Mas, o uso de crianças também serve para ilustrar a narrativa que referenda, através de elementos não textuais, o adjetivo a um dos vocábulos que ganham destaque na foto principal na sua página do *Facebook*, a família. Um dos culpados pela alteração dos padrões é o próprio Estado, que tenta interferir através de suas políticas sociais.

É o Estado, com ingerência sobre as famílias, sobre as famílias, sobre as crianças, sobre as mulheres, sobre os corpos (e seus gêneros) e sobre as escolas (com seus supostos partidos), que é, em última instância, o responsável pela falsa promessa de transformação (DUNKER, 2021, 244).

Todavia, não basta essa discussão sobre sexualidade usando como instrumentos crianças, a rede de Bolsonaro conseguia ir além, falando constantemente em pedofilia e associando isto ao Partido dos Trabalhadores (PT).

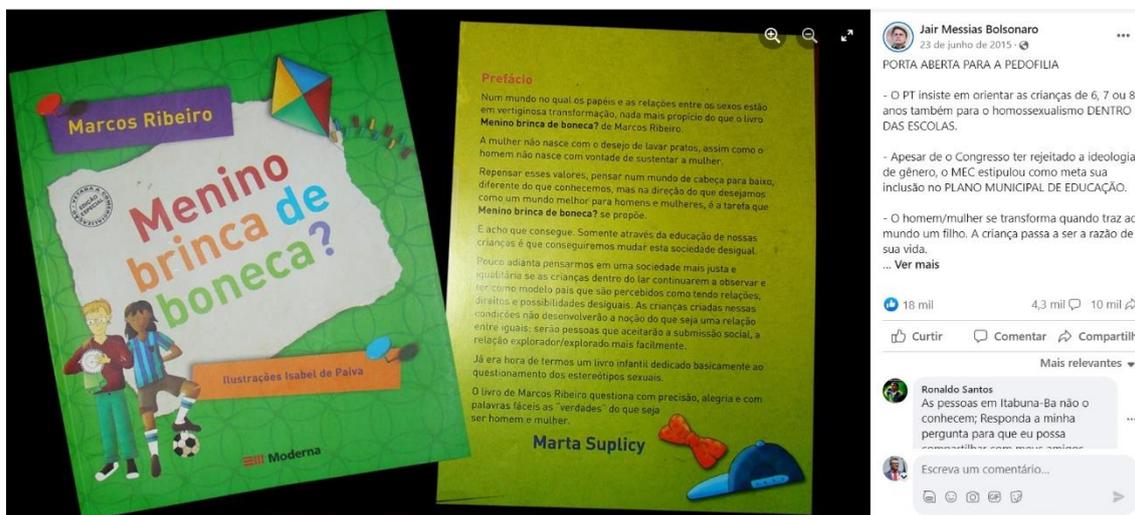


Figura 20. Imagem 274 da sequência da página de Jair Bolsonaro no Facebook. Material coletado pelo entre maio e junho de 2023.

Como pode ser verificado, trata-se de um livro do educador e sexólogo Marcos Ribeiro¹²⁹, que tem prefácio de Marta Suplicy (que já foi filiada ao PT). Em termos de engajamento temos 32.300 (trinta e dois mil e trezentos) em curtidas, compartilhamentos e comentário, ficando abaixo da média do material coletado, que é de 49.270 (quarenta e nove mil duzentos e setenta).

A única referência que conseguimos encontrar sobre o assunto nas redes para além da página de Bolsonaro foi uma matéria oriunda do “Jornal Gospel News” que colocava o livro como *Kit Gay* disfarçado e tem como data de publicação 07 de julho de 2012. Vejamos,

Pedagogo e diretor paulista denuncia a distribuição de livros que estimulam o homossexualismo em instituições públicas e privadas. Frente Parlamentar Evangélica estuda ações e pedirá explicações a ministro.

Uma espécie de “kit gay” é a mais nova ameaça à família brasileira. O pedagogo e diretor de escola em São Paulo (SP), Felipe Nery,

¹²⁹ Disponível em: <https://www.moderna.com.br/colecao/serie-infantis-marcos-ribeiro> Acesso em: 23/07/2023

denunciou nesta terça em Brasília, durante reunião da Frente Parlamentar Evangélica no Congresso Nacional, a distribuição em escolas do país de livros didáticos e paradidáticos que fazem apologia da homossexualidade, bissexualidade e transsexualidade. Os livros são recomendados pelo MEC e trazem figuras e imagens de homossexuais que confrontam o conceito tradicional da família da forma criada por Deus.

Para quem não lembra, “kit gay” foi o apelido que ganhou o material “didático” que seria distribuído pelo governo nas escolas com forte conteúdo homossexual em que crianças e adolescentes seriam mostradas “assumindo” sua homossexualidade perante colegas e professores. Após pressão de diversos segmentos religiosos à época do lançamento, a presidente Dilma determinou a suspensão da distribuição do material”.¹³⁰

Como pode ser verificado, há indícios que a polêmica envolvendo a obra entre a comunidade evangélica antecede, e muito, a postagem de Bolsonaro na sua rede. Ou seja, ele se utiliza de uma percepção que já existia em determinado segmento social como “abre alas” para provocar uma narrativa.

A partir disso, mesmo sem nenhuma referência na imagem (figura 20, sequência 274) dos elementos relacionados à pedofilia no livro, o texto atrelado à postagem começa da seguinte forma: “PORTA ABERTA PARA PODOFILIA”. Após essa expressão segue: “o PT insiste em orientar as crianças de 6, 7 ou 8 anos também para o homossexualismo DENTRO DAS ESCOLAS”.

De forma sintética, assistimos o ódio sendo fomentado em diversos níveis de cognição. Um primeiro diapasão é a associação entre homossexualidade e pedofilia, sendo colocados na mesma prateleira de problema social e penal, ou seja, ser gay é crime. Em seguida ele traz tudo isto para o campo político, colocando como principal culpado uma instituição partidária, o PT. Dentro dessa estratégia comunicativa entra o uso de crianças, funcionando como instrumento facilitador do despertar de aspectos emotivos: raiva, indignação.

Além disso, o Estado, através do Ministério da Educação (MEC), funcionaria como o principal fomentador, interferindo em algo que é privativo da família (heteronormativa). “Uma grande energia política foi investida na educação a fim de

¹³⁰ Disponível em: <http://jornalgospelnews.com.br/2012/07/07/kit-gay-disfarcado-entra-nas-escolas-com-aval-do-governo/> Acesso em: 23/07/2023

estabelecer o controle local, parental e religioso sobre a formação dos indivíduos” (PETCHESKY *apud* LACERDA, 2019, p. 40), fazendo referência às posições do Partido Republicano durante o governo de Ronald Reagan, na década de 80 do século passado nos EUA.

Na parte textual ele ainda coloca: “o homem/mulher se transforma quando traz ao mundo um filho. A criança passa a ser a razão de sua vida”, algo que reforça como as crianças são utilizadas como instrumento de comunicação e construção do ódio, sendo algo constantemente explorado como elemento de mobilização no campo político, com consequências eleitorais.

Aqui, encontramos a convergência de alguns elementos que são sustentáculos fundamentais do neoconservadorismo norte-americano e neoliberal. O primeiro deles é educação, que deve ser conduzida pelo núcleo familiar. Já aparece o outro, a não interferência estatal em aspectos que não tenham como objetivo a garantia da concorrência econômica. Além disso, a questão sexual, um dos seus motores.

Esse tipo de postagem envolvendo a sexualidade, acontece de forma recorrente. Os termos kit gay, homossexual, ideologia de gênero estão presentes em todo o percurso traçado na rede do ex-capitão. Todavia, em parte significativa dessas postagens, o vocábulo pedofilia é associado a esse núcleo temático.

Para além do recorte, vamos percebendo um padrão dentro da estratégia de comunicação, algo que, até então, passou despercebido: o uso de crianças dentro da tática comunicativa. Isto, inclusive, foi algo recorrente durante a sua corrida eleitoral para Presidência, a exemplo da cena de uma criança fazendo arminha¹³¹; mas também foi algo que fez parte do seu mandato, a exemplo do vídeo em que recepciona estudantes para gravação de um clipe para Copa do Mundo de 2022.¹³²

Ainda no mês de julho de 2015, o termo pedofilia volta a pauta, agora de maneira mais explícita e direcionada. Vejamos,

¹³¹ Disponível em: <https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-ensina-crianca-imitar-arma-com-mao-22905093> Acesso em: 24/07/2023

¹³² Bolsonaro usou imagens de crianças do DF em vídeo sem autorização, dizem pais. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2022/10/5043147-bolsonaro-usou-imagens-de-criancas-do-df-em-video-sem-autorizacao-dizem-pais.html> Disponível em: 24/07/2023

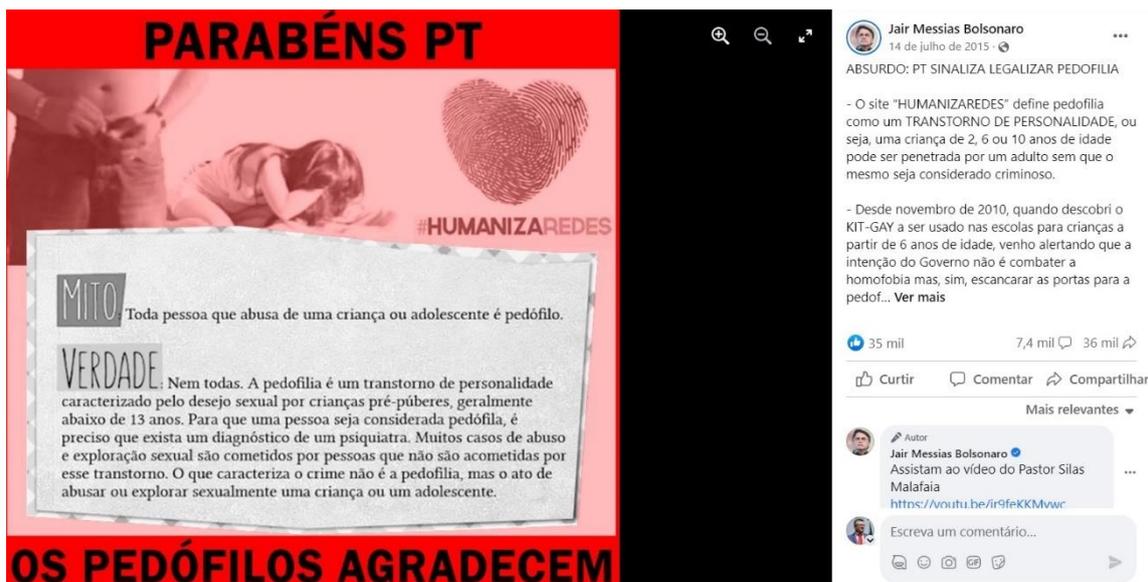


Figura 21. Imagem 284 da sequência, material coletado da página de Jair Bolsonaro no Facebook. Material coletado pelo autor entre maio e junho de 2023.

Antes de qualquer abordagem mais profunda, é necessário pontuarmos um recorte quantitativo para então navegarmos nos elementos qualitativos da postagem. Somando o engajamento, chegamos ao patamar de 78.400 (setenta e oito mil e quatrocentos) curtidas, comentário e compartilhamentos, número que fica acima da média geral levando em consideração todos os *posts* coletados, que é 49.270 (quarenta e nove mil duzentos e setenta), o que dentro do contexto da postagem é bem significativo.

A temática geral é a mesma da publicação abordada anteriormente, mais com aprimoramentos na metodologia de comunicação. Primeiro, a cena do que seriam crianças depois de uma violência sexual. Em seguida, os termos PT e pedofilia ocupam o primeiro plano. Ou seja, há um aumento do poder apelativo e emotivo para gerar interação.

A imagem traz uma montagem com um recorte de algo explicativo da #HumanizaRedes, material educativo lançado pelo MEC em parceria com Secretaria de Direitos Humanos, durante o governo Dilma Rousseff (PT), para “difusão de boas práticas de prevenção de violência de direitos humanos na *internet*”.¹³³

¹³³ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/tags/tag/humaniza-redes#:~:text=O%20pacto%2C%20batizado%20de%20%23Humaniza,on%2Dline%20livre%20de%20preconceitos>. Acesso em: 23/07/2023

O texto transformando em imagem cria o sentido de agradecimento dos pedófilos ao PT. Já a parte textual da postagem traz:

ABSURDO: PT SINALIZA LEGALIZAR PEDOFILIA

- O site HUMANIZAREDES define pedofilia como um TRANSTORNO DE PERSONALIDADE, ou seja, uma criança de 2, 6 ou 10 anos de idade pode ser penetrado por um adulto sem que o mesmo seja considerado criminoso.

Na versão original, segundo a própria página de Bolsonaro, o *site* colocou as seguintes informações:

MITO: toda pessoa que abusa de uma criança ou adolescente é pedófilo.

VERDADE: Nem todas. A pedofilia é um transtorno de personalidade caracterizado pelo desejo sexual por crianças pré-púberes, geralmente abaixo de 13 anos. Para que uma pessoa seja considerada pedófila, é preciso que exista um diagnóstico psiquiátrico. Muitos casos de abuso e exploração são cometidos por pessoas que não são acometidas por esse transtorno. O que caracteriza o crime não é a pedofilia, mas o ato de abusar ou explorar sexualmente uma criança ou adolescente.

Para além da falha de comunicação do governo Dilma Rousseff (PT), que não conseguiu colocar em linguagem adequada algo direcionado ao mundo *online*, o que podemos verificar é um exemplo típico de “*fake*” envolvendo sexualidade e crianças, algo que foi bastante usado na campanha presidencial de 2018.

Ou seja, já havia uma preparação do terreno com o uso de técnicas que seriam potencializadas durante o processo eleitoral. Tinha algo em curso, um laboratório na própria rede do ex-presidente e que até hoje está lá, presente, sem qualquer tipo de questionamento

É importante pontuar que não foi fácil fazermos uma interpretação básica do conjunto que envolve o retrato acima. A tática de mexer com o emocional terminou por nos atingir, e acreditamos vai acontecer com o leitor também, mesmo nesse momento que tentamos imprimir um olhar de pesquisador.

Assustou-nos, no primeiro momento, isto ainda permanecer nas redes sem qualquer medida judicial seja por parte do próprio *Facebook*, seja por iniciativa do Ministério Público ou do Partido dos Trabalhadores. Mas, enfim, seguimos.

O texto que acompanha a postagem, como forma de modificar o sentido da versão original do Humaniza, coloca que o governo do PT, ao enquadrar a Pedofilia como “transtorno de personalidade”, permitiu o abuso das crianças, sem qualquer tipo de penalidade aos criminosos, assim os pedófilos agradecem.

Quando vamos em direção às palavras que dão origem ao debate, percebe-se que é uma campanha para conscientizar à sociedade de que abusadores podem fazer parte do convívio das vítimas, informação que hoje é mais difundida. Mas, naquele contexto era algo novo e só aparece no final da mensagem original da campanha.

Rememorando de forma sistemática, no primeiro plano aparece os termos PT, pedófilos e agradecem, de maneira associada; em seguida, a narrativa de Bolsonaro justificando essa combinação; para, por fim, vir a informação de fato, em letras pequenas: “O que caracteriza o crime não é a pedofilia, mas o ato de abusar ou explorar sexualmente uma criança ou adolescente”, algo que é invertido para uma dimensão maior da postagem para: “uma criança de 2, 6 ou 10 anos de idade pode ser penetrado por um adulto sem que o mesmo seja considerado criminoso”.

O medo funciona como um potencializador do discurso de ódio aos homossexuais e ao PT. Um dos principais personagens para isso são as crianças. A técnica vai sendo aprimorada ao longo do tempo. Militares e religiosos são os vetores iniciais para uma expansão posterior, algo que toma proporções imensuráveis se alaistrados por setores sociais diversificados durante a eleição de 2018.

Primeiro foi preciso convencer frações sociais específicas da narrativa, religiosos e militares. Em seguida esses nichos foram transformados em motores de propagação com amarras bem sólidas. Se este tipo de comunicação, com estes elementos, tivesse sido trabalhado apenas durante a corrida eleitoral de 2018, atingiria o efeito desejado? Dificilmente.

A rede, seja real ou virtual, deve ser construída ao longo do tempo como núcleo de propulsão, que deixa um rastro de convencimento na mesma proporção que atrai outros pontos de propagação. Pessoas com interesse e sensibilidade na temática começam seguir a página, compartilhar, enviar para outras e outros que pensam de forma parecida e assim vai chegando cada vez mais longe.

Nesse sentido, o medo deve passar pelo nosso crivo enquanto um objeto de estudo sociológico, pois, como podemos perceber até então, é fabricado, inculcado,

construído e instalado no sujeito, algo que foi incrementado pelo uso das Redes Sociais Virtuais.

O medo é mais assustador quando difuso, disperso, indistinto, desvinculado, desancorado, flutuante, sem endereço nem motivos claros; quando nos assombra sem que haja uma explicação visível, quando a ameaça que devemos temer pode ser vislumbrada em toda parte, mas em lugar algum se pode vê-la. “Medo” é o nome que damos a nossa incerteza: nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito – do que pode e do que não pode – para fazê-la parar ou enfrentá-la, se cessá-la estiver além do nosso alcance (BAUMAN, 2008, p. 8).

O medo deve ser encarado como um elemento inicial, algo que não seria suficiente para justificar determinadas ações ostensivas e violentas contra os inimigos. É preciso ir além, como esse sentimento acometido de maneira individual por fatores sociais foi transformado em pânico?

Os retratos retirados da página de Jair Bolsonaro no *Facebook* dimensionam um itinerário que aponta as raízes da transformação do medo em pânico, algo que pode ser adjetivado como moral. Podemos citar de forma sintético e exemplificativa, a questão da homossexualidade associada à pedofilia e ao abuso de crianças, como um dos principais caminhos para consolidação e difusão desse tipo de sentimento.

Junto a isso, e ao mesmo tempo sendo parte, uma estratégia de comunicação bem arquitetada, tomando como centro gravitacional as redes sociais virtuais, mas com segmentações claras para construção em bases sociais profundas.

Sempre é colocado a exploração desse caminho, do pânico moral, pelo bolsonarismo, mas traduzir isto em pontos específicos, em exemplos claros, tanto em termo de conteúdo, quanto as suas ferramentas instrumentais, foi o que tentamos fazer.

Para uma melhor compreensão desses conceitos diante do fenômeno, precisamos visitar o campo da criminologia crítica com o sociólogo Stanley Cohen (1972), que analisa o pânico moral a partir dos meios de comunicação de massa na década de 60 do século passado.

As sociedades parecem estar sujeitas, de vez em quando, a períodos de pânico moral. Uma condição, episódio, pessoa ou grupo de pessoas passa a ser definida como ameaça a valores e interesses sociais; sua natureza é apresentada de forma estilizada e estereotipada pela mídia de

massa; as barricadas morais são tripuladas por editores, bispos, políticos e outras pessoas com pensamento direitista; especialistas reconhecidos socialmente dão seus diagnósticos e soluções; formas de lidar com a situação evoluem ou (mais recorrentemente) são usadas com um propósito; as condições então desaparecem, submergem ou deterioram e tornam-se mais visíveis. Algumas vezes o objeto de pânico é uma novidade e outras vezes é algo que existe há bastante tempo, mas torna-se o foco repentinamente. Algumas vezes o pânico passa e é esquecido, exceto no folclore ou memória coletiva; outras vezes há repercussões mais sérias e mais duradouras e podem produzir mudanças legais, na política social ou mesmo na forma como a sociedade concebe a si mesma (COHEN, 1972, p. 1).

Lembrando que o conceito tomou como base uma estrutura diversa da abordada no presente texto, mas que podemos pegar como parâmetro levando em consideração a hipótese que as redes virtuais potencializarem determinados fenômenos sociais, ocorrendo de modo especial através da comunicação.

Usamos como referência no nosso mestrado um quadro de alteração e instabilidade que tomou conta da Europa com a chegada da televisão e como, diante disso, a política passou “a oferecer as respostas de ontem para os problemas de hoje” (MARSHALL, 1969, p. 50). Com a *internet* isto tomou uma proporção ainda maior, com “*feedbacks*” cada vez mais desatualizados e a frequência constante de episódios efêmeros.

Existe um contexto de visibilidade da instabilidade no Brasil desde as manifestações de junho/13, e isto passa pela popularização de novas formas de comunicação, fazendo surgir, dentro de um protagonismo e visibilidade, novos atores políticos e pautas que antes percorriam o tecido social com outros tipos de rastros.

Não é demais relembrar que o momento em que Jair Messias Bolsonaro ingressa no *Facebook* coincide, justamente, com o contexto narrado acima. Ele em meio ao caos se apresenta enquanto herdeiro da ordem, um ex-capitão do Exército. Este é um outro aspecto da estratégia bolsonarista: dar visibilidade a supostos problemas enquanto elementos constituintes dos inimigos, para, em seguida, apontar os caminhos da solução.

A questão religiosa é apresentada como remédio às questões sexuais que não se enquadram dentro do padrão heteronormativo. É bom destacar que consideramos as

crianças como um instrumento dentro da tática já observada, mas as pautas envolvem primordialmente o controle da sexualidade.

Nesse sentido, merece nosso registro alguns recortes que são apontados como caminho seguro pelo ex-presidente em suas redes, algo que ganha força em meio ao caos, dessa vez nos padrões morais e sexuais.



Figura 22. Imagem 262 da sequência, material coletado da página de Jair Bolsonaro no Facebook. Material coletado pelo autor entre maio e junho de 2023.

O primeiro ponto que sempre destacamos é o engajamento, que na figura 22 (imagem 262 da sequência) totaliza 24.100 (vinte e quatro mil e cem), a média geral é de 49.270 (quarenta e nove mil e duzentos e setenta). Além disso, como pode ser verificado, ela antecede um pouco as demais postagens apresentadas com referência à pedofilia, sendo a primeira dessa sequência (as outras foram numeradas em 274 e 284).

O retrato, conforme pode ser verificado, traz uma imagem bíblica em desenho com a seguinte expressão: “vinde a mim crianças... ...pois delas é o reino de Deus”. No texto que acompanha a moldura mais uma vez a combinação dos vocábulos PT e pedofilia, apresentados com algo relacionado às escolas.

O debate é sobre o uso da expressão “igualdade de gênero” que na narrativa bolsonarista é transformado em “ideologia de gênero”.

A meu ver, a expressão “ideologia de gênero” merece ser entendida a partir do deslocamento do próprio significado de gênero. Trata-se de

um mecanismo simples, embora bastante engenhoso, que consiste em reduzir a categoria (gênero) a uma ideologia, parcializando sua legitimidade e neutralizando seus efeitos. É característico desse tipo de disputa a multiplicação de políticos e candidatos que adotam a “ideologia de gênero”, como um mal a ser combatido (BULGARELLI apud SOLANO, 2018, p. 102).

O bolsonarismo consegue ir além, não só simplifica enquanto retórica, mas cria estratégias para despertar o ódio ao equiparar as discussões sobre gênero à pedofilia, fazendo uma relação direta com a homossexualidade. Mas, aqui, não só a “doença” é diagnosticada, como a cura já aparece em primeiro plano, a religiosidade.

Essa estratégia retórica tem sua origem no campo religioso, particularmente na Igreja Católica, mas ganha corpo comunicativo através dos evangélicos, especialmente os pentecostais e neopentecostais (LACERDA, 2019).

A invocação ‘teoria de gênero’ resulta da estratégia discursiva desenvolvida a partir de 1990 por católicos. Seu embrião está em diversos textos do Papa João Paulo II – *Familiaris Consortio* (Paulo II, 1981), *Mulieris Dignitatem* (Paulo II, 1988) e *Cartas às mulheres* (Paulo II, 1995) e culminou com a publicação do *Lexicon*. Esse livro reúne textos escritos pelo Conselho Pontifício para a Família, com a intenção de deslegitimar o que é produzido no campo dos estudos de gênero. Foi publicado na Itália em 2003, na França em 2005 e, desde então, traduzido em oito idiomas. É um dicionário sobre gênero, sexualidade e bioética, proveniente de mais de setenta autores, muitos deles conselheiros do Vaticano (LACERDA, 2019, p. 76).

Coloquei, lá no início desse texto (o que em termos temporais de transcurso da escrita representa pouco mais de duas semanas), que a questão religiosa fez parte do trajeto (no Seminário de Tese), mas não era algo protagonista e, portanto, não deveria aparecer novamente ao longo da escrita. Isto foi textualizado, lá atrás, depois de vários contatos com o material empírico.

Em meio a essa abordagem, sem nenhum planejamento, o caminho me devolve ao campo religioso como chave explicativa. Mesmo com a intensidade de escrever algo tão complexo no curto espaço de tempo, mais um detalhe foi apresentado.

Presenciamos, assim, como determinados segmentos sociais foram mobilizados em momento anterior à disputa geral da sociedade, que foi a campanha presidencial de

2018, isto aconteceu no contexto de adaptação do secular ao religioso (ALENCAR, 2018), algo que vai ficando cada vez mais visível, como poderemos ver adiante.



Figura 23. Imagem 273 da sequência, material coletado da página de Jair Bolsonaro no Facebook. Material coletado pelo autor entre maio e junho de 2023.

Mais uma vez nos deparamos com uma hipere Exposição infantil com foco na sexualidade como estratégia narrativa e de comunicação. Conforme pode ser verificado, sempre que isto acontece há um maior engajamento, o que necessariamente aumenta seu alcance.

As curtidas, comentários e compartilhamentos totalizam 102.400 (cento e dois mil e quatrocentos), algo bem acima da média geral de 49.270 (quarenta e nove mil duzentos e setenta).

O foco da postagem não é a homossexualidade como as outras, ela traz vários eixos, incluindo as discussões de gênero. O ataque principal é a interferência estatal, representado pelo PT e PSOL. Na defesa das famílias estão o Pastor Silas Malafaia¹³⁴ e Jair Bolsonaro.

¹³⁴ Perfil no Facebook disponível em: <https://www.facebook.com/SilasMalafaia> Acesso em: 24/07/2023

Além de elementos narrativos já conhecido, vem um novo que é expressado da seguinte forma: “o interesse superior da criança deve prevalecer sobre a vontade dos pais. Não foi à toa o surgimento da LEI DAS PALMADAS.¹³⁵”.

Essa questão, assim como o sionismo,¹³⁶ evidencia a influência do neoconservadorismo norte-americano sobre a trajetória de Bolsonaro. Mas, por que a posição contrária do ex-capitão do exército ao instrumento normativo citado explica essa conexão?

A defesa de agressões físicas é um dos instrumentos para o processo de educação das famílias. “Os neoconservadores defendiam que as prerrogativas parentais biológicas e ideológicas que deveriam prevalecer sobre as prerrogativas estatais. Assim, entre a direita cristã era aceito que a educação deveria incluir castigos físicos” (LACERDA, 2019, p. 41).

Para James Dobson, fundador da organização Foco em Família, uma surra dever ser suficientemente grave para fazer uma criança chorar genuinamente de dor em vez de simplesmente de raiva ou humilhação, e por isso ele liderou um movimento para autorizar os castigos corporais nas crianças (LACERDA, 2019, p. 41).

As questões sexuais têm um protagonismo na rede de Bolsonaro. Ele se utiliza da exposição de crianças para construção de medos que desencadearam um pânico moral atrelado ao Partido dos Trabalhadores. Isto não é só ponto de partida para outras pautas neoconservadoras, mas, como ficou evidente, faz parte de uma estratégia de comunicação.

Ao mesmo tempo que ele provoca uma suposta ferida, personalizada e direcionada, ele tenta apresentar eventuais remédios, zonas de segurança à instabilidade constituída na sociedade. A questão religiosa e militar eram eixos bem visíveis, não

¹³⁵ A lei da palmada, também conhecida como “lei menino Bernardo”, cuida dos direitos da criança e do adolescente, modificando o Estatuto da Criança e do Adolescente e o Código Civil, a não permitir qualquer forma de castigo físico às crianças ou adolescentes, mesmo que por motivos pedagógicos ou educativos. Disponível em: <https://jus.com.br/artigos/34701/as-consequencias-da-introducao-da-lei-da-palmada-no-eca-para-educacao-de-criancas-e-adolescentes> Acesso em: 24/07/2023

¹³⁶ O Sionismo é um movimento político que se manifestou no final do século XIX, através da comunidade judaica europeia, que defendia a “restauração” de um Estado judeu independente. Moses Hess (1812-1875), o primeiro teórico do Sionismo, utilizou a perseguição sofrida pelos judeus para defender e justificar a necessidade da criação de uma nação judaica na Palestina. Disponível em: <https://sites.unipampa.edu.br/lehmai/o-que-e-sionismo/#:~:text=O%20Sionismo%20%C3%A9%20um%20movimento,de%20um%20Estado%20judeu%20Independente.> Acesso em: 24/07/2023

necessariamente nas redes, mas nas narrativas. Aqui focamos a religiosidade, adiante investigaremos como foi a atuação tomando como base o universo militar.

3.3- O MILITARISMO, UMA PORTA DE ENTRADA NO CAMPO POLÍTICO

Concluindo o tópico anterior, começamos a refletir como seguir adiante, o que poderíamos trazer de novo. Apesar da intensidade da escrita, produzir muito em pouco tempo tem facilitado a constante conexão ao trabalho, algo que não conseguimos em boa parte desse percurso. Por outro lado, o receio em perder a capacidade de abstração e análise foi nosso companheiro.

Nesse sentido, temos que tomar decisões de forma rápida, enquanto as palavras vão saindo, com base em percepções que em algumas vezes não estão no hoje, mas em algum contato com material que tivemos dentro dessa trajetória. O militarismo é um exemplo disto.

O percurso do ex-capitão (e ao longo do texto sempre mencionamos esse seu *status*, como forma de já ir fazendo a própria análise) vem sendo a porta de entrada das abordagens sobre a ascensão de Bolsonaro e os aprofundamentos relacionados ao bolsonarismo (TELES, 2019; VASCONCELOS, 2021).

Quando começamos a coletar as postagens, vale resgatar que voltamos para primeira publicada e caminhamos em direção ao dia da eleição, era bem visível a quantidade de registros relacionados às Forças Armadas. Os “*posts*” passavam por imagens que retomavam seu passado enquanto capitão, comparecimento em manifestações, até sua presença em celebrações e formaturas militares.

Diante disso, um desafio já era visível: como trazer este aspecto do fenômeno social em análise sem ser repetitivo? Como colocar estes mesmos elementos em outros olhares? Uma forma de explicação foi observar como Bolsonaro utilizou sua condição de Militar para fortalecer seu capital político. Isto é algo já abordado, mas tentamos uma nova moldura.

Foram inúmeras idas e vindas, passeando sobre as postagens, as coletando, armazenado, extraindo dados, atribuindo categorias, entre outras questões. Encontrar padrões fazia parte do processo, mas esbarrar em especificidades, detalhes até então invisíveis, era algo que se buscava.

A leitura acumulada de Foucault, que acreditávamos ser mais decisiva em outros momentos do trajeto de pesquisa, nos fez perceber uma via de acesso explicativa, algo que poderia fazer o encontro do roteiro teórico com o material empírico armazenado.

Uma pista para isso foi rememorar a abordagem de Foucault sobre poder, no seu aspecto disciplinar. Mas, não só. É preciso relembra, conforme já apontado, que, em termos temporais, este recorte não exclui olhares dimensionados diante de um controle que envolve outros padrões governamentais, a exemplo da biopolítica.

O que ele nomeia de sociedades disciplinares, pode nos ajudar na apreensão deste tipo de construção para formação de sujeitos, autoridades e relações de poder, tomando como base uma narrativa militar e o funcionamento da política atual levando em consideração novos instrumentos de mobilização, a exemplo das redes sociais virtuais.

A edificação deste tipo de exame da organização dos grandes meios de confinamento modernos, a exemplo das fábricas, escolas e quartéis, é algo que pode contribuir para compreensão da dinâmica que leva à Presidência da República um militar pelo caminho da democracia. O exame

Combina(m) as técnicas da hierarquia que vigia e as da sanção que normaliza. É um controle normalizante, uma vigilância que permite qualificar, classificar e punir. (...). É por isso que, em todos os dispositivos de disciplina, o exame é altamente ritualizado. Nele vê-se reunir a cerimônia do poder e a forma da experiência, a demonstração da força e o estabelecimento da verdade (FOUCAULT, 2009, p. 177).

Como verificamos, é presente na rede a ideia de problema, atrelada ao caos. Mas, ao mesmo tempo vem o discurso de ordem como resposta, a exemplo do militarismo, inclusive no processo de educação das crianças e da religião.

Diante disso, tentamos fazer um desenho quantitativo consistente, e, nesse processo de captação e sistematização, deslindar narrativas, discursos e práticas de Jair Messias Bolsonaro até então pouco trabalhadas, a exemplo da exploração de discurso e práticas constituídas através do poder disciplinar.

A percepção inicial, no processo de observação, é que a agenda política da família Bolsonaro tinha como foco principal eventos militares, que eram transformados em parte constitutiva da mobilização eleitoral. Aqui encontramos nossos primeiros enquadramentos, atividades de campanha, exercício de mandatos (é algo presente a divulgação dos filhos) e as formaturas/celebrações das Forças Armadas.

Enquanto avançamos, novas questões iam surgindo, inclusive as postagens sobre uma possível candidatura ao cargo de presidente, algo que acompanha todo o processo. Mas, não só. Também podemos destacar publicações entendidas como eventos familiares, participação em programas de TV, ataques ao PT/Lula/Dilma, ataques à imprensa e às instituições, a exemplo do STF (Supremo Tribunal Federal), além de mirar como alvo os movimentos sociais. Enfim, ao todo somamos quase 30 (trinta) categorias de registro diferentes que foram armazenadas.

Esse processo de sistematização colocado acima aconteceu antes do início da escrita, ficando uma variável guardada no SPSS para uso de acordo com a demanda. Ao tempo que era desenvolvido o aprofundamento analítico que vos apresento, na passagem do tópico anterior para este, percebemos que poderíamos agregar as categorias, de acordo com a predominância temática e a retórico. Assim, acabamos por desenhar o seguinte quadro.

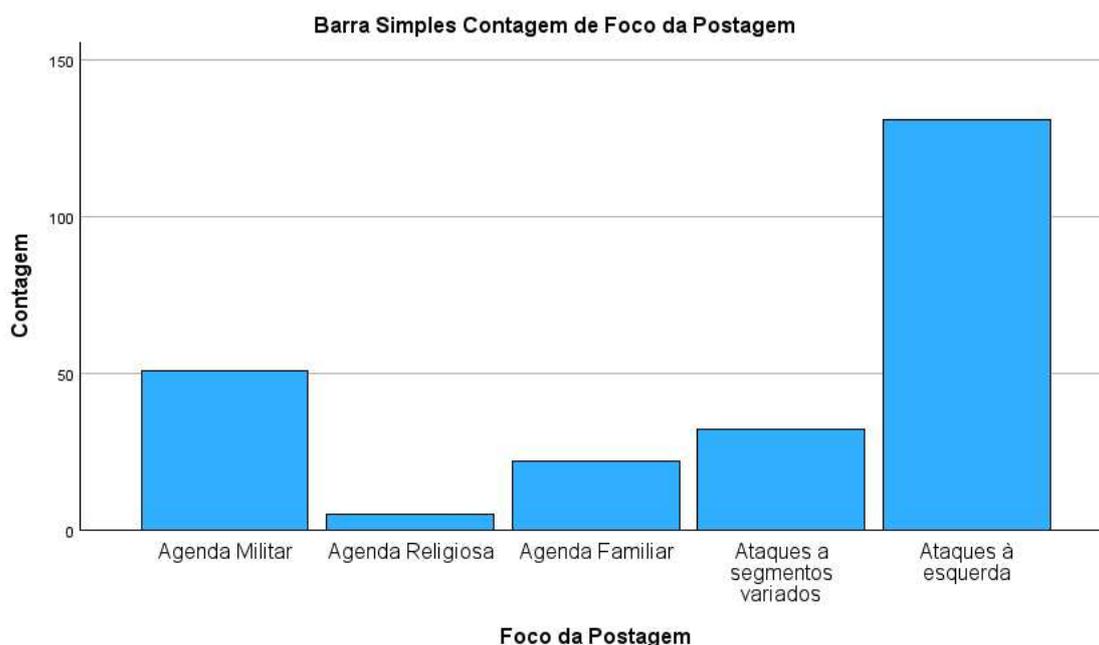


Figura 24. Material coletado e sistematizado pelo autor entre maio e junho de 2023.

Como é possível perceber, dividimos as postagens, que estavam pulverizadas, em dois grandes eixos: as que estavam relacionadas às agendas, ou seja, que faziam referência a um dos temas neoconservadores com mais aparições na rede: militar, religioso ou familiar; e, do outro lado, a divisão de acordo com os alvos que sofreu algum tipo de ataque: que de um lado tem a esquerda como principal inimiga, e do outro as instituições, jornalistas, entre outros.

Percebam que a menor recorrência dentro do quadro geral é a agenda religiosa, todavia, só conseguimos ter esse olhar diante da formatação desse desenho. Apesar do protagonismo da temática na rede como um todo, sua frequência acontece, sobretudo, em decorrência de uma retórica de ataque e não como algo que pertence a Bolsonaro.

Dentro da perspectiva de postagem na agenda religiosa (pautar positivamente, participação em eventos ou cultos, por exemplo) encontramos a Marcha para Jesus que ele publica demonstrando a companhia do seu filho Eduardo Bolsonaro, em cima de um trio.

The image shows a screenshot of a Facebook post by Jair Messias Bolsonaro. The post is dated 31 de maio de 2014 and contains the text: "Com meu garoto, Eduardo Bolsonaro, participei hoje da Marcha para Jesus, no Rio de Janeiro. A valorização da Família acima de tudo!". The post has 37 mil likes, 2,2 mil comments, and 3,7 mil shares. Below the post, there is a comment from Edgar Gillioli with a critical image that reads "BOLSA FAMÍLIA" and "O maior programa de compra de votos do planeta." The image also shows a video player with three frames of the event, and a comment from Mikael Araujo: "É a única parte em que discordo de".

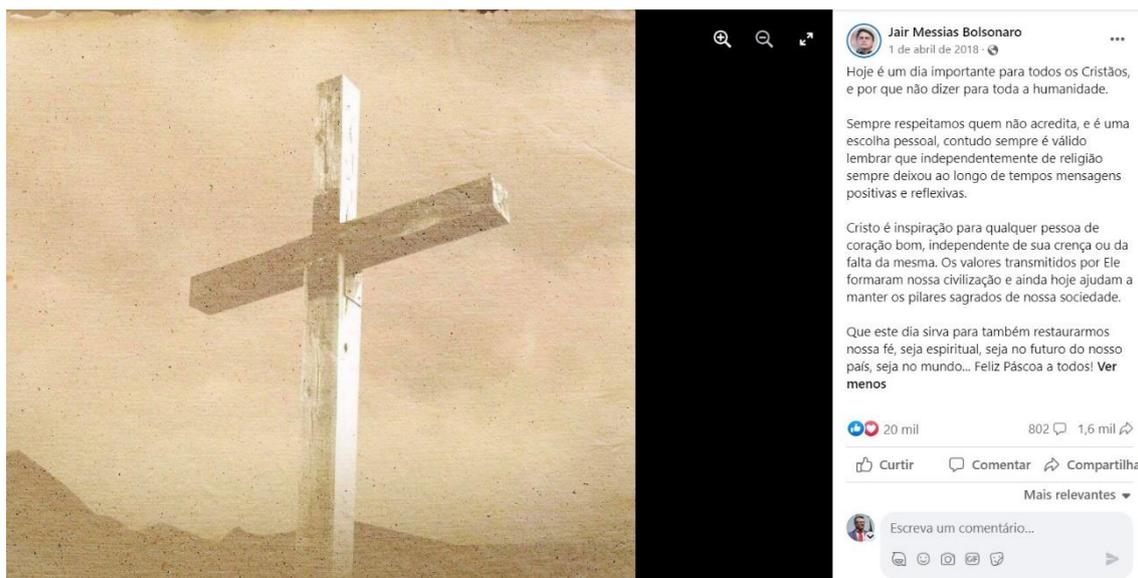


Figura 25. Imagens 110 e 664 da sequência, material coletado da página de Jair Bolsonaro no Facebook. Material coletado pelo autor entre maio e junho de 2023.

No total, são apenas cinco postagens categorizadas nessa moldura. A primeira aconteceu em maio de 2014, a última foi datada em abril de 2018. Nesse intercurso, duas estão atreladas ao Pastor Silas Malafaia: uma na Marcha para Jesus (uma edição diferente da imagem acima) e outra na Inauguração de uma Assembleia de Deus no Rio de Janeiro. Por fim, aparece outra, já próximo ao período eleitoral em que vence a disputa presidencial, em visita a um Padre.

A retórica em defesa da família apresenta-se de maneira muito próxima a agenda religiosa. Mas, ambos os temas se sobressaem como tentativa de enquadramento em narrativas políticas que estão prevalecendo no campo eleitoral, em detrimento de algo que de fato pertence à identidade de Bolsonaro, o militarismo.

No que se refere à agenda familiar, ela só é visulizada em postagens de aniversário dos filhos envolvidos na vida política e da filha Laura. Os pais de Bolsonaro aparecem como forma de agradecimento de sua formação. Michelle, aqui, é invisível.

Apesar do nome de Deus e a defesa da família serem elementos da retórica agressiva, incluindo a constituição de inimigos e o estabelecimento do lugar de fala, as temáticas não têm a mesma força enquanto parte da rotina do ex-presidente. São narrativas políticas pouco vivenciadas por ele.

Algo diferente acontece com a agenda militar. Esse aspecto neoconservador faz parte da vida do ex-capitão, não é apenas um elemento de narração. Vou além, foi a porta de entrada do bolsonarismo na política. Ou seja, de maneira geral, essas questões só ficam atrás dos ataques à esquerda (figura). É algo que ele se apropria e tem domínio. É seu nicho enquanto Deputado, sendo um dos seus motores eleitorais e ponto de partida para outras questões.

O militarismo anticomunista faz parte da agenda neoconservadora como elemento de projeção de poder dos Estados Unidos e de disseminação do capitalismo pelo mundo. Destacou-se, nessa agenda, o papel da direita cristã na América Latina. Sob o comando de Reagan, organizações religiosas e missionários atuaram de modo a combater os influxos progressistas; atuaram em nome da expansão da palavra de Deus, do combate ao comunismo, em uma guerra espiritual do bem contra o mal (LACERDA, 2019, p. 58).

Aqui, o militarismo foi o principal elemento de projeção do bolsonarismo, através de uma agenda, mas com conteúdo e pautas que iam além disso. Começamos a perceber esse enredo observando as postagens no momento da coleta. Ia ficando evidente como o ex-capitão do Exército percorria o Estado do Rio de Janeiro participando de formaturas de novos oficiais, festas de confraternizações e celebrações. Inicialmente, não existiam reuniões com segmentos sociais diversos ou qualquer outro tipo de acontecimento. Basicamente, era isto.



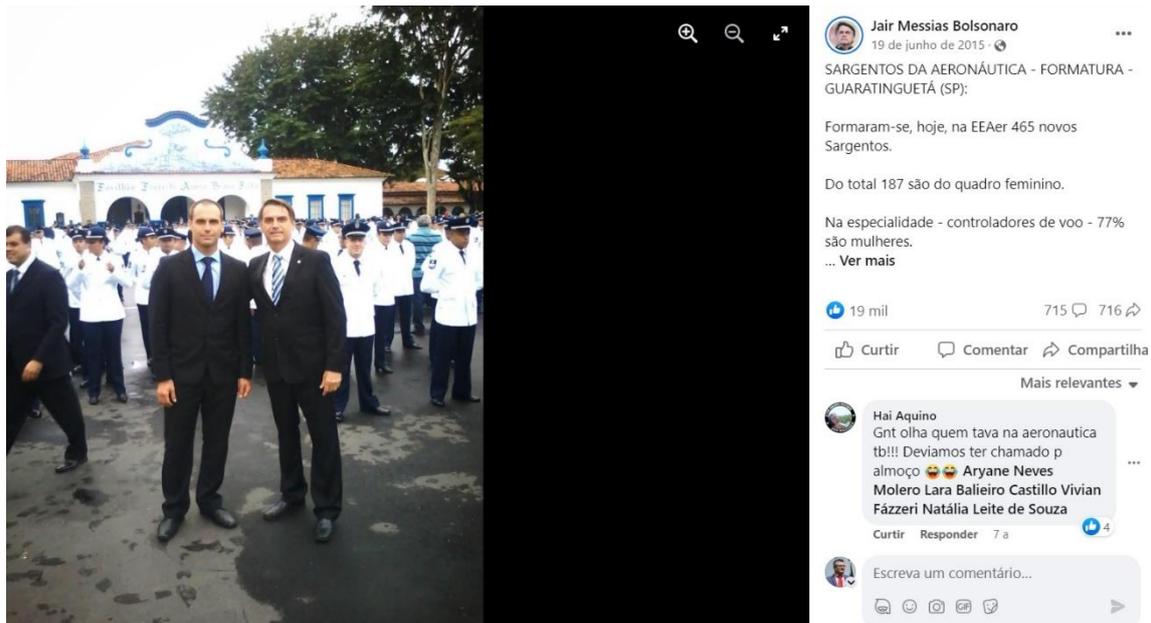


Figura 26. Imagens 151 e 268 da sequência, material coletado da página de Jair Bolsonaro no Facebook. Material coletado pelo autor entre maio e junho de 2023.

As duas imagens mostram a participação do clã Bolsonaro em formaturas militares. A primeira no Rio de Janeiro, a segunda no interior de São Paulo. Só o ex-presidente é militar de carreira, todavia, os filhos que ocupam cargos eletivos participam das dinâmicas de acordo com cada domicílio eleitoral: Flávio presente no terreno carioca, enquanto Eduardo Bolsonaro no paulista.

Em termos quantitativos podemos observar que ambas as postagens estão abaixo da média de engajamento. A presença marcante na rede ocorre pela recorrência, dando visibilidade constante sobre o tema. As pautas religiosas e a centralidade da família heteronormativa na sociedade tinham como instrumento de comunicação a discussão sexual, que em alguns casos envolviam crianças como forma de ir mais longe.

A questão militar vinha acompanhando a narrativa de ordem em meio ao caos no *Facebook* de Jair Messias Bolsonaro desde o seu ingresso na rede. Foi seu principal ponto de interconexão e avanço sobre o campo político.

É possível que a guerra como estratégia seja a continuação da política. Mas não se deve esquecer que a “política” foi concebida como a continuação senão exata e diretamente da guerra, pelo menos do modelo militar como meio fundamental para prevenir o distúrbio civil. A política, como técnica da paz e da ordem internas, procurou pôr em

funcionamento o dispositivo do exército perfeito, da massa disciplinada, da tropa dócil e útil, do regimento no acampamento e nos campos, na manobra e no exercício (FOUCAULT, 1986, p. 151).

O militarismo seria necessário na política como forma de colocar ordem, funcionando como uma técnica que consegue trazer a paz, a normalidade. Essa desordem social acontecia, supostamente, em consequência da instabilidade do campo cultural, da quebra dos padrões tradicionais, que no universo bolsonarista tinha culpados bem definidos: os homossexuais.

Dentro da dinâmica de fomentação do ódio, além da legitimação de discursos e práticas que interdita questões sexuais anormais, existe algumas estratégias bem definidas. A primeira delas é o processo de criminalização, um gay é enquadrado como um pedófilo. A segunda é a personalização institucional, o PT é o grande responsável por tudo isso. Em seguida, vem os instrumentos que potencializam essa narrativa, as crianças e as redes sociais. Por fim, a produção de *fakes* dentro do contexto de produção de medos e pânico morais. Ou seja, é necessário resgatar a autoridade (militar) perdida para eliminar tudo isto.

O termo parece nos mostrar um caminho propício para descrever as formas autoritárias que tentam reverter o quadro descrito acima. Isto acontece pela possibilidade de conjugar o discurso da guerra (as forças armadas devem entrar em campo para atuar) e as estratégias de combate ao inimigo (no bolsonarismo representados pelos gays e a esquerda). Ademais, remete ao histórico violento de controle, na medida em que se refere às instituições militares, as quais estiveram à frente da ditadura e de outros momentos de agressão do Estado contra coletivos em luta ou em resistência (TELES, 2018).

Sustentamos que a militarização não se restringe à presença de forças de segurança na esfera pública. Trata-se do termo de definição das redes que infinitamente derivam em conexões de forças descentralizadas. Referimo-nos aos discursos, estratégias, instituições, arquiteturas, performances, representações, entre tantos outros artefatos que eventualmente possam relacionar e efetivar técnicas e tecnologias de condução das subjetividades. Assim, não existiria um ponto central ou de intersecção das estratégias e ações do militarismo. A estrutura repressora do Estado e o governo das subjetivações cristalizam os elementos de dominação, fundamentalmente em torno do racismo, do patriarcalismo e da diferença de classes (TELES, 2018, p. 68).

Esta conjugação de fatores é a principal causa de crescimento do antipetismo pós manifestações de 2013? Não temos como mensurar, mas também não há como negar que é algo que faz parte deste processo que desencadeou na vitória eleitoral de 2018.

Os sentimentos negativos advindos daquele processo que ocorreu em junho/13, inclusive as ideias de desordem e caos, passaram a serem atribuídos ao lulismo e petismo, algo otimizado pelas retóricas já mencionadas a partir do bolsonarismo. Outra questão que potencializa o sentimento de ódio ao PT e a Lula/Dilma é a Lava Jato e a narrativa de corrupção que foi constituída na mídia tradicional.

Nesse sentido, apesar da força devastadora da operação que dominou a cena da política brasileira, era algo que teve pouca presença na página do ex-capitão. Em todas as postagens, o ex-juiz Sérgio Moro aparece em dois retratos; e o termo Lava-Jato é mencionado uma única vez.

Porém, mesmo a operação anticorrupção com sede em Curitiba não ser algo explorado diretamente por Bolsonaro, é preciso trazer esse contexto para compreender o todo.

Na América Latina e no Brasil há um cenário de exaustão da Onda Rosa, na qual governos à esquerda, de caráter progressista, estiveram à frente de muitos países da região no início do século. Parte do antipetismo organizado no processo do impeachment se radicalizou progressivamente desde 2015, deixando de lado as ilusões de que o Judiciário poderia resolver os problemas do sistema político e passando a apostar nos militares como arautos da ordem – o que naturalmente foi acompanhado de uma defesa de um suposto legado positivo da ditadura militar (CARAPANÃ, 2018, p. 33).

O caos não aconteceu somente nas ruas de 2013 em diante. Não era restrito ao campo político e às disputas eleitorais. Ele tinha como causador, segundo a narrativa bolsonarista, o Partido dos Trabalhadores (PT), representados por Luís Inácio Lula da Silva (hoje presidente) e Dilma Rousseff, ex-presidenta. Tinha um tema central, os valores familiares (heteronormativos) que estão ameaçados. As principais vítimas eram apresentadas nas redes, as crianças.

Existiam outras dimensões dessa narrativa que também aparecem no contexto que antecede às manifestações de junho, mas que foram potencializadas desde então, até que desaguou na vitória de um ex-capitão na eleição de 2018.

O pano de fundo da militarização na história recente é a ideologia do inimigo interno elaborada na ditadura e potencializada nas últimas décadas. A democracia manteve a concepção de segurança pública como a guerra contra o inimigo, este variando entre “bandidos”, militantes de movimentos sociais, jovens negros e pobres, loucos, traficantes, pessoas LGBTIs, indígenas. Em junho de 2013 e em outros momentos de conflitos fora da média aceita pelas políticas de contenção (ocupações secundaristas, “Não vai ter Copa”, “Fora Temer”, luta por moradia), combinou-se a repressão policial com a produção do inimigo e o elogio de um poder higienizante e pacificador (TELES, 2018, p. 67)

Todavia, o alvo central e principal instrumento de mobilização no *Facebook* de Jair Messias Bolsonaro são pessoas LGBTIA+. Como contraponto é formatado um culto a masculinidade estruturada diante dos valores militares, algo que deve ser garantido ao futuro de nossas crianças através da educação.

Esse processo disciplinar busca um contínuo ato de eficiência, instituindo uma utilidade no sujeito e uma referência de si, especialmente no universo econômica, que passa a ser determinante, surgindo a necessidade de colocar em discussão.

Conseguimos dimensionar como a questão militar, que é parte da identidade de Bolsonaro, foi fundamental para constituir o ex-capitão enquanto mensageiro da ordem em meio ao caos. A instabilidade de padrões, como o sexual, era visualizada para gerar incômodos, sentimentos, ódio.

Como ficou evidente, a questão religiosa e familiar não eram os eixos centrais no percurso de constituição do bolsonarismo levando em consideração as imagens publicadas em sua rede. Essas pautas funcionavam como instrumentais para constituir inimigos, de modo especial aqueles posicionados à esquerda.

Para além dos temas, linguagem e estética, precisamos trazer as questões temporais, como isto foi distribuído dentro do lapso de tempo que compreende o ingresso na rede (junho de 2013) até o momento de sua vitória eleitoral (28 de outubro/2018). Diante disso, decidimos fazer a relação da data de cada postagem com o tema principal, sendo desenhado o seguinte quadro.

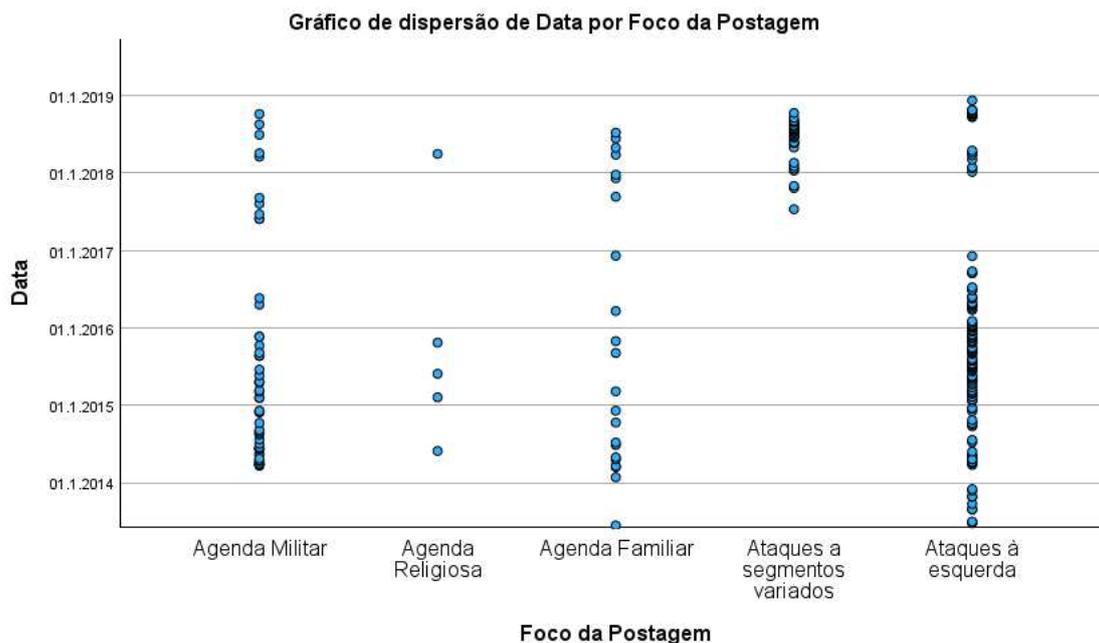


Figura 27. Material coletado e sistematizado pelo autor entre maio e junho de 2023.

O ponto de partida da moldura acima é a já observada escassez de agenda religiosa, algo enfrentado acima. Totalizam apenas cinco, apesar disso, foi destaque a força do bolsonarismo entre religiosos. Todavia, a religião é um artifício de ataque aos inimigos, de modo especial à esquerda, personalizada no PT e PSOL, enquanto partidos; Além de Lula e Dilma como personagens.

Outra questão que merece algum tipo de menção é a constância das postagens relacionadas à família Bolsonaro. Isto acontece em decorrência desses *posts* estarem vinculados a aniversários dos filhos, sendo algo concentrados nos três que ocupam espaços políticos (Flávio, Carlos e Eduardo).

Superada essas duas observações, é preciso destacar como a agenda militar domina o primeiro momento de existência da rede. O que era uma impressão no momento da coleta e dos primeiros contatos com o material empírico, foi confirmado na sistematização. Boa parte das publicações nessa seara estão entre 2013 e 2016. Após isso, não deixam de existir, mas não acontece na mesma intensidade.

Paralelo as questões militares, algo que tem muita força no momento inicial são os ataques à esquerda, só que aqui conseguimos visualizar um volume muito maior de

postagens. Ou seja, o inimigo, culpado por tudo isto são eles; a solução, somos nós: militares.

Além disso, teve uma outra questão que só conseguimos visualizar depois do gráfico acima: a constituição de Bolsonaro enquanto *outsiders* só acontece com intensidade significativa enquanto se aproxima o processo eleitoral de 2018. O alvo inicial estava bem desenhado (a esquerda), mas vai se ampliando. Um exemplo são as críticas ao Ministério Público, ao Supremo Tribunal Federal (STF) e à imprensa, que aumentam em recorrência com a proximidade da disputa presidencial.

Como já observamos, especialmente no que se refere à sexualidade, a pauta militar, personalizada por um ex-capitão do exército funciona como uma técnica de ordem em meio ao caos, e este é um dos instrumentos utilizados na rede de Bolsonaro como forma de agregar ao seu capital dentro de uma perspectiva eleitoral.

Isto foi utilizado como lugar de fala, ele primeiro se colocou enquanto membro das forças armadas, para em seguida destilar os discursos, algo que legitimou suas posições e levou suas falas para núcleos sociais que vão muito além das redes sociais virtuais, essas funcionando como instrumentos.

A ênfase nos princípios morais que o neoconservadorismo tem seria o antídoto contra o caos dos direitos individuais a que o neoliberalismo leva [...] para o neoconservadorismo/neoliberalismo não havia sociedade, apenas indivíduos. Isso, porém, no limite, pode levar à completa desagregação social. A coação, assim, passa a ser necessária para manter a ordem. Por isso os neoconservadores enfatizam a militarização. Militarização para manter a estabilidade e a lei e a ordem, dentro e fora do país, estimulando o medo contra inimigos reais e imaginários (LACERDA, 2019, p. 47-48).

De maneira geral, tentamos demonstrar, como o militarismo pode ser considerado uma base sólida para ascensão do bolsonarismo. Algo que perpassa as temáticas, avançando em agenda, chegando até as performances. A partir disto houve uma progressão sobre a sexualidade e a constituição de inimigos.

3.4- O VISÍVEL E O INVISÍVEL, AMBOS FALAM

Ao longo desse nosso percurso, que começa bem antes da escrita, tentamos dimensionar para o leitor como o texto é reflexo de uma série de erros e acertos, encontros e desencontros, idas e vindas, que são constituídos ao longo de uma trajetória. Transmitir isto em palavras foi um primeiro desafio, pois era necessário descrever o não-dito como forma de explicar o dito.

Assim seguimos, apresentado todo um arcabouço teórico, metodológico e empírico, que enquanto era deslindado nossas reflexões já aconteciam, eram apresentadas, as escolhas questionadas e os rastros dos caminhos percorridos serviam de ensinamentos para outros desafios.

Ficou evidente que tomamos algumas decisões enquanto esse texto ganhava vida, outras aconteceram anteriormente, mas todas eram baseadas no que encontramos enquanto o material era coletado e sistematizado.

Diante desse quadro, depois de tudo que já foi trabalhado, percebemos que até agora mostramos recorrências, repetições e padrões que funcionaram como chaves explicativas, demonstrando correlações que ajudam a entender a ascensão de um ex-capitão do Exército até a Presidência da República.

Mas, também captamos que existia o não-exibido, que dentro de uma abordagem mais atenta, também poderia apresentar padrões. Ou seja, dentro da captação das repetições que são apresentadas, conseguimos encontrar replicações do invisível, algo pouco trabalhado nas questões envolvendo a *internet* e o mundo *online*.

Para chegarmos até o não visto, primeiro precisamos estruturar o visto, sistematizando o visível de acordo com padrões quantitativos, que apresentarão indícios das invisibilidades. Assim, tomamos como base, sendo nosso ponto de partida, o alcance de todas as postagens armazenadas de acordo as métricas já estabelecidas.

Sempre traçamos como alegoria explicativa, para facilitar a compreensão das páginas virtuais, a exemplo do *Facebook*, uma rede de pescador. Cada nó¹³⁷ seria um

¹³⁷ Em redes de comunicação, um nodo ou nó (do latim nodus, "nó") é um ponto de conexão, seja um ponto de redistribuição ou um terminal de comunicação. A definição de um nó depende da rede e da camada de protocolo referida. Um nó de rede física é um dispositivo eletrônico ativo que está ligado a

perfil ou página que se conecta, através de curtidas, comentários ou compartilhamentos, com outras centenas ou milhares de núcleos.

Esse tipo de métrica define o nível de envolvimento, no mundo virtual, com as publicações de determinado perfil. Ou seja, indica que a pessoa estabeleceu algum tipo de atitude em relação ao conteúdo visualizado, conseqüentemente conectando, estabelecendo uma relação com alguma postagem.

Neste sentido, quanto maior for o engajamento, maior serão as possibilidades de disseminar determinado conteúdo na rede, resultando uma maior atração do público para o nó, ou melhor, para página. Assim,

O engajamento, por outro lado, é bem mais difícil de medir, pois trata-se de algo qualitativo e não quantitativo. Do meu ponto de vista, o engajamento é uma medida mais focada no capital social gerado pela apropriação da ferramenta. Seus valores estão relacionados com a utilidade, a percepção de valor para a rede social, o sentimento gerado em torno dos usuários que participam da ferramenta. Uma ferramenta com um bom engajamento é aquela que é apropriada de forma original e útil por uma determinada rede social e que mantém esse interesse, normalmente ou através da própria apropriação, que cria novos usos, ou da inovação do sistema. No entanto, o engajamento não é criado de forma automática, mas o resultado da apropriação orgânica da ferramenta. E como medir esses elementos? É preciso, novamente, primeiro observar se eles existem e depois explorar como podem ser ampliados e melhorados para a comunidade que utiliza o sistema (RECUERO, 2009, p. 01).

Somos levados a existir enquanto seres que tem personagens no universo virtual, isto passa por um processo de engajamento gerado e percepções de quem você é. O falar não é transmitido apenas por palavras, é significado por interações no mundo *online*. A existência atual passa por visualizar e ser visualizado, colocando essa chave de observação em lugar privilegiado.

A visibilidade é uma das questões centrais do mundo virtual, estar nas redes passa por ver e ser visto. Os mecanismos que concretizam esses processos passam por

uma rede, e é capaz de enviar, receber ou transmitir informações através de um canal de comunicação. Um nodo ou nó representa cada ponto de interconexão com uma estrutura ou rede, independente da função do equipamento representado por ele.

diversos discursos e práticas, algo que perpassa a exposição da intimidade, narrativas de ódio, além de corpos e sexualidades editáveis.

Com base no material coletado e armazenado, decidimos sistematizar as informações que caracterizam as 10 (dez) postagens com maior engajamento na página do *Facebook* de Jair Messias Bolsonaro. Abordamos a sequência do *post*, a data, os elementos textuais e temáticos, além dos personagens. Vejamos,

Posição	Sequência	Data	Engajamento	Pauta	Elementos e frases de efeito dentro do contexto geral	Elementos textuais	Elementos Temáticos	Personagens
1º	843	27/10/2018	694.000	Eleição 2018: imagem postada no domingo pela manhã.	Meu Partido é o Brasil	ATÉ A VITÓRIA, SE DEUS QUIZER!	Nacionalismo	Bolsonaro
2º	525	29/01/2017	632.000		Bolsonaro me representa	“Prefiro o presídio cheio de vagabundos do que o cemitério cheio de inocentes”	Punitivismo	Mulher jovem (branca) não identificada
3º	778	16/09/2023	408.000	Facada: cena da internação.	Brasil Acima de Tudo! Deus Acima de Todos!	- Olá amigos! -Hoje, às 16:50 fui autorizado pela equipe médica do Hospital Albert Einstein a me dirigir a vocês através de uma live em meu Facebook, que peço que compartilhem. - Creio que esse breve pronunciamento pode trazer notícias e apreensões que tenho para o futuro do nosso Brasil. - Grato pelo apoio, consideração, orações e confiança.	Auto exposição	Bolsonaro
4º	69	04/04/2014	542.000	Manifestação popular	Fora PT, leva Dilma c/ Você!	Não fui torturada! Sou de 1920! Eu sobrevivi ao regime militar!!! Porque não matei, não assaltei, não explodi carros e muito menos roubei armas! *Sem nenhum arranhão	Regime Militar	Idosa (branca) identificação
5º	761	28/08/2018	536.000	Eleições 2018: Livro mostrado na entrevista do Jornal Nacional	Livro com ensinamentos sobre sexo.	- Um dos livros que ensinam sexo para crianças nas escolas que a Globo não quis mostrar!	Gênero e sexualidade	Bolsonaro

6º	276	01/07/2015	503.000	Maioridade penal	“OBRIGADO GOVERNO DILMA CONTE CONOSCO PARA 2018”	184 DEPUTADOS, AO VOTAREM CONTRA REDUÇÃO DA MAIORIDADE, COLOCARAM-SE AO LADO DOS MENORES ESTUPRADORES, HOMICIDAS E TRAFICANTES. PT, PcdB e PSOL foram unânimes contra a PEC e muitos deputados apadrinham essa ONGs. Quanto mais menores vagabundos, mais essas cenas entidades faturam.	Punitivismo	Crianças (negras) sem identificação com armas
7º	52	13/03/2014	410.800	Direitos Humanos	Menores		Punitivismo	Maria do Rosário em recorte de jornal
8º	89	02/05/2014	383.000	Direitos Humano	Direitos Humanos para Humanos Direitos	Eu prefiro uma cadeia lotada de vagabundo, estuprador, homicida, ladrão, do que um cemitério lotado de inocentes!	Punitivismo	Bolsonaro
9º	781	18/09/2018	360.000	Facada: no leito do hospital com caneta e papel.			Auto exposição	Bolsonaro
10º	373	21/12/2015	322.000	Pesquisa	Datafolha: intensão de voto para Presidente	- Pela 1ª vez o Datafolha inclui meu nome para a corrida presidencial. - Abaixo o cenário 1, onde apareço com 4%. Um abraço a todos!	Corrida presidencial	Candidatos e candidatas a Presidente

Tabela 1. Postagens com maiores engajamentos da página, material coletado e sistematizado pelo autor entre maio e junho de 2023

A postagem com maior engajamento aconteceu em 27 de outubro de 2018, véspera da eleição presidencial que levou ao Palácio do Planalto o ex-capitão do Exército. Foram exatos 694.000 (seiscentos e noventa e quatro mil) curtidas, comentários e compartilhamentos.

Na imagem, o ex-presidente vestia uma camisa amarela que trazia a seguinte frase: “MEU PARTIDO É O BRASIL”, ou seja, não temos partido, estamos acima disto, confirmando o discurso de um suposto *outsider* nacionalista. Na moldura textual a transmissão de confiança no resultado com elementos religiosos: “ATÉ A VITÓRIA, SE DEUS QUISER”.

Além do contexto de intensa mobilização, que compreende a proximidade do desfecho de um processo eleitoral, estamos falando de uma conjuntura atípica, que teve como parte do enredo a prisão de Lula e a própria facada desferida contra Jair Bolsonaro.

O *post* com maior alcance em termos de engajamento sintetiza o que vinha sendo trabalhado na rede, desde o seu ingresso, em junho de 2013. Assim, é perceptível uma simbiose de elementos nacionalistas e religiosos personificados na figura de um ex-capitão do Exército.

A segunda imagem com mais força dentro da rede envolve uma mulher e foi publicada em janeiro de 2017, chegou ao patamar de 632.000 (seiscentos e trinta e duas mil) interações. Vejamos,



Figura 28. Imagem 525 da sequência, material coletado da página de Jair Bolsonaro no *Facebook*. Material coletado pelo autor entre maio e junho de 2023.

No retrato, uma mulher branca segura um cartaz com o seguinte texto: “prefiro o presídio cheio de vagabundos do que o cemitério cheio de inocentes”. Como podemos perceber, a retórica é agressiva contra aqueles que cometem algum tipo de crime, destilada por alguém que configura um cidadão de bem.

Essa é uma das poucas cenas que uma mulher é protagonista em termos de fotografia. Apesar disso, a narrativa não está vinculada ao universo feminino, passa por uma conexão ou representação de Bolsonaro, o reforço da retórica de ordem em meio ao caos. Ou seja, existem inimigos que precisam ser combatidos e isto supera qualquer outro tipo de discussão ou questionamento.

O primeiro comentário no enquadramento é do próprio Jair Bolsonaro, uma *self* com sua mãe, algo que reforça a tentativa de aproximação com as mulheres. Mas, nessa busca por conexões, parte do masculino em direção ao feminino. A mulher na imagem funciona como uma alegoria, um instrumento, assim como são as crianças para questionar a quebra no padrão heteronormativo.

A terceira postagem, seguindo a sequência da tabela acima, é a primeira publicação que ocorre posteriormente a facada sofrida pelo então candidato a Presidente em Juiz de Fora, Minas Gerais. Na imagem, uma cena dele no hospital e uma reafirmação do *slogan* de campanha: “Brasil Acima de Tudo! Deus Acima de Todos!”. Além disso, há uma convocação para a *live* que seria realizada no mesmo dia (16/09/2023), às 16 horas e 50 minutos.

Assim como a primeira, a passagem por eventos de alta repercussão no mundo real, facilita o engajamento *online*. Ou seja, o que é compartilhado por perfis deve ser levado em consideração dentro de uma estrutura maior, que envolve narrativas, concepções, disputas pela opinião pública e seus efeitos, além do forte impacto de eventos.

Quando algo é postado, o tema contido na imagem pode ser fruto de acontecimentos, gerando maior possibilidade de engajamento, pois há uma mobilização em outros canais de interação social sobre a temática, sejam eles virtuais ou no cotidiano das pessoas, como as conversas que acontecem na mesa de jantar ou na sala de estar.

A quarta publicação com maior interação segue o padrão da segunda. Uma postagem antiga de uma mulher que segura algum tipo de mensagem, levando a ideia da necessidade de ordem, dessa vez com o resgate da ditadura militar.



Figura 29. Imagem 69 da sequência, material coletado da página de Jair Bolsonaro no Facebook. Material coletado pelo autor entre maio e junho de 2023.

Na fotografia, uma senhora, branca, segurando um cartaz com um texto elogiando o regime militar: “Não fui torturada! Sou de 1920! Eu sobrevivi ao regime militar!!! Porque não matei, não assaltei, não explodi carros e muito menos roubei armas! *Sem nenhum arranhão”. Ou seja, o período sem democracia no Brasil só foi ruim para bandidos, como assassinos, assaltantes e ladrões.

Mais uma vez uma mulher funciona como instrumento da narrativa. Os inimigos são colocados de maneira taxativa e desenhados no patamar de criminosos. Não só, estes são atrelados à esquerda, de maneira específica ao PT e à Dilma Rousseff.

Assim como na outra publicação que traz uma mulher segurando o cartaz, não se faz nenhuma referência a condição do feminino enquanto agente social ou político no contexto retratado, seja no período militar, seja na contemporaneidade. São apenas colocadas como alegorias de uma narrativa que tenta resgatar o passado.

Chegando a quinta imagem dentro do *ranking* estabelecido, ela foi postada durante o período eleitoral, após a entrevista de Bolsonaro ao Jornal Nacional em que fez

menção a um livro que, supostamente, ensinava sexo para crianças. Os diversos elementos envolvidos aqui já foram trabalhados de alguma maneira. As crianças, assim como as mulheres, funcionam como canais para uma narrativa.

Além disso, estamos tratando de um acontecimento midiático, com capacidade de comunicação com as massas, no jornal televisivo mais assistido do país, que conforme já foi mencionado, gera repercussão por outros meios e facilita a possibilidade de engajamento na rede.

As três postagens seguintes, entre as 10 (dez) com maiores engajamentos ranqueadas, tratam de questões envolvendo a criminalidade, seja por menores, seja pautando os Direitos Humanos. A nona é a imagem de Bolsonaro caminhando no hospital, ao lado de Carlos Bolsonaro, após a facada e a última, dentro da tabela acima, faz referência a uma pesquisa que posiciona o Capitão na disputa presidencial.



Figura 30. Imagem 276 da sequência, material coletado da página de Jair Bolsonaro no Facebook. Material coletado pelo autor entre maio e junho de 2023.

A figura 30 (imagem 276 da sequência), por exemplo, é a sexta postagem com maior engajamento no Facebook de Jair Messias Bolsonaro no período que compreende seu ingresso na rede social até sua vitória na corrida presidencial de 2018.

Depois de fazer um passeio geral, decidimos encerrar essa análise específica com o retrato acima, pois navegamos entre análises quantitativas e qualitativas sem ter

um limiar definido, o que facilita abordagens detalhadas ao mesmo tempo funciona como mecanismo de detecção de padrões.

Como podemos perceber, crianças (negras) aparecem segurando armas, mais uma vez reforça a construção dos inimigos através da superexposição infantil e atrela a possível marginalidade destes ao PT, com a correlação textual à Dilma. O debate é sobre a maioria penal, mas há redução retórica, dentro de uma lógica causa/efeito que é utilizada como instrumento performático no campo político via redes virtuais.

De maneira geral e sintética, das dez postagens com maior engajamento, duas estão relacionadas à facada; uma com a possibilidade de vitória eleitoral; outras duas referente às mulheres emoldurando discursos que apresentam a necessidade ordem; três sobre a criminalidade e direitos humanos; uma sobre sexualidade infantil e outra que faz referência à pesquisa eleitoral.

Seja como pedófilo ou traficante, a esquerda e de forma especial o PT, precisa ser combatido. As redes e as crianças funcionam como mecanismo de propagação. Como contraponto a isto vai sendo construída a necessidade de uma gestão militar, com foco na ordem e com as bênçãos de Deus.

Pelo que foi apresentado até aqui, vai ficando desenhado como algumas narrativas, temas e personagens aparecem na rede virtual de Bolsonaro e como ele vai canalizando algumas facetas dos acontecimentos sociais do Brasil numa perspectiva de constituição do seu capital político, algo que impacta na perspectiva de vitória eleitoral.

De alguma maneira, de formas diferentes e com percepções diversas, essas questões já foram apresentadas dentro de um quadro explicativo de ascensão do bolsonarismo e da direita no Brasil. Aqui, precisamos ir além. É necessário avançar sobre um terreno, ainda pouco explorado, como chave analítica do bolsonarismo: o recorte de gênero.

Nos dedicamos, durante muito tempo, a demonstrar os elementos misóginos no *impeachment* de Dilma Rousseff (PT). Tentamos visualizar como os questionamentos ao feminino que ocupava um espaço de poder, tradicionalmente pertencente ao masculino, foram parte de um processo violento que derrubou a primeira mulher eleita e reeleita pelo voto popular da Presidência.

Ao ir sistematizando os dados destacados ao longo dessa travessia, algo foi sendo apresentado e, aos poucos, percebemos como a invisibilidade feminina estava presente

no *Facebook* de Bolsonaro. Mas, não só. Como as mulheres eram elementos instrumentais para narrativas que o feminino não exercia nenhum tipo de protagonismo.

Assim, conseguimos verificar indícios, através das redes, de como os elementos sexistas e misóginos que derrubaram uma Presidenta via impedimento também contribuíram para ascensão de Jair Messias Bolsonaro, devolvendo ao masculino o seu espaço institucional de poder.

3.5- A MISOGINIA E O CULTO AO MASCULINO COMO FORÇA POLÍTICA

"Eu gostaria, em primeiro lugar, de agradecer enormemente ao Sesc Pompeia por não ter cancelado a conferência em que participo", foi a frase de abertura da filósofa Judith Butler em palestra ministrada na cidade de São Paulo, em novembro de 2017. Na frente, enquanto o evento acontecia, manifestantes repudiavam a sua presença na capital paulista com cartazes.



Figura 31. Imagem coletada da reportagem do Jornal EL PAÍS¹³⁸ sobre a guerra entre progressistas e ultraconservadores na agenda de Judith Butler ao Brasil.

Na fotografia, uma senhora branca (olha o padrão do cidadão de bem) segurando um cartaz que atrelava Butler à pedofilia. Perto, uma placa em defesa da “Escola sem Partido”. De cara, percebemos que, de alguma forma, esses elementos também estavam na rede de Jair Messias Bolsonaro ao longo de nossa abordagem. Ou seja, havia algo concreto acontecendo e o ex-capitão sabia como se conectar com esse público.

Para além disso, quando armazenamos essa reportagem do jornal EL País na coleta de arquivos, algo que fizemos tomando como base os acontecimentos (como já relatado), ainda não tínhamos iniciado o mergulho nas redes de Bolsonaro. Todavia, já estava na trilha do doutorado.

Na ocasião, foi assustador ver a pensadora, que tinha sido nossa base filosófica no Mestrado, ser atacada dessa forma, sendo acusada de um crime. Mesmo assim, guardamos o material, poderia ser útil em algum momento no transcurso de produção da Tese.

Como colocamos acima, e de maneira introdutória no primeiro capítulo, não conseguimos visualizar um olhar na perspectiva de gênero para explicar a ascensão do conservadorismo no Brasil. Então, desde a defesa da dissertação tentamos virar essa página, sem conseguir observar qualquer tipo de conexão, através desse recorte, entre o *impeachment*, a misoginia e Bolsonaro.

E assim navegamos, conforme já transcrito, entre diversos recortes teóricos, a exemplo do neoconservadorismo e o neoliberalismo, tomando como objeto as redes sociais de maneira geral, na tentativa de explicar a chegada do Capitão ao posto de Presidente da República.

Ao decidir focar na sistematização das postagens, partimos de questões até então já trabalhadas como chaves explicativas na compreensão do bolsonarismo, algo que, de fato, estava presente na rede dele, a exemplo do militarismo e das questões sexuais.

¹³⁸ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2017/11/07/politica/1510085652_717856.html
Acesso em: 30/07/2023

Tentamos, dessa forma, deslindar novas facetas e estratégias de comunicação, algo já observado em momentos anteriores.

Quando começamos a armazenagem das postagens de forma sistematizada, um padrão já foi sendo apresentado: não conseguíamos encontrar mulheres nas imagens publicadas no *Facebook*. No primeiro momento a explicação pronta foi a recorrência da agenda militar, o que não deixa de ser uma verdade.

Mas, isto nos levou a transformar em dados a presença feminina nas publicações, algo que pode ser observada adiante, sendo o pontapé inicial da problematização.

		Frequência	Porcentagem	Porcentagem válida	Porcentagem acumulativa
Válido	0	645	76,4	76,4	76,4
	1	131	15,5	15,5	91,9
	2	33	3,9	3,9	95,9
	3	9	1,1	1,1	96,9
	4	6	,7	,7	97,6
	5	5	,6	,6	98,2
	6	6	,7	,7	98,9
	8	1	,1	,1	99,1
	9	2	,2	,2	99,3
	10	3	,4	,4	99,6
	11	1	,1	,1	99,8
	15	1	,1	,1	99,9
	18	1	,1	,1	100,0
	Total	844	100,0	100,0	

Figura 32. Presença de mulheres nas postagens de Jair Messias Bolsonaro no Facebook. Material coletados e sistematizado entre maio e junho de 2023.

A tabela foi montada tomando como base a variável da presença de mulheres nas imagens. Conforme pode ser verificado acima, tivemos um recorte que parte de nenhuma ocorrência feminina (coluna da esquerda, que acontece em 645 postagens), até a presença de 18 (dezoito) mulheres na fotografia da publicação (que ocorre uma única vez).

Ou seja, vale observar que em 645 (seiscentos e quarenta e cinco) postagens, o que representa cerca de 76,4% em termos relativos no total de 844 (oitocentos e quarenta e quatro), não aparece nenhuma mulher na imagem. Em termos quantitativos, só esses números já demonstravam a invisibilidade feminina nesse núcleo digital de Bolsonaro.

Precisamos ir adiante, captar mais elementos, tomando como ponto de partido os dados enquadrados acima, em 131 (cento e trinta e uma) publicações, o que representa 15,5%, apareceu apenas uma mulher na fotografia.

Em análises ao longo do texto, é perceptível que quando aparecem nas publicações, o feminino é colocado, na maioria das vezes, como um inimigo, sofrendo ataques violentos. Como exemplo, podemos mencionar que Dilma Rousseff (PT) tem 51 (cinquenta e um), Jandira Feghali (PC do B) 8 (oito) e Maria do Rosário 4 (quatro) recorrências, todas sofrendo algum tipo de agressão.

Ou seja, mesmo sendo uma parcela pequena, em termos percentuais, a presença feminina nas imagens do *Facebook* de Jair Messias Bolsonaro, quando estão visíveis, em boa parte dos casos, sofre algum tipo de violência.

Quando elas não aparecem enquanto alvos, o papel do feminino é, assim como as crianças, algo instrumental para o masculino. Isto ficou, ainda mais, evidente na tabela dos maiores engajamentos, em que mulheres aparecem segurando cartazes com exaltação da ditadura militar ou dizendo que Bolsonaro lhe representa.

Outra questão que também me fez observar esse aspecto do bolsonarismo é a ausência de Michelle ao longo das imagens coletadas na rede. Entre 2013 e 2018, ou seja, no lapso temporal de cinco anos, ela só aparece três vezes, sempre no papel de esposa, nunca enquanto mulher.

Os elementos misóginos que estiveram presentes na queda de Dilma Rousseff (PT) também fizeram parte do processo de ascensão de Bolsonaro, e assim como a questão militar, foi parte constitutiva de sua atuação, algo que vai muito além de qualquer enquadramento enquanto narrativa.

Para o sociólogo e autor do Dicionário de Sociologia, Allan G. Johnson,

A (misoginia) é um aspecto central do preconceito sexista e ideológico, e, como tal, é uma base importante para a opressão de mulheres em sociedades dominadas pelo homem. A misoginia é manifesta em várias formas diferentes, de piadas, pornografia e violência ao autodesprezo que as mulheres são ensinadas a sentir pelos seus corpos. (JOHNSON, 2000, p. 312)

A misoginia foi um dos aspectos centrais na queda de Dilma Rousseff (PT), com tons de violência em suas várias acepções, manifestando-se e sendo instrumentalizado

por diversas práticas e discursos, sobretudo a destilação do ódio. A desvalorização do feminino é naturalizada por uma gama de múltiplas ações e performances que referendam posições sociais tradicionalmente estabelecidas.

Assim, um recorte de gênero pode nos ajudar a entender como a visibilidade feminina na sociedade atual funciona como fator de instabilidade do padrão de masculinidade heteronormativa e isto, de alguma forma, foi algo canalizado politicamente por Jair Bolsonaro.

Ao contrário das mulheres, a sexualidade é protagonista na rede, mas como um instrumento de defesa das zonas naturalizadas através de coerências, que se manifestam pela voz que defende padrões historicamente contingentes e estabelecidos. Percebe-se, assim, como as práticas e convenções sociais a produzem e estão inseridas dentro das relações de poder.

A sexualidade, aqui resgatamos os ensinamentos de Foucault, é um prolongamento de uma analítica de poder, este que se articula sempre sobre discursos de veridicção. “Muito mais do que um elemento do indivíduo que seria excluído dele, é constitutiva dessa ligação que obriga as pessoas a se associar com sua identidade na forma da subjetividade” (REVEL, 2005).

Diante dessas ferramentas, podemos fazer uma conexão específica com a tentativa de controle do “sexo”, pauta central do neoconservadorismo. Assim, incorporando um processo de verificação, a sexualidade é colocada como centro da existência, o ligando a uma verdade, sobre si (FOUCAULT, 1979).

A sexualidade é o nome que se pode dar a um dispositivo histórico: não à realidade subterrânea que se apreende com dificuldade, mas à grande rede da superfície em que a estimulação dos corpos, a intensificação dos prazeres, a incitação ao discurso, a formação dos conhecimentos, o reforço dos controles e das resistências, encadeiam-se uns aos outros, segundo algumas grandes estratégias de saber e de poder (FOUCAULT, 2015, p. 100).

As substâncias, ou o natural, seriam coerências contingentes criadas e qualquer elemento que contrarie essas verdades torna-se inimigo, devendo ser atacado (sexualidade) ou silenciado (feminino), algo bem presente ao longo de toda uma trajetória de mobilização política bolsonarista.

Tomando como ponto de partida os ensinamentos de Butler para compreensão do gênero enquanto performance, podemos observar o masculino, que tenta ser reafirmar enquanto posição de poder e dessa forma consegue se mobilizar numa perspectiva política.

“Gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras do gênero” (BUTLER, 2016, p. 56). Diante disso, pode determinar as posições hierárquicas ocupadas, o que deve ser aceito ou não.

A ordem compulsória do sexo/gênero/desejo segue esse caminho de atuação, estabelecendo, superficialmente, unidade às categorias homem/mulher. Assim, conseguimos avançar na análise dos aspectos de mobilização de um ator político, diante do olhar de gênero, com questões relacionadas ao masculino.

Essa discussão desmonta qualquer cristalização de identidades. O que encontramos são atuações, gestos, performances e práticas repetidas que substanciam uma origem. “Não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero, essa identidade é performativamente constituída pelas próprias expressões tidas como seus resultados” (BUTLER, 2016, p. 56).

Nestes termos, segundo Butler, as estruturas jurídicas da linguagem e da política constituiriam o campo contemporâneo do poder, não havendo posição fora dele. Todavia, seria possível estabelecer uma genealogia crítica das práticas de legitimação destes pilares, colocando como ponto de partida o presente histórico.

É compreensível como a pensadora norte-americana tornou-se inimiga dos neoconservadores, mas não é algo de fácil explicação. Mais uma vez verificamos uma retórica que simplifica como instrumento de destilação do ódio, algo vivenciado pela própria Butler na sua visita ao Brasil.

As raízes dessa agressividade ajudam a explicar não só as performances contra a filósofa, mas toda uma dinâmica que derrubou Dilma e é parte constitutiva do Bolsonarismo. Estamos falando da defesa de coerências e contingências historicamente estabelecidas, lugares privilegiados de poder, que não aceitam qualquer tipo de questionamento: uma masculinidade, que vai ficando cada vez mais agressiva.

Dentro dessa discussão, é preciso mergulhar nos elementos do conceito de poder posicionados como instrumentos que servem de proteção aos lugares privilegiados e que não aceitam ameaças, a exemplo do padrão heteronormativo.

Essa forma de poder que se aplica à vida cotidiana imediata categoriza o indivíduo, marca-o pela sua própria individualidade, liga-o à sua própria identidade, impõe nele uma lei da verdade que ele deve reconhecer e que outros devem reconhecer nele. É uma forma de poder que faz, dos indivíduos, sujeitos (FOUCAULT, 1983, p. 212).

Ou seja, algo dinâmico, processual e temporal. Uma convergência complexa de relações instáveis. Ao definir uma determinada relação de poder estamos tratando de uma situação específica, historicamente significada.

Por isso nossa análise passou pela observação dos mecanismos de saber-poder determinantes na subjetivação. “A forma da nossa existência, isto é, a forma pela qual somos pressionados a nos comportar e a de nos reportar ao outros e a nós mesmos” (DARDOT e LAVAL, 2010, p. 5).

O campo político e suas relações não estão imunes a um encadeamento de acontecimentos que subjetivam o indivíduo, tornando-o sujeito, mas, ao mesmo tempo, submetendo a relações de poder invisíveis, que sobrevivem com as instabilidades e o reforço de uma racionalidade mercadológica.

Dentro dessa abordagem, o Estado é colocado como principal agência que ativa subjetivações, regulando a economia em favor das empresas, expandindo os mercados. Enquanto isso, suas políticas sociais buscam reformar as condutas e a moral, disciplinando as populações (ANDRADE, 2019).

A análise em tempos de poder não deve postular, como dados iniciais, a soberania do estado, a forma da lei ou a unidade global de uma dominação; estas são apenas e, antes de mais nada, suas formas terminais (FOUCAULT, 2001, p. 88).

A ameaça à heteronormatividade não se restringe a questão de gênero, é algo que vai além, adentrando a toda uma dinâmica de poder e subjetivação. O olhar, numa perspectiva masculino/feminino, ajuda como caminho analítico e aponta novas luzes sobre o processo de ascensão de Jair Bolsonaro.

Fica evidente como o Capitão do Exército soube tirar proveito das frustrações masculinas construindo performances que reafirmavam uma suposta superioridade masculina, o que transmitia segurança nas relações, algo que seria fundamental à estabilidade social. Enfim, a ordem em meio ao caos.

É frequente, além da agenda militar já destacada, a presença de Bolsonaro em eventos que representam um tipo de masculinidade, como rodeios, vaquejadas e jogos de futebol; além da sua postura em fotografias e o uso de trajes esportivos.

Além de tudo isto que transita entre a invisibilidade feminina e as performances do masculino como instrumentos de mobilização política, algo foi bem representativo de como o olhar de gênero ajuda a explicar a força do bolsonarismo e como isto foi bem aproveitado através das redes: as publicações do dia internacional da mulher entre 2013 e 2018.



Figura 33. Imagem 224 da sequência, material coletado da página de Jair Bolsonaro no Facebook. Material coletado pelo autor entre maio e junho de 2023.



Figura 34. Imagem 424 da sequência, material coletado da página de Jair Bolsonaro no Facebook. Material coletado pelo autor entre maio e junho de 2023.



Figura 35. Imagem 534 da sequência, material coletado da página de Jair Bolsonaro no Facebook. Material coletado pelo autor entre maio e junho de 2023.



Figura 36. Imagem 653 da sequência, material coletado da página de Jair Bolsonaro no Facebook. Material coletado pelo autor entre maio e junho de 2023.

As imagens já falam muito, mas vamos a algumas observações. Primeiro que em 2014 não tem nenhuma postagem relacionada ao Dia Internacional da Mulher. Em seguida, elas não aparecem como protagonistas em nenhum ano, ou seja, não são visibilizadas.

Mais uma vez o recurso utilizado são as crianças, seja a filha Laura, sejam desconhecidas. Aqui vai além de uma estratégia de comunicação, é uma justificativa simplória e razoável para deixar o feminino no campo da invisibilidade, a retórica: futuras mulheres.

Inúmeros papéis são destacados nos textos, todavia, em nenhum deles o protagonismo é do feminino. Nesse sentido, podemos observar o conjunto de palavras presente na postagem 424, publicada em 8 de março de 2016.

DIA INTERNACIONAL DAS MULHERES!

Hoje comemora-se mais um importante dia onde celebramos a existência de quem junto com os homens, lado a lado, são responsáveis pela existência da família; as mulheres.

MALDOSOS E OPORTUNISTAS são aqueles que as colocam como seres inferiores.

A ausência de mulheres na imagem já fala muito, mas precisamos ir além. No corpo do texto o termo é vinculado a figura masculina através do vocábulo família. A celebração deve acontecer de forma conjunta, sem qualquer possibilidade de festejos restritos ao feminino.

Seja como mãe, chefe da casa ou esposa, elas podem ocupar diversos lugares, mas, jamais, serem vistas como algo que sobreponha ou deslegitime o padrão performático de masculinidade heteronormativa. Ou melhor, elas devem continuar invisíveis.

Quando comecei meu trajeto, que desembocou na escrita desse texto, não imaginava que questões de gênero fossem me ajudar no processo de compreensão do fenômeno Jair Messias Bolsonaro. Todavia, o contato com o material de pesquisa deslindou invisibilidades, que eram encobertas por identidades, e deixavam de lado possíveis discussões sobre esse tipo de recorte para compreensão de fenômenos sociais e políticos cujo objeto envolvessem homens.

Isto explica o bolsonarismo em sua integralidade? Acredito que não e nunca foi nosso objetivo. Mas, não há como negar o papel decisivo das performances de Capitão do Exército como forma de mobilização. Isto, somada a outras questões observadas ao longo da Tese, ajudam na percepção do contexto que levou a vitória de Bolsonaro, com margem expressiva de votos, em outubro de 2018.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mais importante que qualquer fim, representado por uma conclusão, o ponto central desse trabalho passa por sua travessia. Foi isto que tentamos transmitir ao longo deste enredo: a construção, os meandros, as idas, as vindas, os encontros e desencontros, o não dito, mas, sobretudo buscando visualizar o invisível.

Não foi um processo fácil. Apesar de longo, uma dinâmica de militância que vem desde a juventude, a intensidade foi uma marca que ganhou os contornos textuais. Todo esse trajeto deixou um imenso aprendizado que vai muito além das questões acadêmicas envolvidas.

Ao ingressar na universidade, durante muito tempo, acreditamos que uma base teórica seria fundamental para análises vindouras, essa verdade persistiu até as tentativas de instrumentos de exames. Desde então, dedicamos muito tempo e energia a enquadramentos em arcabouços metodológicos por acreditarmos ter encontrado nosso porto seguro, mais uma ilusão. A dinâmica reflexiva só aconteceu, de fato, com a escrita e foi fruto desses momentos anteriores.

Diante disso, definido o nosso problema e o campo de atuação, inúmeros desafios foram colocados, talvez, o principal deles foi a percepção que o tema havia envelhecido, que não existiria nada de novo para ser apresentado sobre a ascensão de Jair Messias Bolsonaro (PL, antes no PSL) ao Palácio do Planalto, algo que nos foi dito por algumas vezes enquanto seguíamos tentando encontrar o não dito.

Uma lição que ficou como aprendizado e uma insegurança que novas e novos pesquisadores não precisam passar nas suas caminhadas: sempre haverá algo que ainda não foi visualizado nos fenômenos sociais e as Ciências Humanas devem contribuir com dimensões diversas das já constituídas pelo próprio campo de conhecimento. Ou seja, devemos não ter medo problematizar o já problematizado, não importa a sua temporalidade ou volume de produção já acumulado.

Perante o exposto, começamos, no primeiro capítulo, partindo do pressuposto que os acontecimentos gravam determinadas (in)visibilidades, o que tentamos demonstrar como elementos primordiais nas escolhas durante a jornada teórica, no

procedimento de acúmulo do material empírico e nas observações iniciais, algo que tentamos transmitir ao longo da Tese.

O ponto central, começo e fim, foi a visibilidade e invisibilidade das questões de gênero como forma de explicar fenômenos políticos. Ao superarmos o *impeachment* de Dilma Rousseff (PT) enquanto fato histórico que deu bastante perceptibilidade ao feminino, algo que gerou um incômodo no masculino, desencadeando diversas agressões que foram canalizadas para figura da ex-presidenta, acreditamos ter superado o sexismo enquanto chave explicativa do Brasil atual, representado pela ascensão de um militar ao cargo de Presidente.

Essas performances não ficaram restritas às figuras mencionadas que davam proeminência ao tema, impactou nas relações cotidianas. As mulheres, de maneira geral, foram atingidas em variadas dimensões e os homens empoderados para buscarem legitimar seus lugares de privilégios, através de agressões simbólicas e reais que eram reflexo e refletidas nas ações de um Capitão do Exército.

Um dos fatores que contribuíram para ofuscar essa construção analítica, no primeiro momento e de maneira imediata, foi o governo Michel Temer (MDB) e seu papel potencializador da agenda de reformas neoliberais, algo que dominou a pauta midiática e as mobilizações nas redes e nas ruas.

É senso comum do campo político que as questões econômicas são predominantes nas perspectivas eleitorais: “se a economia vai bem, o governo vai bem”. Isto não deixa de ser uma verdade, mas outras facetas não podem ser ignoradas e foi o outro lado da histórica que tentamos deslindar ao longo do nosso trabalho.

Durante o processo eleitoral que deságua na vitória de Jair Messias Bolsonaro (então no PSL) na corrida presidencial de 2018, aparece de forma mais ostensiva as questões neoconservadoras, o antipetismo e a figura do militar. Paulo Guedes, no recorte temporal da campanha, junto às questões liberais, funciona de fato como um “Posto Ipiranga”.¹³⁹

Em seguida convivemos com o início de seu governo que é marcado pelo casamento de aparência entre o militarismo e o capital financeiro. A agenda do caos predominou como elemento mobilizador. Todavia, diferentemente do que aconteceu

¹³⁹ Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/eleicoes-2022/posto-ipuranga-em-2018-guedes-some-da-campanha-de-bolsonaro-em-2022> Acesso em: 12/08/2023

enquanto trajetória até o Planalto, agora o Capitão estava no comando de compromissos governamentais, não bastava criar problemas imaginários, era fundamental a resolutividade das adversidades reais.

Todavia, mesmo sendo responsável pela solução dos contratemplos enquanto chefe do executivo, não era incomum embates com adversários fantasiosos, isto acontecia atrelada a tentativa de criar acontecimentos que gerassem o domínio de pautas conservadoras no noticiário, representando engajamento nas redes. Deste modo, o bolsonarismo seguiria na sua zona de conforto.

Um evento mudou a humanidade e impactou diretamente na narrativa conservadora: a Pandemia e o COVID-19. Nesse contexto, os gays foram substituídos por vacinas, a defesa do militarismo perdeu protagonismo para cloroquina, em quem antes atacava agora se defendia. Uma mudança de rota provocada por um inimigo bem real, que estava ceifando vidas.

Desde então, houve uma mudança de rumo nos itinerários em curso, impactando na queda de popularidade do então Presidente e metamorfoseando constantemente os seus posicionamentos na tentativa de reencontrar o trajeto que lhe deu a vitória eleitoral em 2018.

Vale observar que mesmo não conseguindo derrotar Luiz Inácio Lula da Silva (PT) em 2022, o Capitão do Exército, mesmo com todas as adversidades já narradas, se torna um candidato competitivo, conseguindo 58 (cinquenta e oito) milhões de votos colocando a disputa em patamares bem acirrados.

Vivenciar tudo isto me fez tentar explicar o período que antecede 2018, ou seja, a ascensão de Jair Bolsonaro (hoje no PL) até o Planalto pelos acontecimentos que sucederam sua vitória, um erro só reconhecido após a etapa de qualificação e ao aprofundarmos nossas observações no material coletado até então.

Posteriormente, depois das inquietações provocadas pelos questionamentos, avançamos na delimitação da página do *Facebook* de Jair Bolsonaro enquanto objeto e, em seguida, coletamos as imagens postados desde sua inserção na rede até o domingo de outubro que representa sua vitória como o 38º Presidente eleito do Brasil.

Depois de armazenado o arquivo, o que representa 844 (oitocentas e quarenta e quatro) *prints*, tentamos transformar em números os principais componentes das postagens, fazendo um desenho quantitativo, um panorama geral. Nesse itinerário, que

percorremos por diversas vezes, terminamos por fazer uma abordagem qualitativa de cada *post*. Então, partimos para escrita.

Exatamente no dia 16 de junho de 2023 (estamos fechando o texto em 14 de agosto do mesmo ano) começamos a escrita, ou seja, toda a parte redacional foi construída em apenas dois meses. O que poderia ser considerado um empecilho transformamos em produtividade ao nos mantermos constantemente conectados, focados.

Apesar da intensidade e importância que produção textual ganhar em trabalhos acadêmicos é necessário observar que a articulação dessas palavras, da forma que aconteceu, só foi possível pela existência de uma caminhada que antecedeu, seja como aluno do mestrado e do doutorado, como militante, ou enquanto advogado, entre outras questões que nos constituíram enquanto sujeitos.

Diante disso, fizemos questão de fazer do texto o reflexo de alguém que vivenciou processos políticos nas suas diversas facetas e espaços, seja visitando de porta em porta eleitores, ocupando a coordenação de campanhas em disputas violentas, tirando do papel projetos sociais que consideramos relevantes ou alguém que sentiu na pele alguns dos sabores vivenciados nos últimos anos em consequência da atuação de um governo conservador.

Tentamos retirar o protagonismo do pesquisador abstrato, sem lugar, sem trajetória, que coloca a pesquisa apenas como fruto de uma produção acadêmica, teórica e metodológica. Ele esteve presente, mas não só.

Cada decisão foi justificada, contextualizada, colocada dentro de uma circunstância que não esteve presa aos muros da universidade, mantendo o diálogo com fontes e campos diversos, sendo algo que foi transmitido de fora para dentro, invertendo a lógica tradicional de validação do conhecimento.

Assim seguimos colocando como contexto geral o neoliberalismo. O neoconservadorismo entrou enquanto força que ganhou protagonismo nos últimos anos em disputas do campo político. As redes virtuais como ferramenta que altera as dinâmicas e potencializa fenômenos sociais. Bolsonaro atuou como personagem que consegue canalizar esse elemento para sua vitória na disputa presidencial de 2018. Mas, como ele conseguiu isto?

Deus, Pátria, Família e Liberdade. A partir desses quatro termos, que estão atualmente na fotografia de capa na página do *Facebook*, partimos para compreensão do

universo de narrativas do capitão, enquadrando e deslindando os significados atribuídos aos vocábulos de acordo com os diálogos que tomaram como base as questões teóricas envolvidas.

Posteriormente trabalhamos a visibilidade atribuída aos inimigos na página, como eles foram sendo construídos com a delimitação de alvos bem definidos, sendo a culpabilização e a criminalização da esquerda atributos dos ataques, ocorrendo de modo especial contra o Partido dos Trabalhadores (PT), através dos seus principais protagonistas: Lula e Dilma.

Isto aconteceu de forma peculiar com a visibilidade e correlação aos atores externos, dentro de uma construção política que atualizou os termos da “Guerra Fria”, sobressaindo a figura de Fidel Castro como seu representante maior, mas também aparecendo Nicolás Madura, Evo Morales e Kadafi, que são constantemente relacionados às figuras petistas, símbolos do fantasma do comunismo.

Um outro tema que ganha evidência no território *online* em análise é a sexualidade, que além da *internet*, tem outro instrumento que legitima os discursos e potencializa as performances: as crianças. Elas são expostas como as principais vítimas da quebra do padrão heteronormativo, que tem como foco a defesa de uma masculinidade que deixa as mulheres no plano da invisibilidade.

Isto vai ficando patente quando detectamos as soluções apresentadas pelo próprio Jair Bolsonaro como forma de ordenar um suposto caos no padrão sexual e, principalmente, na forma de ser homem: o militarismo, uma necessidade que foi sendo construída ao longo do tempo, fomentada, que deveria tomar conta de todos os aspectos da vida, inclusive e principalmente da educação.

O outro instrumento ratificador dos discursos conservadores que são verbalizados através do ex-capitão do Exército é a criminalização e interdição da homossexualidade, que é equiparada à pedofilia. Mais uma vez o universo infantil é utilizado como propulsor de uma narrativa, dessa vez com um grau performático e violento maior, sendo a religião a outra solução anunciada e premeditada, mas que não atinge o protagonismo militar.

Dentro do processo de abordagem, à medida que avançamos, foi ficando evidente como as mulheres eram protagonistas nas postagens por suas ausências, uma inviabilidade que era visível, algo que falava não só sobre o universo feminino, mas,

principalmente, sobre as performances de uma masculinidade que precisava ser reafirmada constantemente e que funcionou como elemento mobilizador para o Capitão. Isto não era algo novo, fez parte do processo de *impeachment* sofrido por Dilma Rousseff (PT).

Uma das principais obras que encara essa questão da heteronormatividade é justamente *Gender Trouble*, ou “Problemas de Gênero” em português, lançado em 1990 pela pensadora norte-americana Judith Butler, uma outra inimiga real e imaginária dos conservadores e com quem dialogamos como forma de analisar a própria masculinidade exercitada através de performances, sem realidades preexistentes.

As certezas masculinas vêm sendo desconstruídas ao longo dos últimos anos diante de avanços importantes das mulheres no mercado de trabalho e na própria política, por exemplo. Isto desencadeou uma maior visibilidade delas na sociedade, transformando-as em alvos preferenciais de uma postura reativa dos homens.

Não poderíamos deixar de registrar o protagonismo ocupado pela ex-presidenta Dilma Rousseff (PT), representando de forma simbólica todo esse processo descrito acima, com a sua ocupação de um espaço tradicionalmente ocupado pelo masculino e, portanto, sendo alvo das diversas formas de agressões já relatadas.

Passamos por um processo de transformação de uma exposição do universo feminino para uma dinâmica de invisibilidades, ambos os formatos sendo caracterizados e legitimados por algum tipo de violência gênero e canalizados politicamente em diferentes contextos.

Ou seja, as duas técnicas são faces da mesma moeda, o uso do sexismo como ferramenta de mobilização eleitoral. Diante disso conseguimos perceber que não importa a roupagem, a misoginia é um elemento que nos ajuda na compreensão da violência política dos últimos anos.

O padrão de uma masculinidade heteronormativa funciona como um eixo central da sociedade, ordenando o seu funcionamento, interditando as “ameaças” homossexuais e fazendo silenciar as inseguranças provadas por uma nova dinâmica de protagonismo do feminino.

Em outras palavras, estamos diante de uma norma que quando não é respeitada traz inúmeras sanções aos seus infratores, algumas dessas punições observadas dentro do

processo de construção performática de Jair Bolsonaro enquanto representante dessa masculinidade. A simplificação retórica deu outros significados ao termo heteronormativo: “opressão homossexual, das minorias”, “O PT quer liberar a pedofilia”, “querem que seu filho seja gay”.

Assim como as mulheres foram atingidas em seu cotidiano com a visibilidade da violência sofrida por Dilma Rousseff (PT), Jair Bolsonaro transformou a identidade masculina, identificada nas performances de um militar, evolvidas por práticas e discursos, no instrumento de representação que foi mobilizado eleitoralmente.

Voltamos ao diálogo com Butler (2016) e como ela consegue ser cirúrgica na descrição da sociedade falocêntrica em que vivemos.

A ordem simbólica cria a inteligibilidade cultural por meio das posições mutuamente excludentes de “ter” o Falo (a posição dos homens) e “ser” o Falo (a posição paradoxal das mulheres). A interdependência dessas posições evoca as estruturas hegelianas da reciprocidade falha entre o senhor e o escravo, particularmente a inesperada dependência do senhor em relação ao escravo para estabelecer sua própria identidade, mediante reflexão (BUTLER, 2016, p. 86)

A quebra de paradigmas provocada pela pensadora norte-americana, inclusive trazendo questionamentos epistemológicos e ontológicos no campo do conhecimento, além de suas problematizações às identidades e aos olhares relacionados ao recorte de gênero, ajuda na compreensão do mundo atual e do próprio ódio a ela, falando muito sobre tudo que passamos até aqui.

Não só, é bem representativo fechar esse trabalho citando uma autora que nos acompanha desde o mestrado e que acreditamos, por algum tempo, ter ficado lá, no passado, dentro da dinâmica explicativa do impedimento de uma Presidenta, mas que ela já dizia, lá atrás, ser possível utilizá-la para explicar eventos que impactam no universo masculino.

Tentamos, ao longo deste percurso, apontar o funcionamento de uma performatividade que coloca a masculinidade heteronormativa como centro das relações sociais e que foi mobilizada politicamente por um Capitão do Exército, com elementos identitários e padrões militares de como ser homem.

O militarismo já havia ganhado significado de diversas formas na compreensão do fenômeno Jair Bolsonaro, mas nós o encaramos como mais um mecanismo, que serviu de porta de entrada, de instrumentalização eleitoral, dentro da narrativa de implantação da ordem em meio ao caos.

Quando o debate envolve a quebra dos padrões, da destituição dos lugares privilegiados ocupados pelo masculino, em decorrência de uma visibilidade da homossexualidade, os discursos foram além de silenciamentos. Ser gay foi caracterizado enquanto doença biológico e social, sofrendo uma criminalização como forma de interdição.

Para Foucault, entender os mecanismos usados para constituir objeções que ganham seu *status* e são nomeados como problema é o norte filosófico para encontrarmos situações históricas, nomeadas de acordo com interesses sociais (FOUCAULT, 2001, p.171).

Foi isto que tentamos traduzir ao longo do nosso itinerário, desenhando as objeções apresentadas por Jair Bolsonaro que incomodavam os homens e foram transformadas em distúrbios, ao mesmo tempo em que ele exibia as normas de reorganização social supostamente necessário.

O olhar de gênero como chave explicativa de um fenômeno político que tem como objeto uma figura masculina foi nosso maior desafio. Esse foi, talvez, o nosso principal aprendizado, só percebido enquanto os últimos desfechos eram desenvolvidos, e algo que tentamos mostrar como possibilidade para novos estudos.

A invisibilidade feminina é muito visível na página do *Facebook* de Jair Messias Bolsonaro, mesmo assim é um terreno pouco problematizado como forma de compreensão do bolsonarismo e seus reflexos na sociedade, algo que passa pelo campo político, mas também pelas relações cotidianas, entre familiares, vizinhos ou amigos virtuais.

Não é um simples silenciamento, foi algo carregado de violência, nas suas diversas facetas, que serviu para reafirmar um padrão de masculinidade hegemônica, alcançando vários aspectos da vida em sociedade e que foi potencializado pelo uso da *internet*.

Portanto, saímos de uma discussão de gênero, focada na misoginia, como forma de explicar o ódio à Dilma Rousseff (PT) e o *impeachment* e terminamos usando os mesmos elementos para explicar a chegada de Jair Bolsonaro ao espaço de onde ela foi retirada.

Nesse itinerário inúmeras questões não ficaram invisíveis, como o contexto neoliberal, o avanço neoconservador, as redes, além da busca de ordem em meio à narrativa do caos. Podemos concluir que o Capitão não ama as mulheres e diversos homens que se sentem inseguros em amar como forma de se relacionar com elas, sem outros tipos de dominação, foram transformados em bolsonaristas. De fato, alguns homens amam ser e/ou os próprios homens.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, Gustavo de Castro Patrício de. Evangélicos e a nova direita no Brasil: os discursos conservadores do neocalvinismo e as interlocuções com a política. 42º Encontro Anual da Anpocs: SPG 09 – Direitas no Brasil contemporâneo, 2018.

ANDRADE, Daniel Pereira. O que neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. Revista Sociedade e Estado – Volume 34, Número 1, Janeiro/Abril – 2019.

ARAÚJO, VICTOR. Igrejas evangélicas apresentaram crescimento vertiginoso no Brasil nas últimas décadas. In Jornal da USP, 2023. Disponível em: <https://jornal.usp.br/radio-usp/igrejas-evangelicas-apresentaram-crescimento-vertiginoso-no-brasil-nas-ultimas-decadas/> Acesso em:06/08/2023

BAUMAN, Zygmunt. Medo líquido. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

BIROLI, Flávia. O rastro da onda: derrocada dos direitos e moralismo compensatório. Blog da Boitempo. 2017.

BOURDIEU, Pierre. A dominação masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

BROWN, Wendy. 2006. American Nightmare: Neoliberalism, Neoconservatism, and Democratization” em Political Theory.

BROWN, Wendy. Nas ruínas do neoliberalismo: a ascensão da política antidemocrática no ocidente. São Paulo: Editora Filosófica Politéia, 2019.

_____. The Psychic Life of Power: Theories in Subjection. Stanford: Stanford University Press, 1997

BUTLER, Judith P. Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade. 10ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, Judith. Discurso de ódio: uma política do performativo. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

CASTELLS, Manuel. *A Sociedade em Rede*; tradução Roneide Venancio Majer; atualização para 6ª edição: Jussara Simões. – (A era da informação: economia, sociedade e cultura; v.1) São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASSINO, José Francisco. *O sul global e os desafios pós-coloniais na era digital in Colonialismo de dados: como opera a trincheira algorítmica na guerra neoliberal*. Organizadores: Sérgio Amadeu da Silveira, Joyce Sousa, João Francisco – São Paulo, SP, 2021.

COHEN, Stanley. *Folk Devils and Moral Panics: The Creation of Mods and Rockers*. London, MacGibbon & Kee, 1972.

CUNHA, Luiz. *A retórica conservadora no Brasil contemporâneo e a produção de identidades políticas*. XVII Congresso brasileiro de sociologia. Porto Alegre (RS), 2015.

DARDOT, P.; LAVAL, C. *La nouvelle raison du monde: essai sur la société néolibérale*. Paris: La Découverte, 2010.

DARDOT, P.; LAVAL. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. 1ª ed. – Boi Tempo, São Paulo, 2016.

DUNKER, Christian e colaboradores. *Para uma arqueologia da psicologia neoliberal brasileira*. In *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1ª ed.; 2ª reimpressão – Belo Horizonte. Autêntica, 2021.

FRANÇA, V. R. V. *Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?* In: MOTTA, L. G.; WEBER, M. H., 2001

FIGUEIREDO, Rubens. *A espiral do silêncio e a escalada da insatisfação*. In: RUBENS FIGUEIREDO (org.). *Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado*. São Paulo: Summus, 2014. P. 23-38.

FORNASIER, M. de O., & BECK, C. (2020). *CAMBRIDGE ANALYTICA: ESCÂNDALO, LEGADO E POSSÍVEIS FUTUROS PARA A DEMOCRACIA*. *Revista Direito Em Debate*, 29(53), 182–195.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. The Subject and Power, in: DREYFUS, Hubert L. e RABINOW, Paul. Michel Foucault: Beyond Structuralism and Hermeneutics. Chicago: University of Chicago Press, 1983.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão; tradução Lígia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Vozes, 1986.

FOUCAULT, Michel. Resumo dos cursos do Collège de France: 1970-1982. Tradução de Andrea Daher. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1997.

FOUCAULT, Michel. Fearless Speech - Lectures at the University of California. Los Angeles: Semiotext, 2001.

FOUCAULT, Michel. A Ordem do Discurso. 10. ed. São Paulo: Loyola, 2004

FOUCAULT, Michel. A Ética do Cuidado de Si Como Prática da Liberdade. In: FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. Col. Ditos e Escritos V. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004b.

FOUCAULT, Michel. Conceitos essenciais/Judith Revel; tradução Maria do Rosário Gregolin, Nilton Milanez, Carlo Piovesani. - São Carlos: Claraluz, 2005.

FOUCAULT, M. Segurança, Território, População. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhe. 35. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. A coragem da verdade: o governo de si e dos outros, vol. II. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: WMF/Martins Fontes, 2011.

FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade 1: A vontade de saber. São Paulo, Paz e Terra, 2015

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2011.

FRIEDMAN, M. Capitalismo e liberdade. Rio de Janeiro: Abril cultural, 1984.

GOHN, Maria Glória Marcondes. Manifestações de protesto nas ruas no Brasil a partir de Junho de 2013: novíssimos sujeitos em cena. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 16, n. 47, p. 125-146, jan./abr. 2016.

GRAMACHO WG, TURGEON M. Whe politics collides with public health: COVID-19 vaccine coutry of origin and vaccination acceptance in Brazil. VAccine. Elsevier; 2021.

ISABELLY, Cristiany Chaves de Lima. A INVENÇÃO DO MITO JAIR MESSIAS BOLSONARO E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA CRISTÃ-HETERONORMATIVA COMO RETÓRICA POLÍTICA. Campina Grande, 2021.

JOHNSON, Allan G. Misogyny. In: Blackwell Dictionary of Sociology: a User's guide to sociological language. Oxford: Blackwell Publishing, 2000

LACERDA, Marina Basso. O novo conservadorismo brasileiro: de Reagan a Bolsonaro. Porto Alegre, RS: Zouk, 2019.

LIMA, Elizabeth Christina de Andrade; LIMA, Isabelly Cristiany Chaves. Conservadorismo, neoconservadorismo e Bolsonaroização. 2020.

MARINHO, Cristiane. PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO, GOVERNAMENTALIDADE NEOLIBERAL E RESISTÊNCIA: uma leitura a partir de Michel Foucault e Judith Butler / Cristiane Marinho. - 2020.

MARSHALL, Macluhan; FIORE, Quentin. O meio são as mensagens. Rio de Janeiro: Record, 1969.

MAGENTA, Matheus; GRAGNANI, Juliana; Souza, Felipe. Eleições 2018: Como telefones de usuários do Facebook foram usados por campanhas em disparos em massa no WhatsApp. BBC News Brasil em São Paulo e Londres, 2018. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-45910249> Acesso em: 15 de jul. de 2023.

MELLO, Patrícia Campos. Empresários bancam campanha contra o PT pelo WhatsApp. Folha de São Paulo, 2018. Disponível em:

<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/10/empresarios-bancam-campanha-contra-o-pt-pelo-whatsapp.shtml> Acesso em: 15 de Jul de 2023.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. *Cadernos Pagu* (28). Janeiro-junho de 2007. P. 101-128.

NETO, Gustavo Adolfo Ramos Mello e JÚNIOR, Maurício Cardoso da Silva. A Sedução divina no neopentecostalismo: um estudo psicanalítico in *Revista Mal-estar e subjetividade*, VOL. X, nº 3, p. 757-786, Fortaleza, Setembro/2010.

OLIVEIRA, Valéria Marques de. Narrativa como método de pesquisa in *Revista Valore, Volta Redonda*, 5 (Edição Especial): 37-51, 2019

PIERUCCI, Antonio Flávio. Representantes de Deus em Brasília: a bancada evangélica na Constituinte. *Ciências Sociais Hoje*, 1989.

PRADI, J. R. Catolicismo e Família: transformação de uma Ideologia”, in *Cadernos CEBRAP*. São Paulo, n. 21, 1975.

PRINS, Baukje. MEIJER, Irene Costeira. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Rev. Estud. Fem.* vol.10 no.1 Florianópolis Jan. 2002

QUINTELA, Débora, Françolin. A direita bolsonarista: neoliberalismo, neoconservadorismo e a instrumentalização política da família. In 44º Encontro Anual da ANPOCS - SPG13 - Direitas no Brasil contemporâneo, 2020.

RECUERO, Raquel. Métricas para Mídia Social: discutindo retenção e engajamento, 2009. Disponível em: <<http://www.raquelrecuero.com/arquivos/2009/11/metricas-para-m.html>> Acesso em: 27 jul. 2023

SAFATLE, Vladimir. A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral. In *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. 1ª ed.; 2ª reimpressão – Belo Horizonte. Autêntica, 2021.

SENELART, Michel. Situação do curso. In: *Segurança, Território, População: curso dado no Collège de France (1977-1978)*, Michel Foucault; edição estabelecida por Michel Sennelart, sob a direção de François Ewald e Alessandro Fontana; tradução Eduardo Brandão; revisão da tradução Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2008a. (Coleção Tópicos).

SOLANO, Esther. Crise da Democracia e extremismos de direita. Friedrich Ebert Stiftung. Análise, nº 42, 2018.

TIBURI, Márcia. A máquina misógina e o fator Dilma Rousseff na política brasileira, 2016. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/maquina-misogina-e-o-fator-dilma-rousseff-na-politica-brasileira/>> Acesso em: 06 ago. 2023

TOGNOZZI, Marcelo S. A força das redes. In: RUBENS FIGUEIREDO (org.). Junho de 2013: a sociedade enfrenta o Estado. São Paulo: Summus, 2014. P. 73-86.

VASCONCELOS, Fabíola Mendonça de Mídia e conservadorismo: o globo, a folha de S. Paulo e a ascensão política de Bolsonaro e do bolsonarismo / Fabíola Mendonça de Vasconcelos. – 2021.

VIANA, Natália. A ascensão dos grupos conservadores nas redes sociais, 2015. Disponível em: <<http://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2015/06/a-direita-abraca-a-rede-1920.html>> Acesso em: 30 jul. 2023